

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — T. A. ARARIPE — Secretario — H. CASTELLO BRANCO — Gerente: A. J. BELLAGAMBA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

Brasil — Rio de Janeiro, Setembro de 1930

N. 201

Edição de 64 páginas

SUMMARIO

EDITORIAL

O proximo quatriennio e defesa nacional.....	717
--	-----

COLLABORAÇÃO

Barão do Triunpho — 1.º Ten. Paiva Chaves	722
Episódios da vida do 1.º Regimento de Artilharia — Gen. João Borges Fortes.....	725
Verdun — Kromprinz Guilherme (trad.).....	729
Artilharia Divisionaria (trad.) — Cap. Adhemar Mattos	731
Organização das promoções no Exército (trad.) — 1.º Ten. Alcindo Pereira	736
O que pensava Foch da Historia Militar (trad.).....	744
O Tiro da Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	745
Bilhete de São Jorge — Cmt. R. Battisteli.....	746
A instrução dos especialistas no quadro da Cia. I. — Cap. Mario Travassos	747
Aviação — Maj. Ivo Borges.....	749
As necessidades da Infantaria — 1.º Ten. Alcindo Pereira	754
A terceira parte do Regulamento Geral de Educação Physica — Maj. Segur	757
Notas sobre o emissor radio LL para aviões — Ten. Araripe Macedo.....	762
Regulamento geral de Educação Physica — Comissão do Ministério da Guerra	773

SUGGESTÕES

C. P. O. R. da 1.ª Região Militar — 1.º Ten. Nilo Guerreiro	768
Educação Physica não é só gymnastica — 1.º Ten. José Guimard Santos.....	769

SUBSIDIOS PARA A RESERVA

Exercício com tropa realizado na S. I. do C. P. O. R. da 1.ª Região Militar... ..	770
---	-----

DA REDACÇÃO

Commemoração da Independência	723
A educação e as novas doutrinas sociais	735
Dia do soldado	755
General Spire	766
Esboço de um método de estudo de Geographia	797
Bibliographia	779

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

T. A. Araripe, Humberto Castello Branco, A. J. Bellagamba (Directores) — Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mario Travassos, Bina Machado, A. Sevilha, Ajalmar Mascarenhas, Ivo Borges, Baptista Gonçalves, Arruda e R. Danton Teixeira (da Redação) — A. Chaves, Lamartine, A. Ancora, Admar Cruz (da Gerencia).

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. Jair.
E. M. E. — Cap. Pery Beviláqua.
2º Grupo Regiões — Cap. Aché.
Q. G. 1ª R. M. — Ten. Manoel Joaquim Guedes.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. I. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguialdo Caiado de Castro.
Dir. de Remonta — Cap. Gaudie Ley.
Ars. Guerra — Cap. Guaracy Salgado Freire.
Fabr. Cartuc. —
M. M. F. — 1º Ten. Sarmento.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
S. Radio do E. — Cap. Silva Lima.
E. E. M. — 1º Ten. Castello Branco.
Ser: Basílio da Silva.
E. A. O. — Cap. Lamartine.
E. C. — 1º Ten. Enio Garcia.
E. Av. M. — Ten. Quintella.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
2º Bda. I. — Cap. Paranhos.
E. Int. — Cap. Raul Dias de Sant'Anna.
C. M. — 1º Ten. Milton Souza
E. S. I. — 1º Ten. José C. de Araujo
Centro M. Ed. Phy. — Ten. Rolin.
1º R. I. — 1º Ten. Baptista Gonçalves.
2º R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3º R. I. — 1º Ten. Trajano Monteiro.

1º R. C. D. — 1º Ten. F. A. Rosas.
15º R. C. I. — Asp. Moreira.
1º Dist. A. C. — Cap. François.
1º G. A. Mth. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.
1º R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2º R. A. M. — Ten. Gabriel da Silva Santos.
1º G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Fortaleza de São João —
Fortaleza Santa Cruz —
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage —
Forte de Copacabana —
1º B. E. — Ten. Betanio Guimarães.
1º Cia. F. Viaria —
C. C. C. —
1º Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. —
1º Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspeção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1º C. R. M. — Cap. Jorge Duarte.
Regimento Naval —
Av. Naval —
Flot. Ss. — Cmt. Christiniano de Figueiredo.
P. M. D. F. — 1º Ten. Joaquim M. Amorim.
Corpo Bomb. C. F. —
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1º R. M. — 2º Ten. Szondy Sondy.
— Infantaria: Alumno Edmundo Janot.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2º D. I. — S. Paulo — Cap. Aurelio.
Q. G. 3º D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4º D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Paccá.
Q. G. 5º R. M. — Curytyba — Ten. Bunese.
Q. G. 6º R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7º R. M. — Maj. João Facó.
Q. G. 8º R. M. — Ten. Lage Sayão.
Q. G. Circuns. — M. Grosso — Campo Grande
1º Ten. Samuel Pires.
Fab de Polvora — Estrella —
Fab. de P. S. F. — Piquete — Ten. Levy B. tencourt.
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. C. na Europa — Paris. — Cap. J. B. Magalhães.

C. M. — Ceará — 1º Ten.
C. M. — Porto Alegre —
4º R. I. — Quitauna — 1º Ten. Langleberto Piñeiro Soares.
5º R. I. — (séde) Lorena —
5º R. I. — I. Btl. — Pinda — Ten. Bayard.
6º R. I. — Caçapava — Cap. Marius T. Netto.
7º R. I. — S. Maria — Cap. Aristede C. Mazza.
8º R. I. — Cruz Alta — Ten. Felicissimo de Azevedo.
9º R. I. — Rio Grande —
10º R. I. — J. de Fóra — 1º Ten. Itiberé Amral.
11º R. I. — S. J. d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.
12º R. I. —
13º R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1º B. C. — Petrópolis —

(Continua)

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — T. A. Araripe

Secretario — H. Castello Branco

Gerente — A. J. Bellagamba

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1930

N. 201

EDITORIAL

O proximo quatriennio e a defesa nacional

Em vespere do inicio de novo quatriennio governamental, é justo que a attenção das classes armadas, bem como a de todos os bons brasileiros que se preocupam com a defesa nacional, se voltem ansiosas para as idéas e intuições com que os novos dirigentes do paiz pretendam encarar esse magno problema. Essas attenções adquirem maior valia, quando se observa que elas são um mixto de esperanças e de desconfianças; esperanças em melhores dias, numa orientação segura e inteligente e numa solução do problema se não completa, pelo menos satisfactoria; desconfianças da notoria ignorância revelada pela mór parte dos nossos politicos no assumpto da defesa nacional, do descaso com que se olvidam as linhas principaes desse problema, da descontinuidade administrativa, fruto de enraizado amôr pelas innovações espectaculosas, das tentativas fracassadas em virtude da falta de conexão estabelecida por um programma prévio e de linhas bem firmadas.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se que o problema da defesa do paiz seja enfrentado com vontade, sinceridade e sabedoria, de maneira a não despedir os pequenos mas reaes ganhos conseguidos á custa de ingentes sacrifícios; a evitar que, apesar de consideraveis despesas, continue a Nação desarmada e venha ficar á mercé da ousadia e dos arrenganhos de outros povos mais fortes; e a dar realidade á illusão condemnavel em que vive o povo no tocante á sua segurança internacional.

E' preciso, sim, boa dose de vontade. Só ella será capaz de extirpar a falsa mentalidade que se vulgariza, principalmente nas classes cultas, através do desprestigio das necessidades da defesa nacional. Só ella será capaz de combater essa falsa mentalidade e levar os politicos e directores de opinião a dedicarem a essas necessidades o carinho e os esforços exigidos pela honra e integridade nacionaes. Só ella será capaz de afastar os obstaculos materiaes que se oppõem á realização de grande parte das medidas que contribuem para solução do problema.

A sinceridade tem tambem tambem ahi o seu quinhão. Ella afastará as promessas fallazes e os projectos que se apoiam em recursos inexistentes. Ella saberá sempre sobrepor os interesses collectivos, da nacionalidade aos interesses individuaes e ás explorações de qualquer natureza. Ella evitara as

prejudiciaes providencias de engodo para contornar as dificuldades e que têm a consequencia de retardar e difficultar a realização ulterior das medidas acertadas.

Finalmente, a sabedoria se traduzirá por um programma que "permittirá ao Governo marchar com segurança de quem sabe o que quer e o que pôde fazer, estabelecerá a indispensavel solidariedade entre os seus membros e impedirá que o secretario da guerra (por exemplo) inicie a resolução de um dos grandes problemas da nossa defesa para depois encontrar oposição na pasta da fazenda ou em qualquer outra, cujo auxilio se torne indispensavel á sua completa realização. ("Defesa Nacional" de 10-10-1918).

Em assumpto de tanta grandeza, envolvendo em si os mais lidímos interesses nacionaes e em que os erros e deficiencias podem tornar-se insuperaveis, não haverá lugar para experiencias, para improvisações, nem para demonstrações vaidosas de governantes menos avisados.

Mas, quando se pensa em programma e se firma orientação que deve reflectir-se sobre toda a vida de um organismo, não é crivel que se lhe imprima carácter pessoal attinente ao homem ou ao Governo que vai executá-lo.

O programma de realizações do Exercito e Armada, no sentido de alcançarem a sua efficiencia maxima, deve exprimir o pensamento e vontade destes, como parte integrante da propria essencia do organismo; deve ser o fruto de uma *doutrina* profundamente enraizada nos cerebros directores e amadurecida graças a estudos persistentes de seus órgãos especializados, sob a fórmula do Conselho de Defesa Nacional e o Estado Maior Mixto do Exercito e Marinha, de que falaremos mais adeante.

Quando daqui lembrámos as principaes peças desse programma, não nos move o intuito de nos sobrepor a esses órgãos especializados que certamente serão chamados a cooperar na feitura do programma militar e naval do novo Governo, mas apenas o desejo de contribuir com as nossas idéias, oriundas da auscultação paciente dos interesses da defesa nacional, para auxiliar as cogitações dos futuros responsaveis pelas cousas publicas.

Com isso, não esquecemos as dificuldades de realização desse programma, as quais exigem que "o homem de Governo conte com os problemas de

um ponto de vista superior, despreze as glórias artificiaes e ephemeris do presente pela justiça do futuro e disponha do perfeito conhecimento das condições do meio em que vai agir".

Ao mesmo tempo, impõe-se-ão ali grande experientia, "habilidade politica, energia opportuna, conciliação previdente, tolerancia razoavel, justiça relativa, tudo dominado pelo constante desejo de alcançar os objectivos estabelecidos".

"Com essas bases, illuminado por um espirito superior, preoccupied em continuar o que estiver certo, em aperfeiçoar o que estiver iniciado com intelligencia, provocar a collaboração de todos os capazes e afastar deliberadamente todas as praxes e idéas dissolventes lançadas com o firme proposito de impedir a marcha regular da machina administrativa e o surto da justiça, o governo estabelecerá o programma de sua victoria e conquistará o apoio ininterrupto de todos os elementos capazes de auxiliar-lhe para alcançá-la e firmá-la definitivamente". Eis o que publicava a nossa revista em 1918 e o que julgamos útil reproduzir aqui, pela justa applicação ao caso e momento actuais.

* * *

NO EXÉRCITO

E' sabido que a preparação da Nação para a guerra se integra em numerosos factores, dos quaes destacamos como os mais essenciais:

o commando (seu conceito e valor dos quadros);

a organização do pessoal;

o armamento e material;

a instrucção para a guerra (preparo e doutrinas);

o sistema defensivo do territorio (fortificações e comunicações); etc.

Traçam esses factores as grandes linhas de qualquer problema de defesa nacional.

O COMMANDO — A necessidade de bem caracterizar a acção dos órgãos de commando e de dar-lhes o cunho de realizadores effectivos não precisa ser aqui evidenciada. Nesse sentido, tudo se resume em dar execução completa ás providencias iniciadas ou esboçadas nestes últimos tempos — FUNCIONAMENTO DO CONSELHO DE DEFESA NACIONAL, APOIO E MAXIMA EFFICIENCIA AOS TRABALHOS DOS ESTADOS MAIORES, EXECUÇÃO CABAL DA LEI DO ENSINO, REALIZAÇÃO DE UMA LEI DE PROMOÇÕES compativel com as necessidades actuais do Exército, etc.

Sobre esses diferentes itens muitos commentarios temos bordado no sentido de auxiliar o encaminhamento das medidas que delles decorrem, com tudo repisaremos alguns aspectos que julgamos capitales.

Estão nesse pé o apparelhamento integral das escolas para que possam executar cabalmente todos os dispositivos da Lei do ensino e uma vontade firme de premiar o Exército com uma *Lei de promoções* ou, mais geralmente, de Quadros, justa e logica.

Sobreleva então o apparelhamento material da Escola Militar. Ao nosso ver era por ella que se devia ter começado a reforma do organismo militar. Uma Escola Militar, insuficiente no ponto de vista material, não poderá, de modo algum e por maiores que sejam os esforços da administração, professores e instructores, produzir officiaes *educados* e profis-

sionalmente preparados, no sentido desejável do termo. Ora, sabemos que a condição indispensável do successo é a fé e na nossa archaica Escola do Realengo se aprende desde o inicio a descrever nas nossas possibilidades de realização.

Já não queremos relembrar o exemplo da modelar Escola de West-Point, visitada pelo futuro Presidente da Republica, mas apontamos a Republica Argentina que apesar de já dispôr de uma Escola Militar (Collegio Militar) satisfactoria, vem ha annos construindo soberbas e completas instalações para os seus cadetes e em que vem consumindo sommas que demonstram a importancia com que lá se encaram os problemas da defesa nacional.

Não queremos que essas instalações surjam da noite para o dia, mas que se applique em sua construcção o processo adoptado na gigantesca obra do Arsenal de Marinha — um plano bem assentado e uma execução por parte de modo a attenuar o encargo financeiro.

PESSOAL

O problema da organização do pessoal se enfeixa, quasi que exclusivamente na *Lei do Serviço Militar*. Nesse assumpto, pensamos que se deve com urgencia attender aos conselhos dos technicos experimentados que com carinho têm trabalhado o problema. Dar *effectivo* ás unidades do Exercito de modo que a instrucção se processe effientemente e de modo a garantir a formação de reservas instruidas, constitue um dos melhores meios de angariar as sympathias das classes armadas que terão assim oportunidade de sentir a importancia de sua missão.

Exigir-se-á do novo Governo um acto de energia indispensável quer no sentido de realizar o *alistamento geral obrigatorio*, como o é na Argentina, por exemplo, quer para coibir os abusos do sorteio e a ausencia de incorporação pela mór parte de sorteados. Estamos certos de que, adoptando os alvitres apontados em documentos officiaes, conseguirá o novo Governo prestigiar o Exercito pela Execução integral da *Lei do Serviço Militar*.

ARMAMENTO E MATERIAL

Chegamos ao problema capital no nosso caso, o de realização mais difficult, porém o que exige maior prementia em ser atacado.

Um Exercito, desprovido de material e armamento, é um mutilado, um incapaz, para quem a vida é um peso difficult de ser sustentado.

Por isso, torna-se inadiavel um plano de aquisição de armamento e material afim de attender ás necessidades da instrucção de paz.

Bem conhecemos que o sacrificio que essa aquisição irá impôr aos cofres publicos é grande, porém, sentimos que elle é indispensável. A segurança nacional não comporta que se façam economias para garantir-lhe a existencia, quando em outros assumptos não se temerá em esbanjar dinheiros em ostentações improficias. Tem sido commun negar-se meios financeiros á satisfação das necessidades da defesa nacional e prodigalizá-los em favores pessoaes, em viagens aparatosas e em emprehendimentos de fraca influencia na vida da Nação.

O novo Governo, se adoptar a orientação sensata em prol da defesa nacional, não deve temer o apoio de *armamentista* que, por acaso, lhe atirarrem. O nosso desasco desse problema, quando a grande parte dos paizes sul americanos nelle têm

despendido meios e esforços consideraveis, constitue, por si mesmo evidente defesa das nossas intenções.

Comtudo, o problema da aquisição de material e armamento exige ponderação e sério estudo. Primeiramente será necessário estabelecer um plano do armamento e material necessários e o mais consentâneo ás circunstâncias particulares de seu emprego. As despesas acarretadas por essas aquisições não permitem que se façam tentativas; por isso, os estudos sérios dos technicos responsáveis serão indispensáveis para escolher dentre as ofertas, nem sempre leaes, dos productores, o melhor material e o que mais nos convém.

Qualquer precipitação arrastará prejuízos irreparáveis.

Em seguida, se cuidará de estabelecer programas de aquisições gradativas, de modo a distribuir pelos orçamentos anuais a sobrecarga que as despesas darão logar. O destino de uma quota anual para o material do Exército tornará suave e mesmo insensível o sacrifício imposto ás finanças do paiz.

INSTRUÇÃO E PREPARO PARA A GUERRA

Este problema tem a sua satisfação naturalmente derivada dos problemas anteriores. Comtudo, é preciso que os dirigentes das causas militares nunca se esqueçam de que a principal razão das Forças Armadas é o seu emprego na linha — em defesa da honra e integridade da Nação. Assim, deve-lhes ser maximo o empenho em acompanhar de perto os seus esforços para esse preparo, em verificá-lo e apoial-o sempre que necessário fôr.

DEFESA DO TERRITÓRIO

Para concluir, não deve o Governo deixar-se surprender em casos de aggressão externa. As suas previsões devem estar sempre promptas a atender ás eventualidades e a facilitar a tarefa de preparação dos órgãos technicos competentes.

A impossibilidade de organizarmos fortificações permanentes de defesa do território limitam os dados do problema a simples previsões de projectos de obras de campanha ou semi-permanentes, executados em momento opportuno e preparados pelos órgãos technicos.

Mas onde a ação do Governo deve empenhar-se desde já é no problema das comunicações.

Todos sabem que as redes rodas e ferroviárias constituem elementos primordiaes para o emprego e vida dos Exercitos, sendo, portanto, elementos capitais da defesa nacional.

Torna-se, então, preciso melhorar essas redes afim de que elas melhor satisfaçam ás necessidades dessa defesa, segundo programas graduais de realização. Ahi surge como indispensável a obrigatoriedade do parecer do Estado Maior do Exército sobre os trabalhos a serem emprehendidos.

De igual maneira, devemos atender ás condições das comunicações marítimas e aéreas, onde devem ser salvaguardados com carinho os magnos interesses da defesa nacional.

Como se vê, a satisfação das necessidades do Exército é um problema complexo que não pôde ser executado em um unico quatriénio e que precisa ser atacado simultaneamente em todas as suas partes, com methodo e logica, afim de ser continuado sob orientação semelhante nos quatriénios seguintes.

NA MARINHA

Os problemas que a administração naval terá de encarar no futuro periodo presidencial revestem, sem duvida, um aspecto de importâcia visceral para a marinha de guerra.

Elles pertencem, a tres ordens essenciais: pessoal, material e utilização. A constituição do pessoal e o provimento de material; o exercitamento, que combina esses dois elementos no preparo para a guerra, apresentam hoje dificuldades cada vez maiores pelo grande progresso realizado na técnica contemporânea, aggravado, no caso do Brasil, pela alta de todos os preços de aquisição no estrangeiro e pela má situação financeira do paiz.

Clientes da Europa e dos Estados Unidos, pagamos hoje tres e mais vezes do que antes de 1914. O desequilíbrio consequente á conflagração, e que saccudiu as industrias e a economia do mundo inteiro, teve consequencias que ainda perduram vivas. Ninguem pôde desconhecer o.

Não só o gasto e a ação incoercível do tempo vão tornando velho e quasi impresentável nosso material naval; é, tambem, o progresso extraordinário dos ultimos quinze annos, em todos os ramos da técnica industrial, que, no armamento, nos mecanismos e nas instalações, tornam obsoletas as nossas unidades bellicas, desclassificando-as em confronto com as similares das outras potencias, — inclusive as sul-americanas — que têm adquirido novos elementos ou remodelado sabiamente o material antigo, enquanto nós estacionamos e retrogradamos.

E' frequente ouvir-se que o material "comprasse" e o pessoal só se prepara lentamente.

A asserção é exacta. Mas é bem limitado o seu alcance, — muito mais restrito do que ao leigo se possa afigurar.

A verdade é que o pessoal só vale, porque se utiliza do material. Este cada vez mais complicado, está variando constantemente, e pouca experiência do antiquado se consegue com proveito para lidar, efficientemente, com as ultimas creações do aperfeiçoamento em marcha.

No campo da estratégia é relativamente facil ter em conta essa diferença, incluir novas variaveis ou fixar outros parametros na resolução e estudo dos problemas.

No terreno da tática, até certo ponto, ainda podem elas, de algum modo, ser attentidas, e estimoado o seu reflexo.

Mas a técnica especial modifica-se, desdobrando-se e altera profundamente, não raro, mecanismos e órgãos complexos que exigem, inaparelavelmente, um tirocinio prolongado, uma familiarização intima do pessoal com o material, como requisito essencial, fundamental, do seu exacto rendimento na utilização, — para poder corresponder á realidade tática prevista e permitir o desdobramento estratégico imaginado.

No mar, essa influencia é bem maior do que em terra.

Por mais exercitada que estivesse a nossa gente do "Riachuelo", em 1908, — nada sabíamos do "Minas Geraes", sobretudo em máquinas e artilharia. E, se o Commandante do velho couraçado, incontestavelmente, em poucos dias, era capaz de manobrar com o novo "dreadnought", ao passadico, com igual proficiencia, — a guarnição de máquinas e de armamento exigia longos meses de estudo e de conhecimentos praticos do novo material para

movimental-o, e annos de experientia para tirar delle o maximo rendimento em guerra.

Isso foi bem demonstrado ha vinte annos.

E, assim como passámos do "Riachuelo" ao "Minas Geraes", viemos do "Barroso" e do "Re-publica" para o "Bahia" e o "Rio Grande do Sul", e acabamos de saltar dos submarinos typo F ao "Humaytá".

Tinhamos, porém, evidentemente, que fazer o que fizemos, — nem mais nem menos.

Disseram a esse tempo, — e ainda hoje repetem levianamente alguns — que não devíamos ter construído o programma naval de 1906, porque não estávamos preparados para elle. Isso não tem o menor fundamento technico.

O tamanho dos navios nada vem, absolutamente, ao caso; essa influencia é minima. E' a natureza do material, são os seus orgãos internos, é a technica do funcionamento desses orgãos que traz as dificuldades. Sejam elles collocados em navio de 13.000 toneladas ou de 20.000, o resultado é positivamente o mesmo.

Tivesse o "Humaytá" 800 toneladas em lugar de suas 1.400, e nem por isso o pessoal exercitado no typo F teria menos que aprender no outro. Toda a instrucção tem que recomeçar.

E' o que fatalmente acontece quando se compra o material aos saltos. São os resultados inevitaveis de uma politica administrativa errada, — que nem sempre é filha de dificuldades financeiras, porém muitas vezes decorre de uma desattenção ás verdades que acabam de ser ditas.

Julga-se, em boa fé, que o material compra-se a qualquer hora.....

Fizemos, por isso, muito bem em adquirir o "Humaytá", — antes tarde do que nunca. Andámos perfeitamente, modernizando o "Bahia" e o "Rio Grande do Sul", que receberam installações de propulsão inteiramente novas. Muito bem procederemos em remodelar o "Minas Geraes" e o "São Paulo", na maior extensão possível, — os dois grandes navios que têm sido excellente escola de artilharia, machinas e electricidade na marinha, além do valioso potencial bellico que sempre representaram para nós.

O que é essencial em tudo isso é não cahirmos no exagero do extremo opposto e, a troco de vantagens minimas, crearmos um mostruário internacional de artigos diferentes, accentuando prejudicialmente uma heterogeneidade que já nos pesa em certas coisas como, por exemplo, nos torpedos que temos adquirido.

* * *

Certamente, ha varios aspectos, na questão do preparo do pessoal, que, independente do material, são relativos á sua organização.

Esses, felizmente, tomaram grande incremento até 1927; e, dahi para cá, se não houve o necessario prosseguimento na trilha que deveria leval-os a um maior aperfeiçoamento, entretanto, é forçoso reconhecer que, excepção feita ao lamentavel projecto de lei de quadros em andamento no Congresso, só ha pouco vieram aparecendo algumas investidas que visam deformar a organização de 1924-1926.

E' preciso combater essa tendencia nefasta. Aperfeiçoar o que ficou estabilizado, mas, seguindo as directrizes que nortearam a grande reforma, é o que convém realizar.

E' o que se deve esperar que aconteça.

A execucao dos servicos subalternos, que incumbe materialmente ás praças, e a direcção elemtar que compete aos sub-officiaes, proseguiram na forma establecida pela reorganização alludida.

E' mister, não obstante, que elles sejam rigorosamente fiscalizadas, ainda, por uma autoridade superior centralizadora, para que se lhes imprima uma unidade de vistos mais accentuada em certos detalhes que são hoje, ás vezes, falseados.

A questão do recrutamento, instrucção, acesso e distribuição de todo o pessoal denominado subalterno (sub-officiaes, inferiores e marinheiros em geral) ficou perfeitamente definida em 1926.

O sistema ainda hoje está integralmente em vigor, com os melhores resultados.

O mesmo não se pôde dizer quanto aos problemas que affectam a organização dos quadros de officiaes.

Ahi é preciso retomar quasi inteiramente o que estava feito ha quatro annos passados e, desse ponto de partida, começar a construir.

Uma lei de quadros inteiramente nova, que encorpore as idéas e medidas fundamentaes já definidas, e algumas modificações na lei de promoções em vigor; a revogação de certas disposições legislativas ultimamente aprovadas e que, no fundo, mais não representam do que favores pessoaes que deturpam a propria estructura da lei original, — são as providencias de caracter mais urgente, que reclamam a attenção.

O objectivo essencial da reorganização dos quadros de officiaes em 1924-1926 foi a constituição de um Corpo Unico para a direcção e execucao de todos os serviços propriamente militares da Marinha de Guerra: manobra, armamento, communicações e movimentação, — tanto nas unidades de superficie, como nas submarinas e aereas — assim no seu emprego tactico, como na utilização estrategica.

O Corpo Unico, — e isso ficou bem claramente estabelecido por meio de argumentos logicos e documentação historica — deve ser constituído, em cada posto da hierarchia por um quadro unico, muito embora, no periodo longo de transição que o bom senso impõe, a existencia de varios quadros tenha sido admittida, e regulamentada *parallelamente*, mas tambem, sem a menor duvida possivel, *transitorientemente*.

O quadro unico de cada posto não exclue a especialização technica do official subalterno; antes a accentua no seu caracter indispensavel de temporariedade, que condiz á especialização definitiva do commando no terreno tactico, por um lado, e á especialização tambem definitiva no campo da alta technica, nos quadros da Engenharia Naval, fóra já do Quadro Unico.

Especialização temporaria nos postos subalternos (technica elementar e emprego tactico das armas); *especialização definitiva* nos postos superiores (alta technica do material, no Corpo de Engenheiros; commando e tactica geral no Corpo Unico combatente), — essa é a distinção fundamental, essencial, visceral em todo o problema inicialmente conhecido entre nós por "fusão dos quadros".

Consolidal-a, completando-a com a regulamentação subsidiaria, cuja elaboração ficou indicada em 1926, é tarefa urgente de previdencia administrativa, para evitar que sobrevenha uma situação cahotica, fatal, se continuarem a fluctuar as tendencias parcialmente demolidoras, embora ainda imprecisas, que alguns imaginam levar por deante.

A Marinha Nacional muito despende com o seu pessoal, em proporção ao material. É um facto. Esse desequilíbrio apparente é, porém, facilmente explicável e decorre, em parte, de uma situação peculiar ao Brasil. O leigo pôde extranhar que a percentagem gasta aqui com o pessoal seja mais elevada do que em outras marinhas. O profissional deve, entretanto, saber distinguir as causas reaes e apparentes, ao envez de apreciar os phenomenos por simples contemplação de seu aspecto superficial. A disparidade não reside propriamente no excesso de pessoal, senão em deficiencia de material.

Afigura-se à primeira vista um paradoxo.

A razão é simples. O pessoal que se dedica aos serviços accessórios, *abundantes até certo ponto, independentes da tonelagem do material fluctuante*, está sempre em grande proporção a este, quando a frota é pequena. Não variam esses elementos, absolutamente, segundo uma razão constante.

Dobre-se a esquadra, e o pessoal do serviço em terra não será o duplo; terá apenas um aumento leve. Isso precisa ser explicado ao paiz, esclarecendo-se a opinião publica, ao envez de baralhar ainda mais a noção vaga e nebulosa que os civis têm, em geral, das coisas militares.

Por esse e outros motivos é ilógico pretender-se calcular o numero de officiaes como uma proporção fixa do total das praças, tomada de modo permanente. E' inteiramente absurdo.

O importante, no caso especial do Brasil, é não desviar para funções meramente accessórias, ou de uma burocracia quasi leiga, officiaes que deviam estar exercitando o tirocinio realmente profissional, e que, se passam rapidamente por esses cargos sedentários, não dão ao serviço a uniformidade e o espirito de continuidade indispensaveis.

Urge entregar essas funções aos officiaes da reserva de 1^a classe, constituída por elementos ainda aptos a prestar serviços ao Estado.

Uma vez que são retirados da actividade plena e continuam, porém, a servir á Nação em logar de se tornarem simples pensionistas, não ha argumento honesto que se opponha a uma redução no limite de idade para a permanencia, na primeira linha da activa, de um menor numero de officiaes de maior experiência profissional, a despeito de menor tempo na carreira.

A redução desse limite é necessaria á renovação dos quadros e é também vantajosa á constituição de uma reserva útil para atender ao desdobramento dos serviços navaes em caso de guerra, no mar ou em terra.

Mas não basta renovarem-se os quadros. É preciso que os elementos que se sucedem adquiram os conhecimentos indispensaveis ao desempenho de seus encargos. Esses conhecimentos provêm da instrucção e do tirocinio.

Não é só passar pelos postos; é passar com proveito, exercendo funções de utilidade real, e permanecendo nesses postos um tempo razoável, cujos limites maximo e minimo deveriam ser rigorosamente fixados.

A Marinha foi dotada, em 1920, de uma boa lei de promoções. Os pretextos mais futeis têm sido levantados sempre que são mutiladas algumas disposições salutares do seu texto. Ela em conjunto é obra meritória e em seus detalhes precisa antes de uma revisão e ligeiros retoques, do que de uma transformação completa.

O melhor apparelho que a lei creou, poucas vezes tem correspondido ao objectivo de sua instuição, — o "quadro de acesso".

Tivesse o Almirantado uma comissão permanente de promoções que investigasse os serviços dos officiaes e o seu valor pessoal, em lugar de examinar cadernetas alinhando algarismos que quasi nada exprimem na aferição do merito profissional, e não seria, de certo, letra morta o principio firmado no regulamento, de que o desempenho de qualquer comissão só vale pelo modo por que é realizado, pelas dificuldades vencidas e pelos resultados alcançados.

Isso nunca é attendido, pelo simples motivo que nunca é pesquisado, por falta de um orgão expressamente destinado a essa apuração.

A Marinha anseia por um estatuto que facilite o acesso dos que trabalham realmente, e sejam os mais capazes de exercer as posições de mando, evitando a estagnação que sempre ocorre, ora num posto, ora noutro, por falta de uma lei organica precisa e rigorosa, que promova a canalização dessas aspirações e cerceie de algum modo a tendencia das autoridades fracas e condescendentes em distribuir as funções de responsabilidade indistinctamente, contando apenas os galões do punho.

* * *

Nenhuma somma foi, jámais, empregada no Departamento Naval com mais proveito do que no Arsenal da Ilha das Cobras, cujos trabalhos honram sobremodo a execução, a direcção e a fiscalização dos engenheiros navaes e civis que delles se ocupam.

Obra de alto descortinio militar e de notável previsão administrativa, prosegue de acordo com um plano perfeitamente estudado, traçado e rigorosamente executado. Seus orçamentos, votados em quotas annuas pelo Congresso, modestas, porém, constantes, permitirão concluir-se o maior emprendimento de engenharia da America do Sul em cerca de tres a quatro annos.

Proseguir nesse caminho é a maior obra de patriotismo que poderá realizar o futuro governo em relação á Marinha.

Definitivamente morta a questão do Porto Militar da Ilha Grande, — previsto sorvedouro dos dinheiros publicos, de resultados mais que contestáveis — a Base Naval do Rio de Janeiro, dotada de um Arsenal modelo construído em bases económicas, evitará que se escoem do paiz muitas parcelas de ouro com que teríamos de pagar no estrangeiro as reparações de maior vulto em nossos navios, e iniciará a éra da construção naval no Brasil assim que o problema siderurgico alcance o necessário desenvolvimento entre nós.

* * *

Da maior significação poderá ser o desenvolvimento militar do paiz, a criação do "Conselho da Defesa Nacional", pelo Decreto nº. 17.999 de 29 de Novembro de 1927.

Embora instituído há tres annos, não teve, porém, occasião de reunir-se ainda.

A existencia de um Estado Maior Mixto falhará bem alto, não só nas decisões a tomar nas duas pastas militares, como no preparo dos elementos de estudo do proprio Conselho.

Os dois órgãos se completarão necessariamente, a sua coexistencia é indispensável.

Barão do Triumpho

Pelo 1º Ten. CARLOS PAIVA CHAVES

"Bravo dos bravos do Exercito brasileiro".
Caxias

"Soldados! Cortejae Andrade Neves".
José Bonifacio.

Quem se aventura a estudar a nossa historia militar, principalmente a guerra do Paraguay, tem a impressão de penetrar em cipoal intrincado em que as raras veredas, abertas pelos escassos historiadores, desorientam pela oposição de apreciação e desacordo de cronologias. É exaustivo o trabalho e o principiante esgota horas e cança o espirito no vae-vem constante entre o texto de Schneider e as notas de Rio Branco, no perlustrar autores discordantes e obras incompletas.

Ainda quando alguém teve, como eu, a sorte de assistir, em parte, à feitura da obra com que o Sr. General Tasso Fragoso nos presenteará, avança animoso pelas picadas zig-zagueantes, certo de refazer a marcha em estrada larga que lhe rectifique os erros.

Mas, a despeito de todos os esbarros e contra-marchas, o trabalho é em extremos atraente e nos desperta o orgulho da nossa gente e dos chefes que nos commandaram. Para a nossa confiança, tantas vezes posta em colapso pelas deficiencias do presente, é óleo camphorado dynamico e salvador que reergue e impelle para a frente.

Cavalleiro por gosto e profissão, é natural que me tivesse detido particularmente no estudo das acções da minha arma e da personalidade dos chefes que a conduziram. E foi assim que avultou no meu espirito a admiração pelo cavallariano perfeito a respeito do qual a "Defesa" me faz a honra de pedir algumas palavras.

Sem ter sido militar de carreira, JOSE JOAQUIM DE ANDRADE NEVES foi um grande soldado e um notável General de cavalaria. Seu preparo militar, evidenciado em tantas acções que accrescem os nossos archivos de gloria, não se formou em nenhum curso regular. Suas qualidades natas se desenvolveram e culminaram na pratica da guerra que o ascendeu de soldado a general.

Tipo de cidadão-soldado: entregue durante os periodos de calma á administração dos seus bens e á participação na política, nunca hesitou em abandonar as lides campeiras pela faina da guerra, em acrescentar a espada ás boleadoras e ao laço. Tambem, nunca se quis valer das posições conquistadas sob as armas: terminadas as campanhas, vem o sempre voltar aos penates, aos rodeios e marcações, á reconstrução corajosa das propriedades que por patriotismo abandonara.

Embora seu saber e renome guerreiro se tenham formado e firmado no decennio farroupilha e mais duas incorporações o hajam chamado ás armas, é no estudo da sua acção durante a guerra do Paraguay que encontramos os mais bem fundados motivos para admirá-lo.

Em determinado periodo da guerra, do inicio da marcha de flanco á Lomas Valentinas, quasi não ha operação importante á qual não esteja ligado o nome de Andrade Neves. E nesta época, Brigadeiro honorario do Exercito, era já um ancião de sessenta annos, o que não o impedia de desenvolver actividade incessante e de carregar á frente dos seus "guardas nacionaes" com a impetuositade de um alferes transbordeante de entusiasmo e ambicioso de renome.

Calmo, de aguçado faro guerreiro, resolução rapida e justa, consciencia profissional exigentissima, era o chefe indicado para as vanguardas e descobertas delicadas.

Quando, a 22 de Julho de 1867, Caxias inicia a marcha de flanco, Andrade Neves forma na vanguarda commandada por Osorio. Varios dias de marcha penosissima em terreno encharcados de banhados, cortados de "esteros" e lagoas, que os nossos tacteavam e o inimigo conhecia minuciosamente, ao em vez de lhe abaterem o animo dictam-lhe esta phrase ao Barão Homem de Mello: "Nossa cavallaria está muito bem montada, os cavallos gordos e lindos. Tenho esperança que alguma cousa farci se não morrer na primeira carga".

Realizaram-se as suas esperanças, a morte o respeitou durante algum tempo e não lhe faltaram ensejos de fazer muitas "cousas".

Em 31 de Julho, com Menna Barreto, torna e derrota o inimigo entre Tuiu-cuê e Espinilho; tres dias depois desbarata uma força paraguaya junto a ponte do arroio Hondo.

No mez seguinte, escolhem-l-o para, juntamente com o general argentino Hornos, commandar as forças lançadas em descoberta sobre Tayi e Villa do Pilar. Desempenha-se inteiramente da incumbencia recebida e faz jús a que Caxias diga:

"...no ataque da Villa do Pilar mostrou Andrade Neves que tambem sabia se conduzir como general e dirigiu 1500 homens que lhe confiei com tal pericia e calma, cumprindo as instruções que levou com tanta restrição que conseguiu tomar a artilharia inimiga e fazer prisioneira toda a guarnição da Villa, com muito pouco prejuizo da nossa parte, arrostando com força superior a que levava, e inutilizando os esforços que de Humaytá foram promptamente mandados por Lopes".

Em Outubro e principios de Novembro, toma parte com o relevo habitual no combate de Pare-cuê e na ocupação do potreiro Obelha.

No anno seguinte, a 13 de Janeiro, Caxias assume o commando em chefe das forças aliadas e as operações tomam novo impulso sob a acção, já agora sem peias, do nosso grande chefe. Resolve-se entrar em operações activas, forçando

a esquadra o passo de Humayatá enquanto o Exercito opera por terra. Os reconhecimentos preliminares cabem ao cavalleiro consumado que realizara a operação da Villa do Pilar e verificam a existencia, entre Laureles e Humayatá, de um novo reducto — Estabelecimento.

No dia 19, ao mesmo tempo que a esquadra força a passagem de Humayatá, Caxias avança contra Estabelecimento. Vanguardeia o Barão do Triunpho. Chegado ao contacto e deante da tenaz resistencia inimiga, Andrade Neves fez aparecer a sua cavallaria e com ella se lança á escalada das posicoes. Referindo a ação, Caxias destaca em mensão especial o Barão do Triunpho que diz: "conquistado e merecido o glorioso titulo de **bravo dos bravos do Exercito brasileiro**".

Em 25 de Fevereiro, Humayatá cai em nosso poder e podemos rumar á Assumpção. O movimento se inicia em 19 de Agosto e Andrade Neves vai na vanguarda. Até Pilar, palmilha terreno conhecido; dahi em diante começa o tacetar em que, não raro, ficam as pontas dos dedos. E' o Barão Homem de Mello, biographo de Andrade Neves, quem descreve o terreno: "... banhados continuos cobertos de vegetação aquatica, lagoas profundas rasgando-se no meio de mattas cerradas, campos que de repente somem-se debaixo dagua pela ação de chuvas torrenciaes, tão frequentes nessas regiões; nem um accidente que sirva de balisa nesta superficie raza fechada de todos os lados...".

Atravessado o Jacaré e depois dos combates de Peray e Surubi-y que lhe valeram elogios do commando em Chefe, Triunpho toma o contacto com o grosso inimigo e esbarra deante das fortificações de Pikysyry.

Decidido o largo movimento envolvente atravez do Grão-Chaco, enquanto se abre a estrada que permitirá realizar-o, permanece o Exercito acampado em Palmas.

Aggrava-se, então, o estado de saúde do Barão do Triunpho que se submette a um tratamento regular, mas continua ao lado dos seus companheiros.

Vencido o Grão-Chaco, transposto o Paraguai, ganho o combate do Itororó, o Exercito prosegue a linda manobra em que Caxias o le-

vara á retaguarda do inimigo. Nos dias 9 e 10 de Dezembro, as forças de cavallaria commandadas por João Manoel e Triunpho deixam o Chaco, atravessam, por sua vez, o Paraguai, desembarcam no porto Ipané e fazem juncção com o Exercito.

No dia seguinte, trava-se a batalha de Avahy. A luta, violentissima, se prolonga em alternativas de avanços e recuos. Em certo momento, extenuados os combatentes, sobrevem uma pausa na batalha. E' então que se começa a fazer sentir o movimento duplamente envolvente da cavallaria brasileira.

Guiado pelo vaqueano paraglavo Cespedes, Triunpho lança as suas duas divisões sobre o flanco direito do inimigo que vê, ao mesmo tempo, a sua ala esquerda atacada pelas forças de João Manoel Menna Barreto. Caxias percebe as vantagens da situação e, num ultimo esforço, joga novamente para a frente os seus infantes e os cavalleiros de Camara. O inimigo é completamente desbaratado e, após cinco horas de luta, a victoria coroa as armas brasileiras.

O dia 21 é o derradeiro da vida militar do Barão do Triunpho. Alta madrugada, o Exercito move-se de Villette para atacar a ultima posição adversa. Uma hora antes partira Andrade Neves com a sua divisão para explorar o potreiro Mar more, com ordem de contornar o inimigo em Lomas Valentinas, bater as partidas que encontre, arrebanhar gado e interceptar as comunicações de Lopes. Destroçada a força inimiga que encontrou no potreiro e arrebanhadas 4.000 cabeças de gado, informa ao General em Chefe do resultado da sua missão. Recebe, então, ordem de se vir juntar a ala esquerda do Exercito.

Inicia-se o assalto com a impetuosidade costumeira. A metralha dizima as nossas forças. Andrade Neves repete o gesto de Estabelecimento e lança-se á conquista das trincheiras paraguayas. Já no interior da posição uma bala lhe fractura a parte anterior do pé.

O organismo enfermo chegara ao limite da resistencia — sobrevém a febre e a gangrena. Transportado para Assumpção, piora continuamente e a 6 de Janeiro de 1869, pelas onze horas da noite, morre Andrade Neves.

Commemoração da Independencia

Realizou-se com a pompa habitual a grande parada commemorativa da nossa Independencia.

Só quem já presenciou de perto todas as preocupações e trabalhos, que precedem esta importante prova publica de sua instrucção, pôde avaliar o carinho, o interesse e a somma de esforços despendidos por todos os militares no elevado intuito de fazer com que sua unidade bem se apresente ao publico. Pôde-se dizer que, em todas as corporações militares, essa apresentação em publico constitue uma das mais sérias preocupações, porque todos com-

prehendem que uma completa demonstração de sua instrucção e efficiencia representa optimo meio de atrair a attenção e a sympathia das diversas classes do paiz, de despertar-lhes enthusiasmo pelo seu trabalho e confiança em sua ação.

O contacto com as massas populares será o meio caminho para que essas venham a conhecer a colmeia silenciosa de trabalho que existe em uma corporação militar e sintam tambem a necessidade que têm os militares do incentivo e apoio do povo para poderem tudo produzir na missão de defesa da Patria.

Nesse sentido, um reparo se impõe desde já. Parece-nos que, de dia para dia, mais se arrefece o entusiasmo do povo por essas commemorações militares, tanto no numero de assistentes como pela falta de aplausos ao garbo indiscutivel dos soldados, para quem as palmas são um justo premio á fadiga que despendem nesse dia, para gaudio desse povo, que, para nós, se mostra tão indiferente. Estamos muito longe dos tempos do Campo de S. Christovão, onde as ovações constituian um dos maiores estimulantes da parada.

E, no entanto, as forças militares nada têm feito que justifique a queda do entusiasmo.

Talvez haja ahi uma falta de propaganda opportuna e por isso appellamos para os jornaes no sentido de despertar o entusiasmo do povo por essas commemorações e induzil-o a retribuir com seus aplausos e carinho o esforço estafante dos nossos soldados. É quasi uma educação a realizar, de que a imprensa é a unica capaz.

Constituia a nota principal da parada a demonstração de progresso e actividade da Aviação Militar, apresentando um numero já consideravel de aviões, em formações e evoluções impeccaveis. Ella serviu para dar ao povo o sentimento dos esforços que se vêm realizando em prol de uma aviação segura e poderosa e uma noção nova de seu emprego. O voo disciplinado e seguro dos varios grupos de aviões veiu despertar a attenção do povo para a necessidade de não mais arriscar os custosos aviões de guerra em trabalhos de acrobacia vulgares para divertil-o. Elle comprehenderá com a lição da Aviação Militar que os aviões caros de que dispomos não devem, em occasião inopportunas, ser utilizados em trabalhos que não têm significação alguma.

A tropa apresentou-se bem, mas é justo destacar, na ordem em que desfilaram, a Escola Naval, o Regimento Naval, as Escolas Militar e de Sargentos e o Centro de Preparação de Officinas de Reserva, que têm a seu favor a sua constituição de homens escolhidos.

Ao lado disso, notamos que as unidades do Exercito que mais têm se dedicado aos trabalhos de campo, e nos referimos com especia-lidade ás unidades á disposição da E. A. O., demonstraram uma apresentação digna de registro.

O desfile deu logar a alguns reparos que externamos a titulo de suggestões, sem qualquer intuito de critica.

Em primeiro logar ha a irregularidade do escoamento, resultado do retardo de certas unidades na partida e da diversidade na andadura do desfile.

Nesse ultimo assumpto, cumpre assignalar a tendencia das tropas de infantaria marcharem em passo demasiadamente curto e que lhe retira "o ar energico e marcial" capaz de despertar o entusiasmo dos espectadores. A execução correcta do passo ordinario com a grandeza de 75 cm. e a cadencia de 120 por minuto garante á marcha esse ar de energia desejado.

Do mesmo modo o desfile das tropas montadas para causar effeito deve ser feito o trote e não a passo. Foi muito facil fazer tal comparação, porque algumas unidades, desfilando a trote deram vida á solennidade.

Outro reparo é a necessidade de se continuar mantendo a correcção de attitude mesmo depois da passagem pelas autoridades. Unidades houve, e podemos citar os tiros de guerra, que uma vez ultrapassado o pavilhão presidencial abandonaram-se a uma displicencia quasi ridicula.

Seria de grande vantagem que as caixas continuassem a marcar o compasso para manter a tropa na mesma cadencia.

Finalmente, um ultimo reparo diz respeito ao uniforme da Escola Militar. É de toda a conveniencia dar a essa tropa de escol um uniforme que torne bem destacavel das demais. O uniforme actual, instituido justamente para distinguir a Escola das demais tropas, é hoje commun a quasi todas as unidades, mesmo das policias. Além disso torna-se necessario que o uniforme de cada alumno lhe assente perfeitamente para que cada um apresente um aspecto impeccable.

Os cadetes merecem uma indumentaria que os torne inconfundiveis e dê realce ao entusiasmo e correcção com que se mostram nas suas formaturas.

EPISÓDIOS DA VIDA DO PRIMEIRO REGIMENTO DE ARTILHARIA

Contribuição do general reformado JOÃO BORGES FORTES

Recordar o Primeiro Regimento de Artilharia a Cavallo!

Reavivar na minha memória, que a velhice vai enfraquecendo, a terra querida de meu berço; aquelle glorioso regimento! O Primeiro, o heroico, que, em 24 de Maio, nos esteros de Tuyuty, sob o commando do bravo Mallet, com o **fogo de horror**, cobria de louros uma pagina de victoria da Historia patria!...

O Primeiro, que fizera a campanha de 1852, ajudando a ganhar a batalha de Moron, que fizera a jornada de Paysandú, que tomara parte em toda a campanha do Paraguai, depois de tão luminosos dias de glorias e victorias, ganhas com sacrificios inauditos e torrentes de sangue, recolhera-se modestamente ao silencio da pequena guarnição de São Gabriel, a minha cidade natal, de onde elle partira por ultimo, e que sempre teve pelo **seu regimento** os affeçoes e a ternura de mãe carinhosa.

Recordar o Regimento é volver os olhos da alma para a minha infancia e sentir brotarem-me as mesmas vibrações de entusiasmo de quando ouvia o clangor alacre dos clarins a despertarem a minuscula cidade, nas alvoradas de verão, ou de pueril tristeza, quando, pelas noites longas e rigorosas do inverno, as bandas cortavam o silencio com as suas marchas plangentes, chamando os soldados a quarteis...

Que soberbo Regimento! Que bello e triunfante elle se mostrava formado, puxado pela marcha immortal da Aida, com as suas rutilantes camisolas vermelhas, as calças brancas ou azuis, de larga tira carmezin, os seus brilhantes officiaes, garbosos e faceiros á frente dos soldados, rolando a longa columna de suas seis baterias, sobre as quaes fluctuava a larga bandeira auriverde, saudada pela populaçao que vinha toda para a rua para vel-los e incitá-los com o seu carinho...

E lá descia elle para a Praça da Caridade, onde, em complicadas evoluções e manobras, ou por ente espiraes de fumo das salvas, era cumprido galhardamente o dever de sustentar a instrucção de seus soldados.

Outras vezes, muito cedo, aos primeiros clarões da madrugada ouvia-se o vibrar dos clarins, o rodar de canhões e, horas mais tarde, os echos transmittiam o ribombar dos tiros que iam destruir os alvos nos exercícios da Invernada.

E ainda. Ao sol fuscante de Dezembro lá vinha o Regimento... Era a pé: as espadas rebrilhantes, os soldados revigorados pela fé religiosa e pela adoração de sua padroeira, entusiasmados nas suas fardetas apertadas, os guerriões de verniz, as gravatas de couro, calças alvissimas, entravam pela portada da Igreja de N. S. da Conceição, num passo cadenciado e ahi assistiam á festa de 8 de Dezembro, o dia da padroeira do Exercito.

A minha infancia, minha terra, o nosso regimento! Quanta saudade!...

SANTO MEIRA

Collado á parede externa da face que olha para o Sul do velho quartel da Artilharia, em S. Gabriel, está um acanhado santuário, um nicho onde se cultua o Santo Meira.

O povo tem, por toda parte, as suas devoções particulares, queira ou não a Igreja, protestem como quizerem os padres e bispos.

Em Porto-Alegre existe, numa das colinas do Parthenon, o local em que foi degollada por um monstro a infeliz mulher de nome Maria Theresa da Conceição. A crendice popular transformou a desventurada mulher em **santa** e para o local em que expirou, ha uma romaria ininterrupta de pessoas que ali vão, por uriosidade, oomo a mim sucedeu ou por fé religiosa; e muitos votos e promessas á Maria Degollada são cumpridos sobre as lapides que cobrem o logar sagrado.

Em Alegrete havia tambem, nas proximidades do Quartel, o tumulo de uma mulher que fóra assassinada durante a revolução de 93. O aterro da estrada de ferro teve de cobrir o local. Os restos mortaes, a grade, a cruz que a encimava foram removidos com a maior devoção para o logar proximo, fóra do alcance profanador da linha ferrea.

O santo Meira está, como esses, fóra do Flos Santorum. não entrou no calendario e está ainda por saber se conseguiu a de missão no corte celeste ou se anda ás voltas com os trabalhos de purificação ou mesmo com o mestre botelho...

Muito antes do Paraguay commandou o 1º Regimento um coronel de pessimo renome. Era notoriamente deshonesto e praticava as suas operações de repartir e subtrahir no rancho dos soldados que tinham assim ração curta e ruim.

O Meira que era um soldado muito querido por seus camaradas no quartel, teve um dia a má inspiração de recusar a comida que lhe haviam servido.

A disciplina arrepiou-se: os manes do Conde de Lippe, de negregada memória por seus **artigos de guerra**, estremeceram. Salvou-se a lei que dizia: "aquele que recusar a paga que lhe dão será arcabuzado". O Meira foi fusilado.

Cumpriu-se com a lei a maior iniquidade. O soldado é que estava com a razão quando protestou contra a pessima comida, roubada ainda na quantidade.

O povo, indignado com tão clamorosa injustiça, passou a olhal-o como um martyr da tyrannia das leis, uma victimá da perversidade do regulamento militar. E assim o Meira immortalizou-se. No logar onde seu sangue foi imolado começaram a aparecer as velas de seus novos crentes. O tempo foi passando, a lenda da injustiça transmittiu-se: a fé foi se alastrando e o pobre, o desgraçado soldado foi santificado, fez com toda a certeza alguns milagres e teve por fim o seu minusculo templo, onde até hoje e todas as noites, ardem as velas que a ingenui-

dade e a boa fé dos humildes lhe vão levar em paga das promessas.

Que bem faça ao Santo como aos devotos...

* * *

Não ha muito tempo que a luz electrica foi installeda em S. Gabriel. Talvez 25 annos.

Só muito depois é que se poude montal-a no Quartel, que até então passara por phases muito obscuras em materia de luz. Em 1897, quando lá estive, fazia-se a distribuição de quarenta velas de sebo, diariamente, para a illuminação do Quartel durante as longas noites do Sul.

Não havia remedio... O pobre Meira que fora tão roubado em vida tinha de ver, lá das amplidões em que habita, desaparecerem as suas velas, para illuminarem as reservas dos sargentos que voltavam tarde e gostavam de prosear...

MALLET — BATOVY

Emilio Luiz Mallet veio commandando o Regimento, quando este voltou do Paraguay.

O bravo Coronel foi morar nas proximidades de seu quartel, em uma casa ainda existente e com o mesmo aspecto desse tempo, na esquina das ruas Dr. Jonathas e Coronel Tristão Pinto. Ahi o conheci e guardo nitida a lembrança da impressão que me produziu.

Alto, forte, barba cheia e bem grisalha, a tez cor de rosa, trazia estampada em sua physionomia austera e serena a sua origem franceza.

Promovido a Brigadeiro e nomeado Inspector da Artilharia, ainda permaneceu algum tempo em S. Gabriel, reirando-se mais tarde para o Rio de Janeiro.

Foi seu successor no commando do Regimento o Coronel Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, depois Barão de Batovy.

O Coronel Gama trouxera uma lindissima reputação de militar bravo e competente, adquirida na campanha do Paraguay. Recolhendo-se à tranquilidade da paz, enveredou pela politica, fez-se chefe do partido liberal em S. Gabriel, onde era muito querido e prestigiado.

Absorvido pela actividade partidaria não tinha tempo disponivel para se ocupar do Quartel, e o Regimento soffria com a ausencia do commandante.

Esse ardor partidario, a paixão politica, teria de ser muitos annos mais tarde a causa da tragedia com que desapareceu da vida o illustre general.

Proclamada a republica, accesa a guerra civil, Batovy recolhera-se a S. Catharina, sua terra natal. Ahi desenrolou-se o tristissimo episodio que encerrou a sua carreira e onde terminou a sua existencia.

Tomando parte activa ao lado de um dos partidos, — o que sempre fôra o seu, no Rio Grande do Sul — Batovy foi uma das victimas na fortaleza de S. Cruz, quando após a retomada de Desterro, as forças legaes passaram pela armas os prisioneiros feitos aos inimigos.

Essa horrivel tragedia, consequencia inevitável das guerras civis ficou mergulhada em profundo mysterio.

Lembro-me bem quando, em uma festa de familia que se realizava em casa de meu avô, Dr. Jonathas Abbott, o Coronel Gama mostrava aos seus amigos o telegrapho alviçareiro que acabara de receber, naquelle mesma festa, comunicando-lhe a promoção ao posto de Brigadeiro.

FILINTO

Felinto Gomes de Araujo, filho do Ceará, tenente coronel de Artilharia, foi transferido para o Primeiro Regimento a 27 de Setembro de 1879 e assumiu commando pouco tempo mais tarde.

Era Filinto possuidor de todas as qualidades de um grande commandante; conquistou e confirmou em sua brilhante carreira o elevadissimo conceito de que gozava e teria sido, se a morte não o arrebatasse tão prematuramente, um dos maiores chefes de sua classe.

Intelligent, profundamente illustrado e sempre estudos, de actividade infatigavel, entusiasta de sua nobre profissão, de uma energia tão firme quanto serena, contrabalançada da bondade caracteristica das almas de eleição. Filinto imprimiu a seu commando uma tal directriz que, se pôde afirmar, foi o periodo aureo da vida do tradicional Regimento.

Na paz o nome do Primeiro de Artilharia a Cavallo emparelhou em brilho e fama com o que conquistara na guerra do Paraguay, cimentado com o sangue de seus soldados, em todas as batalhas que ajudara a vencer.

Antes de vir para o commando de trepa, Filinto servira no Telegrapho Nacional, com o notavel Barão de Capanema, de honrosa memoria, o qual tinha por aquelle seu auxiliar a maior estima e admiração. Deixando essa repartição foi Filinto commandar o 3º Batalhão de Artilharia a Pé, em Manáos e ahi já se impuzera aos mais fervorosos elogios do governo do paiz, adquirindo os fôros que jamais perderia, de primus inter pares.

A par de suas eminentes qualidades de militar de elite, era Filinto, como não poderia deixar de acontecer em tão distinta personalidade; um gentleman completo que a sociedade civil, de Manáos como de S. Gabriel, acatava com verdadeiro orgulho por tel-o em seu seio.

No Regimento veio elle encontrar como Capitães Erico Rodrigues da Costa, Henrique Guatimosim, Ricardo Fernandes, Reis Montenegro, Paiva Junior, commandantes de baterias, dignos de merecer e honrar o grande chefe que os ia commandar.

* * *

Logo após a chegada do tenente coronel Filinto, o 1º Regimento recebeu uma bateria de canhões Krupp, calibre 8, que vinham iniciar a substituição dos La Hitte com que tinha voltado da guerra do Paraguai.

Esses canhões foram entregues á 3ª bateria, do commando do Capitão Guatimosim.

No dia 20 de Março de 1880 a bateria estava na Invernada e ia-se fazer o primeiro exercicio de tiro ao alvo, para instrucao de officiaes e praças, movidos todos da mais natural curiosidade e interesse, porquanto se tratava de material novo; era a primeira vez que se ia ver func-

cionar a artilharia de retrocarga e fechamento a cunha, e apreciar os efeitos balísticos do canhão que fôra factor preponderante em favor da Alemanha na guerra franco-prussiana.

Dando, elle proprio, a instrução e ensinando detalhadamente o processo de carregamento, Guatimosim fizera carregar a 1^a e 2^a peças e procedia do mesmo modo na terceira, quando, ao introduzir a granada na camara do canhão dâ-se o arrebentamento prematuro e o projectil estilhaça-se dentro da alma.

As consequencias foram as mais deploráveis. O dedicado Capitão, que em tão doloroso transe revelou a mais estoica bravura, teve a mão direita e uma parte do antebraço arrancados um sargento, colhido pelos fragmentos da granada recebeu um grave ferimento e um pobre soldado teve a vida cortada. Pôde-se calcular o efeito de tão triste acontecimento. O material teria despertado formal condenação de parte dos refractarios, dos rotineiros e dos medrosos.

Ao mesmo tempo que isso se passava em S. Gabriel, na Alemanha, em condições perfeitamente identicas, uma granada explodia na alma de um canhão de calibre 10 e quatro officiaes morriam no penoso accidente.

E' que o systema de percussão da espoleta oferecia um grave defeito de construção, ainda não descoberto e que esses dolorosos desastres vieram evidenciar.

Todo oficial sabe como funciona uma espoleta de percussão: ha dois elementos para produzir a chamma que vai inflamar a carga de polvora de granada: o percutor e o fulminato. O percutor deve percorrer um certo caminho antes de ferir o fulminado. Para evitar esse percurso havia nas primitivas espoletas, nessas que occasionaram os desastres, um pino livre no corpo da espoleta, exigindo-se grande cuidado ao manejá-la, quando esta recebia a espoleta.

Como poderia ser prevista a posição do pino no momento de carregar? O systema era assaz precario.

Após o rude acontecimento foram recolhidas todas as espolhetas desse tipo e substituidas depois por outras de fabricação ingleza, com as quais prosseguiu a instrução do Regimento. E enquanto não houve espoletas de percussão fícias, os antiquados La Hitte desempenhavam as suas funções.

Estes mesmos canhões estavam em pessimas condições; os ouvidos tinha voltado exageradamente dilatados e seria necessário fazê-los ir ao Arsenal para substituir-los. Naquelle tempo não havia estradas de ferro; uma viagem de S. Gabriel a Porto Alegre era coisa para duas a três semanas e muito mais se a estação fosse chuvosa e tendo de levar pesada comitiva, como seria o caso para conduzir o material de artilharia.

Filinto evitou todos esses precalços; mandou buscar vergalhões de cobre roseta, engendrou uma officina dentro do quartel, retirou os ouvidos inuteis, obturou as peças com o cobre roseta e brocou novos ouvidos, a berbequim, evitando assim grandes despesas e a interrupção indefinida da instrução de seus soldados.

O Regimento aquartellava em lugar que os deficientes meios de comunicação da época tornavam bem remoto e, portanto o material cheava-lhe escassos e raramente. As verbas orçamentarias eram miserrimas; os habitantes do Rio Grande costumavam ter a maxima generosidade para com as tropas que circulavam pela então província, em diligencias.

Davam-lhes montadas, quando passavam de cavalos cansados, alimentação nos poucos e sesteados, mandando matar uma carneira gorda para os soldados; permitiam o consumo da lenha, da madeira, do **santa-fé** para os seus ranchos, davam tudo o que fosse solicitado para os pobres soldados, que elles sabiam, eram os enteados da administração publica e desherdados da sorte.

Parece que o Governo gostava bem desses processos e ia deixando perpetuar-se o systema.

Assim, o Regimento vivia em extrema penuria. Chegou a não ter mais arreamentos de tracção. Filinto montou uma officina de arreamentos e adoptando o modelo commun na campanha rio-grandense creou o tipo **campeiro** para o arreamento de tiro da artilharia, fabricou-o e fez imprimir á sua custa as instruções e descrição do novo tipo de material de tracção.

Os sargentos e cadetes do Regimento tinham naturalmente as suas ambições de prosseguir carreira, estudando e frequentando a Escola Militar, porém não podiam preparar-se para enfrentar os exames de admissão. Não havia em S. Gabriel escolas de preparatórios. O Coronel Filinto creou um curso de portuguez, frances e aritmética, sendo professores os officiaes do Regimento e funcionando no proprio Quartel. E com a larga visão de seu espírito privilegiado, permitiu que os jovens civis da cidade frequentessem as aulas do novo curso.

Ao traçar estas linhas quero deixar expresso o meu tributo de reconhecimento ao exemplar soldado, pois fui um dos moços que ali aprenderam com grande proveito.

O curso de preparatórios prosseguiu por largo período e foi restaurado sempre que as circunstâncias o permitiram, enquanto o Regimento não mergulhou na lethargia.

* * *

Promovido a Coronel, Filinto continuou a commandar o Primeiro Regimento.

Em S. Gabriel o Coronel contraiu nupcias com uma distinctissima senhora, filha de um dos heroes da guerra do Paraguai, o bravo Coronel Tristão José Pinto. Teve porém a infelicidade de ver morrer sua esposa pouco tempo depois.

Por decreto de 13 de Junho de 1885 o Governo transferiu-o para o commando da Fortaleza de Santa Cruz de onde passou a 5 de Dezembro do mesmo anno para o Commando da Escola Geral de Tiro de Campo Grande.

Achava-se nesse Commando quando a morte ceifou sua preciosa existencia aos 13 de Julho de 1887.

* * *

Ao deixar o commando do Primeiro Regimento recebeu Filinto de seus commandados uma espada de honra, demonstração da estima, da admiração, do reconhecimento da velha unidade

de artilharia, que aos seus titulos de gloria ia addiccionar mais um — o ter sido o Regimento de Filinto.

Um acto ministerial de 18 de Setembro de 1885 lhe permitiu usar essa espada em formatura e actos officiaes.

Passaram-se os dias. A tradição do brilhante nome de Filinto não se apagou entretanto dentro daquele Quartel e em 20 de Setembro de 1907 o retrato do saudoso chefe era inaugurado no salão de conferencias e de armas que se inaugurava na presença do General Menna Barreto, commandante da Brigada e da guarnição de S. Gabriel.

O Capitão Jonathas Borges Fortes fez em discurso a rememoração do que o Regimento devia áquelle grande soldado, áquelle extraordinario vulto e entregava ao culto das novas gerações o seu retrato para que servisse de exemplo e modelo aos seus futuros chefes e officiaes.

Herdeiro legitimo e consciente do Primeiro Regimento, o Quarto conservou esse penhor com a mesma reverencia e admiração pelo inesquecível commandante.

Com certeza, o Quinto Regimento de Artilharia manterá intangivel o culto por Filinto Gomes de Araujo, continuando a tradição do desaparecido Primeiro Regimento de Artilharia a Cavallo.

A PROPAGANDA REPUBLICANA

Duas fortíssimas campanhas nacionaes empolgaram os ultimos annos de monarchia no Brasil e tiveram a maxima repercussão na pequena terra gabrielense e dentro do quartel do Primeiro Regimento: o patriótico movimento da abolição dos escravos e a propaganda republicana.

Em 7 de Setembro de 1884 não havia mais escravos no município de S. Gabriel, apoiada uma fervorosa competição em que os habitantes daquelle abençoado torrão se empenharam para lavar dos seus lares a mancha negra da escravatura.

A libertação dos escravos seguiu-se logo a campanha pela implantação do regime republicano no Brasil, e S. Gabriel, com Assis Brasil e Fernando Abbott, foi um dos fócos de intensa irradiação das idéias libertárias.

O primeiro passo decisivo foi a fundação do PRECURSOR, jornal que trazia como missão a propaganda da República e era dirigido por Assis Brasil. Entre os seus colaboradores figuravam officiaes do Regimento. Nas conferencias publicas, nos clubs, dentro dos proprios quartéis passou-se a falar desassombradamente na queda do trono e na criação do regime democrático. Sabia-se positivamente quais os officiaes filiados ao novo credo e esses eram maioria na Artilharia.

E, quando surgiu a QUESTÃO MILITAR, o numero de proselitos aumentou no Exercito, porque o governo imperial percebeu que não havia nas classes armadas janizários, porém patriotas devotados que haviam chegado á convicção de que, como sempre, deviam estar ao lado da Nação, contra a monarchia esterilizadora. O Primeiro Regimento assumiu attitude ostensiva,

apoando os chefes da classe que haviam posto o governo em cheque.

Teve este então uma extravagante idéia de humilhar o Regimento, mandando para lá a assumir o commando dessa unidade de artilharia, um oficial de infantaria, o major Manoel Francisco Soares.

Foi no presupposto de que o advento do commandante poderia implantar, com a disciplina, que não periclitara na tradicional unidade, uma nova directriz áquellas mentalidades, as dos officiaes, que, com o espirito cultivado da boa semente lançada por Benjamin Constant, já não sonhavam, porém preparavam o advento da República.

Falta de psicologia... O governo errou em tudo. O major Soares, recebido com justificada prevenção, fez um commando criterioso, sereno e intelligente. Não disciplinou porque isso não era preciso e, quanto a transformar os republicanos em automatos cumpridores de regulamentos atraçados e decadentes, seria numa utopia naquelles tempos de idealismo e fé patriótica.

A propaganda alastrava-se. Em vão o governo ia substituindo commandantes, transferindo officiaes: cada um que partia guardava a sua convicção e ia levar o seu contingente em prol da idéa republicana ao novo destino.

A revolução se approximava a passos apressados...

Foi durante esse dramático periodo da vida nacional que se decretou uma reorganização do Exercito, a 8 de Outubro de 1888. Essa reorganização começou a vigorar em 9 de Fevereiro de 1889.

Por ella o 1º Regimento perdeu duas baterias que foram constituir um novo Regimento, com séde em Bagé. Cada bateria continuaria com suas seis peças e o Regimento de Artilharia a Cavallo passou a ser de Artilharia de Campanha.

Foi uma grande dor para o velho regimento ver arrancar de seu seio as duas baterias (5º e 6º) e, a par das manifestações da população por ver ausentarem-se os seus filhos para a vizinha cidade e os officiaes tão queridos na sociedade local, havia impetos de revolta contra as deliberações ministeriaes.

As baterias tiveram de partir. Acompanharam-na os camaradas que ficavam e a população inteira de S. Gabriel, até ao Passo do Pinto. O ambiente era revolucionario e ali, quando se diziam os adeuses da despedida carinhosa, brotou o desejo de proclamar-se a revolução e os vivas á Republica estrugiram espontâneos e entusiasmáticos de todos os peitos.

Difficil foi aos chefes restabelecer a disciplina e conter os impectos de um movimento que traria talvez como consequencia retardar o advento de 15 de Novembro. Prematura e sem preparo organizado, a revolução teria sido abafada, e enfraquecendo os republicanos teria dado forças ao governo. Não devia prosseguir aquella insurreição.

Virtualmente esta existira e logo veio a reacção por parte do governo. Transferencias foram decretadas e alguns officiaes banidos para terras longínquas.

VERDUN

PELO KROMPRINZ GUILHERME (Trad. de L'Illustration)

III

Durante as primeiras semanas fez um tempo umido e frio.

Conseguimos assim levar nossa artilharia ás novas posições sem que o inimigo percebesse. Os estoques de munição foram despejados ao pé das baterias. Distribuiram-se os objectivos pelas unidades de tiro. Na tarde de 11 de fevereiro tudo estava prompto.

Na manhã de 12, desaba densa chuva. Chove a cantaros. Espessa cerração cobre toda a nossa zona. A visibilidade é tão ruim que é impossível observar o tiro da artilharia ou a progressão da infantaria.

São evidentemente contratempos que é preciso prever com um regime atmosférico tão variável como este da primavera na Europa. Mas não ha palliativos contra o mau tempo: no momento psychologico não ha senão decidir se nos lançamos ou não na aventura.

Havia indubitavelmente sérias razões para ignorar o tempo e para desencadear, apesar delle, a offensiva, logo que as condições o permitissem. Decidi, entretanto, adial-a, assumindo toda a responsabilidade das suas consequencias.

Não agi assim sómente por poupar ás minhas tropas sofrimentos inuteis mas também porque suppus que o ataque abortaria se a artilharia não pudesse apoiar efficazmente o avanço da infantaria. Ora, como já resaltei a ausência de visibilidade a isso se oppunha, dificultando enormemente a tarefa dos observatórios.

O ataque foi, portanto, retardado de 24 horas.

No dia seguinte continuou o mau tempo. E depois, a mesma coisa...

Cada vez me era mais difícil decidir-me a prolongar essa espera. Aos poucos aumentava minha responsabilidade. E por cima de tudo nas trincheiras de primeira linha as coisas iam de mal a peor. As tropas, sem abrigo algum engolfavam-se na agua e na lama. Os que asseguravam a ligação dia e noite, mais sofriam ainda.

Emfim com a lua cheia a 20 de fevereiro o vento mudou. Melhorou a visibilidade e nevou um pouco. Chegou o momento. Estes 8 dias de inquietante espera passaram e o inimigo, que o aproveitou para se preparar também, não era mais prudente do que nós.

Na manhã de 21 de fevereiro expedi a ordem de ataque, conforme o programma estabelecido.

As 8 horas nossa artilharia rompeu fogo, de minuto a minuto mais denso. Por todas as canhadas ecoava o trovão ensurdecedor das nos-

sas bocas de fogo. O inimigo que a 20 de fevereiro dera a impressão de estar a postos, só fracaamente respondia, e desordenadamente. Nossa fogo era dirigido não só contra as posições de primeira linha, mas também sobre as posições de bateria e vias de comunicação da retaguarda que nossos aviões haviam localizado. Algumas de nossas peças de marinha atiravam em Verdun e nas pontes do Mosa, na vizinhança da fortaleza.

Vendo este bombardeio espantoso, ninguém poderia imaginar que ainda pulsassem corações nas trincheiras revolvidas.

Não se poderia conceber que um engenho de guerra tivesse resistido a essa chuva de projectis e ficasse em condições de ser utilizado.

Na realidade, porém, não era assim. Muitas organizações defensivas do inimigo escaparam á nossa observação. Apesar de tudo, o efeito moral produzido por nossas bocas de fogo havia sido terrificante. Quando, ás 17 horas, nossa infantaria se lançou ao assalto das primeiras posições francesas, apenas encontrou fraca resistência e nossos tres Corpos de Exercito atingiram os objectivos prescritos.

O simples facto de abandonar as lamacentas trincheiras, depois de dias de espera e de agonia, dava aos combatentes novo alento. Meus bravos soldados derribavam todos os obstáculos em sua passagem...

No segundo dia da offensiva, 22 de fevereiro, os acontecimentos conservaram a mesma physionomia. Desta vez, após uma preparação de artilharia que durara toda a manhã, a infantaria entrou em acção ao meio-dia. Os 3 Corpos progrediram segundo os seus eixos, não com a mesma afoiteza do primeiro dia, mas comudo alcançaram resultados apreciaveis.

De tarde, o IIIº Corpo de reserva atingia as posições francesas nas cercanias de Haumont. O XVIIIº Corpo combatia furiosamente no bosque de Caures e o IIIº em Herbebois. A resistência inimiga aumentava sensivelmente, mas os alemães conseguiram rechaçar os franceses na terceira jornada.

O fogo de nossa artilharia, que se conservava nutrido, varria o terreno com grande eficiencia.

Muito se tem escrito sobre artilharia pesada. Ha apologistas extasiados das bocas de fogo de grande calibre, dos projectis mais altos que um homem e tão potentes que um só basta para demolir uma obra defensiva.

Quando se ouve falar desses monstros, somos levados a crer que após dias de bombardeio intenso, com uma tão esmagadora quantidade de

Primeiro, o Quarto fielmente honrou os antecedentes de onde proviera e em paginas heroicas de disciplina, de patriotismo e de bravura, escritas durante o sitio de Bagé, formou nos curtos annos de sua existencia a gloria de seu nome e um monumento de orgulho para a artilharia brasiliense.

(Continua)

Em vão... A 15 de Novembro desse mesmo anno de 1889 o Exercito e a Armada proclamavam a Republica.

* * *

As baterias desmembradas do Primeiro Regimento foram servir de nucleo ao 4º Regimento de Artilharia de Campanha, creando-se uma nova unidade da arma. Legítimo filho do legendario

canhões, morteiros e obuses, e que sei eu mais, a infantaria nada mais tem que fazer do que avançar e ocupar as posições inimigas varri-las.

São puras fanfarronadas. No decurso da guerra mais de um Chefe foi vítima dessa miragem. E ainda hoje, há exercitos que creem nessa doutrina, tão sedutora quanto enganosa.

Vou ensaiar uma breve explicação dessa fantasia.

Antes de tudo, a eficácia de cada tiro é limitada no espaço. Nunca se dispõe de tantas peças pesadas quanto leves e estas, não são tão eficazes como aquelas. Emfim, a fabricação militar ou industrial a mais formidável—e nós dois a tivemos—não é capaz de pôr em linha bastantes engenhos para cobrir de balas a totalidade de uma região.

Uma semelhante eficácia só se consegue sobre um objectivo muito restrito.

A artilharia deve então cobrir com seus fogos todos os pontos sensíveis onde se encontram tropas, material, fortificações, observatórios, passageiros, etc. Mas onde estão situados estes pontos? O apontador atrás do seu canhão nada vê. E preciso enviar reconhecimentos, patrulhas de officiaes, aviões, para referir o tiro.

O inimigo, por seu lado, possui canhões que atiram também. Acrescentai a tudo isso que os projectis não distinguem amigos dos inimigos. Quem se encontrar nas vizinhanças dos seus arrebatamentos será golpeado. Quando a infantaria avança galhardamente, palmilha as vezes terreno batido por sua propria artilharia. Desde que as trincheiras adversas sejam alcançadas a infantaria avisa sua artilharia para cessar ou alargar o fogo, por meio de foguetes, balões, outros signaes. Mas acontece frequentemente que estes signaes não são percebidos ou são mal interpretados.

Muitos desses inconvenientes foram attenuados, eu o reconheço, na ultima phase da guerra, mas não foram totalmente eliminados. Para o futuro a telephonia sem fio e outros melhoramentos e invenções acarretarão muitas mudanças mas nunca bastantes para permitir a engenhos collocados à distancia, em lugar seguro, neutralizar completamente a defesa adversa.

A bravura innata do homem resistirá sempre, felizmente, ao machinismo mais aperfeiçoado. Digo: **felizmente**, pois seria uma grande desgraça e uma desgraça irreparável para a humanidade inteira se se conseguisse suprimir a coragem, que é a mais bella virtude humana, pelas invenções científicas e a produção das usinas de guerra.

A 23 de fevereiro, o terceiro dia da offensiva, nossa artilharia bateu com seus fogos as posições inimigas. Ao meio dia, nossas divisões de primeira linha avançavam rapidamente através das linhas francesas evacuadas, por cima das redes de arame farpado e outros obstáculos.

Compreendem então que nossa artilharia não tinha sido igualmente eficaz sobre toda a extensão do terreno, como acontece geralmente nos tiros de preparação. De outro lado, a resistência encontrada havia variado conforme a região. A configuração topographica, ora nos impulsionava, ora nos retardava. Sobre certos pontos progredimos facilmente; outros não conseguimos desalojar o inimigo.

Houve parte onde fomos obrigados a recuar ou a ceder terreno em virtude de um contra-ataque. Entretanto, no conjunto, nosso avanço foi satisfactorio, tanto quanto era de esperar. De tarde enraizou-se-me a convicção de que o inimigo se achava no geral, enfraquecido. A artilharia francesa diminuiu a cadencia dos fogos mantida nos dias anteriores. Quanto a infantaria, havia ella evacuado as fazendas e bosques, muitas vezes sem combater. A batalha continuou durante toda a noite e sómente de madrugada tivemos algum descanso. Na tarde do dia seguinte, 24 de fevereiro, depois da classica preparação de artilharia, nossos infantes retomam o avanço às 14 horas.

A progressão foi em geral satisfactoria. Nossa ala direita alcançou o Mosa. A 14 D. I. de reserva conquistou todos os seus objectivos, mas não podia ser substituída e enviada para a retaguarda. A outra divisão do VII Corpo continuava o ataque rumo à costa de Talou, que é de declive forte. A artilharia francesa da margem oeste do Mosa a mantinha sob um fogo constante. Em quanto o XVIII Corpo assaltava Beaumont, o III Corpo progredia nos dois lados da fazenda Chambrettes e mesmo a ultrapassava. A 2 km. na frente elevava-se a collina que deu nome à Villa Douamont e, no vertice dessa elevação, o forte que nos parecia atrahir, mas com grandes ameaças...

No decurso da jornada de 24 de fevereiro, desencadeamos o ataque nas planícies do Woëvre. Quando caiu a noite, o largo sistema defensivo inimigo, que englobava varias linhas de trincheiras, foi rompido por nossas tropas. Era urgente aíargar a brecha o mais rapidamente possível para evitar que o inimigo lançasse suas reservas na batalha. Estas acudiram em grandes massas por caminhões, na estrada de Clermont.

Surgiu então uma sombra ameaçadora...

Durante esses meses, meses de guerra, a cada instante crítico um espectro havia alçado a cabeça nas linhas alemães: a falta de reservas...

Parece que algum espirito maligno brincava connosco, pois todas as vezes que a victoria estava ao nosso alcance, a força nos abandonava...

Perdiamos a sorte antes de alcançar o fim: Foi assim no Marne, em Vilma, em Salónica e, agora, em Verdun...

Quando um dos nossos officiaes superiores deixou o Japão, em Agosto de 1914, um alto funcionario lhe disse: "Lastimo para os senhores esta guerra".

O sentido destas palavras não deixava dúvida alguma: era uma allusão á superioridade numerica dos aliados.

E' portanto, apesar das inumeras reservas de homens de que dispunha a Entente não teria jamais conseguido a victoria se, no ultimo momento, os Estados Unidos não tivessem entrado na guerra. Foi em Amiens e no Marne, na primavera de 1918, que nos convencemos de que nossos efectivos nunca seriam suficientes para o esforço decisivo que era preciso fornecer.

Perguntar-me-ão como se explica que eu não tivesse, em fevereiro de 1916, 3 Corpos de Exercito de reserva para substituir os que haviam combatido sem cessar durante 4 dias, que

Artilharia Divisionaria

Cmt. de Grupo E. Ricard

Traduzido da "Revue d'Artillerie" — — Outubro de 1929

Pelo Cap. ADHEMAR C. MATTOS

PAPEL DO COMMANDO DO GRUPO NO COMBATE

O commandante do grupo fixa a zona em que cada bateria procurará sua posição exacta. Organiza e aproveita a observação. Reparte as missões entre as baterias. Dá as ordens de tiro, coordena e confronta os tiros. Centraliza os resultados obtidos em cada bateria. (Manual de tiro do 75 e do 155 C.).

Tomemos essas definições como base de estudo e procuremos precisar a natureza dos problemas que se apresentam ao commandante do grupo:

- I — Antes da ordem de reconhecimento
- II — Durante e depois do reconhecimento
- III — Pouco antes da abertura do fogo
- IV — No decurso da propria acção

Fica entendido que o trabalho atribuído ao commandante do grupo no presente estudo, constitue um maximo que nem sempre poderá ser attingido, mercê das possibilidades inherentes á situação, mas para o qual deverão convergir todos os seus esforços.

I — ANTES DA ORDEM DE RECONHECIMENTO

A — MATERIAL

De inicio lembraremos que para poder coordenar os tiros, no decorrer do combate, o commandante do grupo terá tido o cuidado de prescrever uma preparação material, estudada e resolvida antes de qualquer situação tactica, durante a paz, se possível, senão no inicio da mobilização. (1)

Tal preparação terá por fim permitir o conhe-

(1) Ulteriormente, no decorrer das operações, essa questão será retomada, toda vez que se substituir o material, ou mesmo que não se substitua, sempre que após um período de tiro, houver tempo suficiente (periódos de repouso, de estabilização, etc.).

avançaram sobre arame farpado, através de trincheiras, abrindo estrada nas linhas inimigas. A victoria estava tão perto delles que não tinham mais do que colhel-a.

Por que não tive eu reservas?

A esta pergunta só posso responder: Eu proprio não sei...

Ainda hoje, não posso dizer por que as reservas necessarias não me foram postas á disposição. Penso que ahi reside o maior erro que commetemos nas operações de Verdun.

Foi este erro que nos privou do bom exito que almejavamos.

Segundo a documentação francesa publicada, é razoável verificar que, a 24 de fevereiro de 1916, podíamos ter quebrado a resistencia inimiga.

cimento tão perfeito quanto possível, de todo o material em serviço no grupo. Encontram-se nos regulamentos as prescrições pertinentes a tal questão: comparação dos tubos, dos niveis, dos apparelhos de pontaria, dos goniometros, etc.

Lembraremos unicamente que o commandante do grupo deverá distribuir as peças de maneira a dar, a cada bateria, tubos que possuam gráos análogos de desgasto, e lembraremos mais que os archivos do grupo deverão possuir os dVo da peça directriz de cada bateria. Um quadro dos dVo relativos será organizado, sendo uma das baterias designada como bateria-guia.

O conhecimento dos dVo se deduz das informações relativas ao avanço do cone de adoçamento, constantes dos livros de tiro.

Nos tiros de regimen executados quer em tempo de paz, quer no decurso das operações, novos valores podem ser obtidos para esses dVo. (2)

A comparação dos diferentes materiaes em serviço no grupo poderá ser feita de modo relativamente rapido. Notaremos que, em compensação, a traducção dos resultados dessa comparação em quadros de correcções para uso dos chefes de peça, requer por seu lado muito tempo, e notaremos principalmente que a utilização desses quadros exige uma instrução particularmente cuidadosa. Entregar esses quadros a graduados pouco instruidos é arriscar-se a obter erros sempre maiores do que aquelles que se quer corrigir.

(2) Ha vantagem em transformar em minutos, prévia mente, as correcções metricas fornecidas pelas tabellas de tiro para os dVo de 10 em 10 metros, afim de que possam os chefes de peça utilizar com rapidez os novos valores obtidos expressos em quadros de correcção.

O quadro de correcção do 155 é com efeito expresso em minutos.

Para o 75, nos tiros com o nível, onde a precisão deve ser muito grande, é necessário tambem que as correcções sejam dadas em minutos.

O trabalho de transformação é muito demorado e por isso é aconselhável seja feito em tempo de paz.

O alto Commando frances dera ordem de evacuar a margem direita do Mosa (1).

A estrada estava aberta.

Nota francesa: "Isto é inexacto. Nas horas mais criticas do avanço alemão a 3ª Secção do G. Q. G. frances tinha, como era do seu dever, encarado as duas hypotheses: a da evacuação, e da resistencia. Para ganhar tempo elle preparou as duas ordens, com as medidas de pormenor concernentes á execução, e as submeteu ao general Joffre.

Este tomoumeticulosamente conhecimento do "dossier" assim como das partes provindas da frente; depois, com o sangue frio e lucidez de julgamento que o não abandonaram nunca, apontou com o indicador a ordem de resistencia: "Esta.", disse simplesmente. E assignou.

Taes são as razões que nos levam a empreender desde o tempo de paz a comparação prévia dos materiaes. Será feito o mais que for possível, concurrentemente com a instrução dos graduados sobre o uso dos quadros de correção.

Ainda antes de qualquer situação tática, mas desta vez já na zona de operações, o commandante do grupo cuidará da declinação dos goniometros-bussola do grupo. Utilizará, se possível, uma estação de declinação (Para isto pedirá informações ao commandante do agrupamento). Em falta de uma estação nessas condições, adoptará uma para o grupo, ou utilizará um alinhamento de 3 a 4 kilómetros, se houver na região.

B — MUNIÇÕES

Retrocemos um pouco na ordem cronológica das missões que competem ao commandante do grupo, para estudarmos imediatamente a questão das munições, tão intimamente ligada à precedente no ponto de vista da coordenação dos tiros. Fica entendido que tal questão é permanente e poderá surgir em qualquer momento, durante as operações.

Caracterizam-na duas palavras: *Lotação* e *Taragem*.

a) Lotação

Parece que na maioria dos casos se impõe a aplicação dos princípios seguintes para a repartição em lotes:

1º — Se os tiros previstos exigem consumo inferior ao valor de um lote, procurar distribuir esse lote por todas as baterias.

2º — No caso contrário, dar o lote a uma única bateria.

3º — Se o reabastecimento se faz com sobras de lotes, deverão ser reunidas taes sobras em uma única bateria, com tanto que essa bateria fique encarregada tanto quanto possível dos tiros menos precisos, pois seu aprovisionamento é muito dispar.

Notaremos em seguida que o commandante do grupo não é quem dirige a lotação das suas baterias. Tal cuidado compete às autoridades superiores, em princípio ao commandante da artilharia de corpo de exercito. Entretanto, o commandante do grupo poderá e deverá intervir na questão:

1º — informando permanentemente a autoridade distribuidora das munições, sobre a situação da lotação, isto é, enviando em tempo opportuno, por via hierárquica uma "situação de lotação", cuja cópia será com vantagem remetida ao commandante da C. R. (3), autoridade geralmente encarregada do recebimento das munições (Vide annexos).

Essa situação é independente da "situação de munições", organizada no fim de cada dia, e onde são anotados sómente o numero de tiros dados, especie dos projectis, etc... porém, de modo nenhum o numero de lotes.

2º — ordenando ás baterias, trocas judiciosas de munições, umas com as outras, procurando aproximar-se dos princípios de lotação acima enumbrados.

b) Taragem

Feito o aprovisionamento, o commandante do grupo, terá a preocupação da taragem.

O commandante do grupo dará as ordens nesse sentido, desde que as circunstancias o permittam, do contrario caberá a iniciativa da taragem aos

commandantes de bateria. Veremos depois como serão executados esses tiros de taragem.

Aqui notaremos sómente que a taragem nunca é definitiva e sim que todo o tiro regulado e depurado poderá ainda ser melhorado. Toda vez que for possível isso fazer, as baterias depurarão o tiro e enviarão ao grupo o resultado dessa depuração, resultado que o commandante do grupo centralizará num quadro de taragens onde as indicações são comparadas com as da bateria-guia. (Ver annexos).

II — DURANTE E DEPOIS DO RECONHECIMENTO

Estudámos em outro logar (4) o trabalho preparatorio do commandante do grupo e o plano geral do reconhecimento, logo depois de recebida a ordem de reconhecimento.

Vamos agora tratar do papel do commandante do grupo durante o reconhecimento e das ordens por elle dadas no fim desse trabalho.

No momento da partida do reconhecimento quais são suas preocupações?

Primeiro aquellas que se relacionam com a collocação em posição, fim imediato do reconhecimento: as ordens são dadas, os officiaes do grupo, informados previamente, trabalham no terreno. Apresentarão suas proposições. O commandante do grupo decidirá. A collocação do grupo na posição e sua instalação, porém, são apenas, os meios para atingir o fim, que continua a ser o cumprimento da missão nas melhores condições. Isso traz para o commandante do grupo as preocupações seguintes:

1º — Preparar o emprego dos fogos mediante o estudo dos objectivos;

2º — Distribuir as possibilidades maximas de observação na procura dos objectivos, na regulação e confronto dos tiros;

3º — Preparar a abertura do fogo. Verificação (5), confrontos...

4º — Remetter o relatorio á autoridade superior;

5º — (ulteriormente) Redigir as ordens de tiro.

Vemos desde logo que taes preocupações não são independentes; separamos-as, apenas, para facilitar o estudo do trabalho que elles impõem ao commandante do grupo.

Lembraremos ainda que a maioria delas não é dependente da entrada em acção do grupo, pelo

(4) Veja-se Revista de Artilharia, tomo 104, julho de 1929, pag. 34.

(5) A precisão das medidas topographicas e da distancia sobre a carta, é bastante deficiente ás vezes; se a situação tática permitte, o commandante de bateria, por ordem do commandante do grupo, poderá efectuar sobre o ponto de vigilância (no exemplo dado) um tiro de verificação com uma única peça, aproveitando uma occasião favorável (passagem de um grupo de infantes inimigos nesse ponto). O coefficiente de regulação desse tiro servirá para o calculo dos elementos de todos os tiros que possam ser efectuados pela bateria.

Muitas vezes as baterias tomam posição durante uma acção offensiva e, nesse caso, sem procurar a surpresa absoluta devem comodo evitar um accrescimo considerável da actividade da artilharia, afim de não atrair a attenção do inimigo.

As baterias nesse caso verificarão suas preparações mediante a execução discreta de um tiro de regulação que tem o nome de tiro de verificação.

Esse tiro é conduzido quasi sempre até a melhora.

O ponto de verificação será escolhido na zona de vigilância da bateria.

No decorrer de uma actividade da artilharia serão igualmente executados taes tiros. (Commandante Pascual — 6^a e 7^a Conferencias de Artilharia).

(3) Columna de reabastecimento.



Uma lanza legendaria —
Andrade Neves.

contrário, surgirão em qualquer momento do combate.

A — OBJECTIVOS

No decorrer do trabalho preparatório, a preocupação de conhecer os objectivos conduz o comandante do grupo ao estudo da carta, dos boletins de informações, das photographias aéreas... Esse estudo será continuado durante o reconhecimento, estendendo-se então ao observatório e em ligação com a infantaria, com as unidades já em sector, com o agrupamento, segundo as circunstâncias.

A princípio será manifestada por algumas anotações ou indicações sobre a carta, constituindo um documento que será, desde que a situação se estabilize, o primeiro documento do arquivo de objectivos — cartas e quadros (Vejam-se os anexos) — e mantido em dia no decurso das operações mediante o registro de todas as informações recolhidas (Observação, S. I. A., Infantaria, etc.).

Fundo o reconhecimento, o comandante do grupo receberá das baterias o calco das possibilidades de tiro e utilizará a documentação relativa aos objectivos para ordenar ás baterias a preparação de certos tiros e, eventualmente para repartir entre as baterias a zona de acção do grupo (6) (salvo se tal repartição tiver sido feita previamente).

(6) Ao efectuar a repartição o comandante do grupo terá em vista desde logo a manobra ulterior dos fogos. Se a zona fôr pequena será dada ao mesmo tempo ás 3 baterias; se fôr grande, será repartida, se possível entre 2 baterias, empregando a 3^a para agir em superposição sobre o conjunto. Evitará tanto quanto possível zonas peculiares a cada bateria.

O mesmo cuidado guiará o comandante do grupo no prescrever as ordens relativas á preparação de certos tiros. Voltaremos mais adiante sobre essa questão.

N. da R.: — O tradutor emprega o termo "verificação", traduzindo a expressão francesa "accrochage".

Em nossos regulamentos de artilharia não ha referência a essa operação, e, por conseguinte, veiu a lume a sua tradução oficial. Apenas em documentos de estudos de nossas escolas se encontra "accrochage" traduzida pelo termo "amarração", que parece exprimir melhor que "verificação", aquillo em que consiste a operação.

Realmente, "accrochage" é o tiro que uma bateria, chegada a uma posição nova, sem ter ainda quaisquer indicações para a preparação de seu tiro e não dispondo de uma carta exacta, executa sobre um ponto perfeitamente conhecido, para obter, pelo seu estudo, os dados indispensáveis á abertura do fogo sobre seus objectivos nas melhores condições possíveis; é a procura de um coefficiente de regulação, a constatação das condições locaes, peculiares á posição que ocupa, naquelle momento. Ella "amarrou" o seu tiro a um dado ponto do terreno.

Ademais, o termo "verificação" já existe: no regulamento n.º 14, para os exercícios e combate da Aviação, Título V, lamentavelmente contraposto ao "confronto" usado no regulamento n.º 13, da Artilharia, ambos como tradução do frances "contrôle" e definindo uma só e mesma operação.

O Reg. de Art. já havia traduzido "contrôle" por "confronto", não havendo a menor justificativa para intromissão da "verificação" nos regulamentos de Aviação, que são posteriores aquelle. Felizmente, regulamentos de artilharia mais modernos que os de Aviação, conservam a palavra "confronto".

Somos de parecer que se conserve a expressão "confronto", substituindo simplesmente no regula-

B — OBSERVAÇÃO

A preocupação de obter uma observação optima levará o comandante do grupo a reunir durante o reconhecimento os elementos de um plano de observação.

Consoante o tempo disponível, esse plano será mais ou menos completo. No caso de grande demora na abertura do fogo, será previsto desde o inicio, grande desenvolvimento. Noutra circunstância, a realização será progressiva.

Fundo o reconhecimento, o observador apresentará ao comandante do grupo a lista dos observatórios reconhecidos e, de cada um, a indicação do ponto aproximado, as partes vistas e occultas; eventualmente tal lista virá acompanhada de um croquis perspectivo. O observador indicará os alvos auxiliares identificados de cada observatório e eventualmente a precisão com que são conhecidos.

O comandante do grupo determinará quais os observatórios a serem ocupados permanentemente e, entre elles, um observatório de grupo que possa servir a outras baterias.

Não esquecer as vantagens da observação conjugada.

Distribuirá os trabalhos de ocupação dos observatórios, determinando em certos casos quais os oficiais que os deverão ocupar. (7) Guardará a lista dos observatórios que poderão ser ocupados.

De qualquer modo, a indicação dos observatórios reconhecidos e a das partes vistas e occultas de cada um, constituirá o começo do arquivo de observatórios, mantido também em dia pelo estado maior do grupo e completado na medida do tempo disponível (Vejam-se os anexos).

Finalmente, se fôr o caso, isto é, depois de ter dado as ordens iniciais para a abertura do fogo, por exemplo, o comandante do grupo determinará que o plano de observação seja seguido de um plano de deslocamento da observação regulado segundo as circunstâncias e cujas modalidades serão fixadas (pessoal, material, reuniões, lanços, ligações a estabelecer, transmissões a serem empregadas).

C — PREPARAÇÃO PARA ABERTURA DO FOGO

As condições da abertura do fogo dependem simultaneamente da situação e do terreno.

Dois casos se apresentam: a) a abertura do fogo se faz directamente sobre o objectivo; b) o tiro é possível, mediante verificação.

Neste caso haverá certa demora que permite uma preparação da abertura do fogo.

Poderão surgir diferentes situações:

(7) Essas prescrições correspondem muitas vezes a um trabalho mais geral: o do emprego dos comandantes de bateria.

Evidentemente ha casos em que elles devem ter toda a iniciativa nessa questão.

Em outros — particularmente no de um ataque preparado de antemão — impõe-se verdadeiro plano de emprego.

Por exemplo: — 1 capitão nas baterias
1 capitão no observatório aproximado das baterias

1 capitão no observatório avançado

Lembremos que é vantajoso ficar um capitão relativamente proximo do comandante do grupo.

mento de Aviação a palavra "verificação" por essa outra: deixa-se "verificação" para as multiphas operações de verificação dos trabalhos de preparação do tiro (reg. n.º 13, Art. IV Parte, Manual de Tiro para a Artilharia de 75, pagina 236).

- as verificações encontram todas as facilidades, ou então impõem-se silêncio e discrição;
- as verificações far-se-ão de dia ou de noite;
- o terreno oferece ou não pontos de verificação suficientes;
- os tiros de eficácia deverão ser feitos imediatamente após as verificações, ou algum tempo depois.

Cada situação terá sua solução própria, e é essa solução a preocupação constante do comandante do grupo (salvo se lhe tiver sido já imposta). Nos dois casos, este comandante estudará durante o reconhecimento os meios de realização.

Ainda durante o reconhecimento o comandante do grupo terá a preocupação de obter possibilidades para o confronto do tiro das baterias, empregando a observação terrestre. Nesse sentido estudará as sujeições da observação e da transmissão pertinentes a tal questão.

A propósito tentemos tratar de modo geral sobre o confronto dos tiros feito pelo comandante do grupo.

Tal confronto apresenta-se sob várias formas: Confronto permanente efectuado á vista dos boletins de tiro;

Confronto pela observação dos tiros feita pelo grupo;

Confronto efectuado pela comprovação dos resultados (photographias aéreas, informações recolhidas junto á infantaria).

Finalmente redacção das ordens relativas aos tiros de confronto da preparação ou da execução dos tiros de eficácia.

A observação desses tiros de confronto pode ser terrestre ou aérea.

No caso de observação aérea lembraremos que o confronto de 3 baterias dura cerca de 20 minutos, na hipótese de ser normal o desenvolvimento das operações (disciplina de tiro, transmissões perfeitas). A antenna do grupo funcionará em princípio como antenna directriz.

No caso de observação terrestre, convém reservar a observação bilateral conjugada para o confronto dos tiros sobre objectivos reais; o método do retículo tangente para o confronto dos tiros sobre objectivos fictícios. O confronto dos tiros pelo método do retículo tangente exige que se tenham as mesmas precisões gráficas necessárias á regulação pelo mesmo método. O confronto do tiro por esse método dura cerca de $\frac{1}{2}$ hora.

A propósito da escolha dos objectivos para a verificação da preparação do tiro, julgamos necessário ressaltar a vantagem de dar o mesmo objectivo de confronto ás 3 baterias, desde que possível. O confronto nessas condições é com efeito a melhor preparação das futuras concentrações.

Para a organização dos planos a adoptar relativamente ás ordens de tiro de confronto, as prescrições acham-se nos regulamentos para os quais remetemos o leitor.

D — RELATÓRIO Á AUTORIDADE SUPERIOR

Vem aqui tal assumpto porque é necessário insistir que terminado o reconhecimento, o comandante do grupo não deve se contentar unicamente em dar a conhecer a situação que lhe diz respeito. Certamente transmitirá:

- indicação sobre suas posições e seu P. C.
- o calco das possibilidades de tiro das baterias

- as posições dos observatórios
- o calco das partes vistas e ocultas de cada observatório
- indicações sobre os alvos auxiliares que pensa utilizar
- o sistema de transmissões, etc.

E' bem possível que, depois de enviar o relatório, a missão do comandante do grupo se tenha modificada.

Ha que acrescentar, porém, que o comandante do grupo deverá transmitir também todos os resultados do reconhecimento não utilizados por ele, mas capazes de o serem por outros. Indicará particularmente:

- todas as posições boas e reconhecidas, não ocupadas por elle
- todos os observatórios desprezados
- todos os alvos auxiliares identificados que não foram aproveitados.

E — ORDENS DE TIRO RELATIVAS Á ABERTURA DO FOGO

Exceptuando-se o caso da abertura do fogo sobre o próprio objectivo, os primeiros tiros compreenderão, quando possível, verificações, confrontos e, se fôr o caso, taragens.

As três questões acima, tratadas aqui separadamente para facilitar o estudo serão quanto possível connexas. Razão pela qual estudamol-as agora num mesmo capítulo.

A ordem de tiro relativa á abertura do fogo — primeiro proveito do trabalho do comandante do grupo — terá em vista, então, a realização simultânea das 3 questões, se elas se impõem.

A fórmula da ordem varia consoante a situação. A mais simples corresponde á descentralização máxima e indica sómente, por exemplo, a hora em que os tiros iniciais devem terminar, deixando aos comandantes de bateria a iniciativa da execução. A mais complexa corresponde á centralização máxima e constitue um verdadeiro plano de emprego apresentado sob o aspecto vantajoso de um quadro de trabalhos das baterias, e onde figuram: horário, objectivos, modalidades de tiro, condições de observação (terrestre ou aérea) e condições de transmissão (associações necessárias).

Será prevista eventualmente a coordenação dos tiros.

(Continua)

N. da R.: — E' bom reparar o leitor desprevenido nas expressões "confronto dos tiros" e "tiros de confronto".

Tiros de confronto são os tiros que se executam para permitir a operação regulamentar do confronto do tiro, de que é geralmente incumbida a observação aérea; elles podem visar quer a verificação de tiros preparados unicamente pela carta, quer o ajustamento dos tiros de eficácia sobre o objectivo, ao passo que "confronto dos tiros", aqui empregado, traduzindo "*le contrôle des tirs par le commandant de groupe*", é a própria função do Major comandante do Grupo, isto é, examinar, verificar, inspecionar, fiscalizar o trabalho de suas baterias, *contrôler* o trabalho do Grupo, usando o galicismo como melhor expressão.

A Educação e as novas doutrinas sociaes

O Brasil, como quasi todas as outras nações, atravessa séria crise na sua vida social e política e, para essa crise, devem concorrer todas as attenções dos homens de governo e de qualquer cidadão patriota e amigo de sua família. Nas classes trabalhadoras, na sociedade e na família, repercutem, dia a dia, os écos e mesmo a estridulação de doutrinas, completamente oppostas aos nossos costumes, á nossa formação ethnica e á nossa tradição.

Os falsos regeneradores do Mundo, explorando os espiritos incautos e de sedimentação intellectual deficiente, têm procurado engodar alguns brasileiros com o seu já celebre *canto de sereia*.

Infelizmente e em franca oposição com os principios que adoptam, esses inimigos da sociedade actual, da familia e da Patria buscam insidiosamente na força das Classes Armadas fortalecer a semirazão de seus processos anarchicos.

Estamos certos de que no Brasil, onde a liberdade campéa, onde a miseria não existe e onde as grandes extensões de terras exuberantes não permitem que medre o fantasma dos "sem trabalho", não vingarão as idéas subversivas.

Comtudo, é preciso não fazer pouco do inimigo.

Para isso, torna-se necessário reagir, não pela força que irrita, não pela compressão que atrai piedade para os opprimidos, mas *pela educação e pela explicação esclarecida* dos males das novas doutrinas.

Essa educação, extensiva a todas as classes sociaes, deve ser intensiva e vigilante, principalmente no seio das nossas Classes Armadas. Constituidas de elementos provindos de todos os meios, essas classes estão sujeitas, mais do que quaequer outras, ás influencias infiltrantes dos novos evangelizadores e podem naturalmente deixar-se tomar pela accão entorpecente do incenso que se queima ao seu prestigio e á sua responsabilidade na vida dos povos.

Já é tempo de nos quarteis, por uma accão paciente e discreta, esclarecer os espiritos dos soldados sobre o acerto de nossa organização

social, sobre a necessidade de conservarmos os enormes benefícios que os nossos antepassados acumularam com intelligencia e, muitas vezes, com sacrificios. A incuria nessa tarefa constitue, no momento actual, um crime que nada redimirá.

É preciso que não se confie a campanha de reacção á vigilancia e correcção das machinas policial e judicial.

Não nos deslembremos da delicadeza que essa educação offerece quanto á natureza dos processos a serem empregados. Todo o perigo está em atrahir a sympathia dos homens para as innovações apparentemente tentadoras dos novos systemas. Para isso não ha que fazer referencias directas ás suas theorias. Parece-nos mais efficiente instruir o soldado, por palestras e accões, sobre as vantagens da actual organização, sobre a razão natural de sua formação e sobre o processo forçado de sua evolução atravez dos séculos; mostrar-lhes que as transformações sociaes se processam lentamente, sem saltos; e que tentar violar essa regra é contrapor-se á natureza que não dá saltos.

Não nos devemos esquecer de que a Cárserna é uma *Escola*, mas sobretudo, *Escola de civismo*.

A accão educadora constante de todos os officiaes inutilizará as tentativas malsãs dos agitadores e facilitará grandemente a educação do povo, pela volta ao seu seio de individuos, daja a perfeita comprehensão dos factos sociaes, da organização que desfrutamos e dos males provindos das idéas subversivas, se irradiará no meio em que fôr viver.

Essa contra-preparação, montada com methodo e persistencia, esmagará na base de partida, as tentativas destruidoras dos reformistas importados, que, não achando a felicidade em suas patrias, vêm invejosamente perturbar a paz e a felicidade que nos proporciona a terra immensa que nos viu nascer e que amamos acima de tudo.

Eia! pois. Attenção! Mão á obra e espirito vigilante!

Organização das promoções no Exército

Tradução da Revista Militar Argentina

Pelo 1º Ten. ALCINDO PEREIRA

(Conclusão)

PROMOÇÃO DE UM 1º TENENTE A CAPITÃO

Suponhamos que se tenha de qualificar um

Aptidões	
1) — Aptidões	militares
2) — " "	espírito militar
3) — " "	procedimento
4) — " "	físicas
5) — " "	militares (Cmdo, etc)
6) — " "	intelectuais

1º tenente, o qual pelas aptidões demonstradas e por estar em fracção deve ascender —

O processo é o seguinte:

1º Tenente X

Qualificação	Coeficiente numérico
Apto para o posto superior	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
Total	24

Coeficiente médio 24: 6 = 4.

Este oficial não cursou nenhuma escola especial. Por isso tem o coeficiente intelectual mínimo, ou seja **quatro**.

A lei, porém, dá como suficiente em se tratando de oficiais subalternos, para os quais deve ser considerado o coeficiente médio 3,33, como se verá mais adiante. Com isso a lei comtem-

pla a psicologia especial do homem jovem e permite que duas das qualificações parciais sejam só de **dois pontos**, ou, o que é o mesmo, que em duas aptidões haja sido qualificado como **apto para o posto**, cujo coeficiente é **dois**.

Temos, agora, o caso de um capitão que deve ser promovido a major.

Capitão M

Aptidões	
1) — Aptidões	de caráter
2) — " "	espírito militar
3) — " "	procedimento
4) — " "	físicas
5) — " "	militares
6) — " "	intelectuais

Qualificação	Coeficiente numérico
Apto para o posto superior	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
Total	25

Coeficiente médio 25: 6 = 4,17.

Este oficial apenas cursou a Escola de Armas, por isso, só aumenta **um ponto** no seu coeficiente intelectual.

O coeficiente médio deste oficial, não alcança o limite para ser considerado em condições de acesso, por quanto o mínimo que a lei exige é 4,30, ou, o que é o mesmo, automaticamente passa para a 2ª classe.

Outra variante.

Suponhamos que tenha cursado o 1º ano da **Uma variante**. Escola Superior de Guerra ou do Curso Superior, ou tenha prestado o exame como aluno livre, na forma do artigo 120 da lei.

O total dos coeficientes será de 26 e o coeficiente médio 4,33, isto é, está em considerações de ser considerado para a promoção.

Tomemos outra variante em que ficarão incluídas todas as que podem apresentar-se.

Aptidões	
1) — Aptidões	de caráter
2) — " "	espírito militar
3) — " "	procedimento
4) — " "	físicas
5) — " "	militares
6) — " "	intelectuais

Qualificação	Coeficiente numérico
Apto para o posto	—
" " " " superior	4
" " " " —	2
" " " " superior	4
" " " " "	4
Total	25

Coeficiente médio 25: 6 = 4,17.

E' um oficial que cursou os tres anos da E. S. G. ou C. S.; por isso aumentou **cinco pontos** no seu coeficiente de aptidões intelectuais; porém para ter duas qualificações parciais **não aptas** para o posto superior, seu coeficiente médio não lhe permite ser considerado para a promoção.

Aptidões	
1)	Aptidões de carácter.....
2)	" " " espirito militar.....
3)	" " " procedimento
4)	" " " físicas
5)	" " " militares
6)	" " " intelectuais

Coeficiente 36: 6 = 6.

Este coronel tem **cinco pontos** em aptidões militares por estar compreendido no artigo 150 da lei, isto é, tem um elogio como condutor prático da tropa.

Tem **quinze pontos** de coeficiente intelectual subdividido assim: **quatro** que é o básico por haver egressado do Colégio Militar; **tres** por ter sido aprovado até o II curso da E. S. G. ou do C. S.; **tres** por ter sido aprovado no curso

Aptidões	
1)	Aptidões de carácter.....
2)	" " " espirito militar.....
3)	" " " procedimento
4)	" " " físicas
5)	" " " militares
6)	" " " intelectuais

Coeficiente médio 37: 6 = 6,16.

O coeficiente intelectual está subdividido: **quatro**, o básico; **cinco**, por ter sido aprovado no III Curso da E. S. G. ou C. S.; **tres**, por Alto Instrução; **cinco**, pelo art. 133 ou art. 151, item 7º da lei.

Outra variante.

Se este mesmo coronel fosse oficial de E. M. teria como coeficiente intelectual 18 pontos e como **coeficiente médio** 6,33.

Mais variantes

De acordo com o artigo 152, as obras escritas e de utilidade têm um coeficiente que varia entre **um e tres pontos**, que devem aumentar o coeficiente intelectual.

O acesso é por antiguidade qualificada ou o que é o mesmo, por maior coeficiente médio tomados como base os coeficientes militar e intelectual, que são os únicos que admitem aumentos ou, por outra, tratarão de ir melhorando paulatinamente e ir conservando o coeficiente das outras quatro aptidões restantes, para evitar que algumas se tornem negativas. Isso pode acontecer com a aptidão de carácter, por motivos injustificáveis com a conduta, por castigos e com as físicas, por enfermidades.

A lei prevê este caso e dá dois anos aos candidatos, para que se reabilitem.

Assim pôde-se proceder para todos os postos, mas acrescentarei alguns exemplos de promoção de coronéis, que é a de maiores dificuldades.

Coronel P. (Com o mínimo de instrução mas excelente no comando de tropa).

Qualificação	Coeficiente numerico
Apto para o posto superior	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	5
	15
Total	36

de Alta Instrução, e, **cinco** pelo disposto no art. 123, ou art. 151, item 7º.

O **coeficiente médio** que possue é mínimo exigido na lei para ser considerado para a promoção ao posto superior.

Uma variante.

Coronel R. (Com o máximo de preparação intelectual, sem ser oficial de E. M. e sem a qualificação de aptidões militares do anterior).

Qualificação	Coeficiente numerico
Apto para o posto superior	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
" " " " "	4
	17
Total	37

Fica evidenciado o mecanismo desta lei que, como se pôde apreciar, concorda com os fundamentos escritos e ajuda no avanço da carreira, a todo aquél que tenha adquirido as forças necessárias para isso.

Em uma palavra: premeia-se a quem o merece e, a todos por igual: — preceitos **básicos** em **uma boa lei de promoções**.

Por último, cada motivo injustificado diminuirá de **dois pontos** o coeficiente de carácter. Deste modo poder-se-ha chegar a coeficiente negativo.

As razões que justificam esta medida são fáceis de deduzir e por isso as suprimo intencionalmente.

* * *

Este projecto de lei considera como deve ser, com igualdade, tanto o oficial dedicado á tropa e serviço de E. M., como o ocupado em actividades técnicas, tam indispensáveis ao funcionamento de um exército moderno.

Só com esta solução avança-se um grande passo no que concerne ás promoções, pois, bem sabem os oficiais que têm dedicado seus afans ao estudo tenico, qual é a situação actual e como

são considerados na já antiga lei n. 9675, que está em vigor.

A promoção dos oficiais destinados aos serviços, tais como: administrativo, veterinário, sanitário, etc..., tem, como se viu, um capítulo especial neste projecto de lei e é conferido por antiguidade, pois a selecção resulta, para estes casos, completamente desnecessária e até prejudicial.

Os médicos, os veterinários, oficiais de administração, etc..., ao serviço de um exército moderno devem desenvolver suas actividades profissionais submettidas a um regimen determinado, cujo conhecimento obterão com uma instrução militar adquirida em escolas especiais, destinadas exclusivamente a esse fim.

A direcção geral de todos os serviços em campanha, que é onde está realmente a sua importância, deve estar sempre debaixo do comando imediato de um oficial superior de E. M., especializado no serviço que comande.

Pretender que um médico, veterinário, oficial de administração, etc..., possúa uma perfeita preparação militar, é incorrer no grave defeito de destruir a competência que dá o conhecimento especial de um ramo, pela encyclopédia exigida a uma só pessoa.

Geralmente não se dá aos serviços a importância que têm; porém, quando se pensa conscientemente nêles, se deduz: que, estes assimilados, que tem a seu cargo os serviços, devem ser uns perfeitos especialistas antes que militares completos.

Continuaremos com o capítulo seguinte, do projecto de lei.

CAPITULO VIII

CRITÉRIOS PARA A QUALIFICAÇÃO. LISTAS DE PROPOSTAS E RECURSOS DE QUALIFICAÇÃO

Art. 155 — Para a determinação das listas por antiguidade qualificada, a Comissão Qualificadora terá em conta os critérios estabelecidos na presente lei.

Art. 156 — A Comissão Qualificadora deve julgar as aptidões profissionais, considerando tudo o que esta lei indica em relação aos informes de qualificação e coeficientes, de tal modo que a ordem de mérito se vá dando aos oficiais que são realmente os mais merecedores, não só por sua preparação profissional, mas também por suas condições morais e físicas.

A igual coeficiente médio mantém prioridade o mais antigo.

Art. 157 — Os candidatos á promoção devem ter um **coeficiente médio mínimo**, de acordo com o indicado neste artigo:

1 — Para ser promovido de 2º a 1º tenente, não inferior a 3,33 pontos.

2 — Para ser promovido a capitão, não inferior a 3,65 pontos.

3 — Para ser promovido a major, não inferior a 4,30 pontos.

4 — Para ser promovido a tenente-coronel, não inferior a 4,50 pontos.

5 — Para ser promovido a coronel, não inferior a 5 pontos.

6 — Para ser promovido a general de brigada ou de divisão, não inferior a 6 pontos.

Os oficiais que não tenham este coeficiente mínimo, não devem ser considerados para a promoção, ainda que a Comissão Qualificadora deva qualificá-los afim de propor a reforma correspondente.

Art. 158 — Quando a Comissão Qualificadora tenha antecedentes, ainda fora do articulado desta lei, e considerem que afectam as condições morais que deve possuir o oficial, tem a faculdade para variar a ordem de mérito nas listas de propostas, devendo lavrar-se a acta correspondente e deixando constar as razões que influiram para a determinação adoptada.

Art. 159 — Uma vez depuradas as listas e estabelecidas as que correspondem por antiguidade qualificada, a comissão formulará as listas definitivas de propostas para a promoção; a de oficiais aptos que não podem ser promovidos por falta de vagas e a de ineptos, as quais serão levadas pelo presidente da Comissão ao Sr. Ministro da Guerra por via reservada, ajuntando em anexo, a informação correspondente e o livro de actas.

Art. 160 — A informação a que se refere o artigo anterior será em forma circunstanciada e completa com as observações, que ao presidente e aos vogais tenha sugerido a aplicação feita da lei e sua regulamentação, com expressão dos fundamentos e aconselhando as medidas que se consideram convenientes para seu aperfeiçoamento orgânico.

Se o presidente ou vogais da Comissão Qualificadora comprovaram ou tiveram motivos para atribuir a algum dos membros ou informantes da comissão alguma injustiça ou falta de equidade ou de rectidão, que prejudique o serviço ou a um oficial, deverão fazer constar na informação antes referida.

Art. 161 — O P. E. comunicará, imediatamente, a situação de cada um de todos os interessados, que não sejam promovidos para que se tiverem de fazer alguma reclamação a façam dentro dos cinco dias.

A Comissão Qualificadora informará ao P. E. sobre os antecedentes que existem para as reclamações efectuadas, sendo este que resolverá em definitivo o que corresponda.

Art. 162 — Os comandantes de divisão ou directores gerais de grandes repartições, deverão dar conhecimento oportuno ao Ministro da Guerra, para a relação correspondente, quando um oficial já proposto para a promoção, incorra em alguma infracção, que por seu carácter possa dar motivos fundados para a postergação de seu acesso.

Art. 163 — O oficial cuja qualificação tenha sido reclamada e resolvida favoravelmente, melhorará sua colocação nas listas, quer seja proposto ou não para a promoção, dando-se o lugar definitivo que lhe corresponda, e fazendo-se as comunicações pertinentes.

Se sua vaga tiver sido já preenchida, será promovido fóra do quadro e ficará assim até que se produzam novas promoções de seu posto e

arma, reconhecendo-se então a antiguidade da data que lhe correspondia á promoção.

Art. 164 — Os oficiais considerados aptos para a promoção, mas que não tenham sido promovidos por terem termo médio inferior aos que o foram no fim de dois anos consecutivos desta situação, passarão administrativamente á reserva dentro dos 30 dias após as novas promoções, tendo direito á pensão que por seus anos de serviço lhes corresponda, bonificada com 20 % da mesma.

Art. 165 — Os oficiais considerados para a promoção e que foram declarados ineptos para serem promovidos ou para permanecer no posto, passarão automaticamente para a reserva e terão direito á pensão que por seus anos de serviço computados lhes corresponda, sem bonificação (1).

Quando os oficiais a que se refere este artigo não tiverem o número de anos de serviço computados, necessários á reforma com direito á pensão, e não solicitarem a baixa do exército permanente dentro dos dois meses após as promoções, deverão ter baixa administrativamente.

Art. 166 — Quando, por qualquer razão, não se produziram durante o ano as eliminações que devem produzir-se pelas diferentes causas que prevê a presente lei, ocasionando estancamentos nos diversos postos, o P. E. eliminará do ou dos quadros das armas, certo número de oficiais do posto que corresponda, afim de regularizar o movimento dos quadros.

Para determinar os que devem ser eliminados, a Comissão Qualificadora formulará uma lista dos oficiais até general de divisão que, mesmo sem ter sido considerados, não têm o coeficiente médio que indica o art. 157, e dos oficiais que tendo sido considerados, possuam termos médios mais baixos, começando-se pelo menor até satisfazer as vagas necessárias.

Os oficiais reformados pela aplicação deste artigo, porém a pedido, e que possuam um coeficiente médio que os qualifique de aptos para o acesso, gozarão de uma bonificação de 5 %, além do que expressa o artigo 164.

Art. 167 — Aprovadas pelo poder executivo as listas de propostas para a promoção, em um só decreto se farão todas as promoções até ao posto de tenente-coronel inclusivo. Quando se obtiver o acordo do Senado far-se-ão as dos oficiais superiores, considerando-se, entretanto, como produzidas as vagas. Em tais decretos os oficiais promovidos serão colocados conservando a antiguidade de quadro que tinha antes dos mesmos.

Se um oficial excluído tiver que reclamar, o fará por espirito dentro de prazo indicado no artigo 161, contando desde a data em que se emite a comunicação, ficando entretanto suspensa a reforma até resolução do recurso, e conforme o resultado será promovido ou eliminado.

Art. 168 — Não poderão ser promovidos os oficiais que se acharem sumariados militarmente ou detidos por ordem de autoridade civil.

Quando corresponda promoção ao oficial nestas condições não será feita até a terminação

da cauda, e se for resolvida por absolvição, suspensão definitiva, ou pena disciplinar leve, que não afecte o coeficiente da conduta e por conseguinte, não seja motivo de postergação, o oficial será promovido fora do quadro com a data que lhe teria correspondido na promoção normal, de acordo com o artigo 163.

Art. 169 — O oficial combatente que em tempo de paz, por motivos de acontecimentos extraordinários que revistam caracteres de uma função de guerra, realize, isolado ou na frente da tropa, uma acto heroico em defesa da ordem, da segurança publica ou de altos interesses e direitos que a Constituição Nacional reconheça e consagre, deverá ser promovido para bem do serviço e estímulo dos demais ao posto imediatamente superior, fora do quadro, independente de sua antiguidade relativa e qualificada no posto.

E' condição indispensável para ser promovido por mérito extraordinário o, parecer favorável da Comissão Qualificadora, emitidos pelos dois terços de votos de seus membros e o acordo com o Senado da Nação, se isso corresponder á hierarquia do proposto.

O mérito extraordinário que deve ser comprovado e documentado no forma de que o P. E. regulamente.

Art. 170 — As listas de proposta para a promoção até ao posto de coronel inclusivo, serão por arma e por posto. As listas de propostas para promoções de generais serão por posto somente.

Art. 171. — Os oficiais reformados que não hajam sido promovidos, sempre que não tenham sido qualificados ineptos para permanecer no posto, poderão solicitar destinos nos cargos de empregados militares ou civis da administração Nacional e os anos de serviço que prestam neste carácter se computarão até chegar ao maximo de pensão.

CAPITULO IX

PROMOÇÃO DE OFICIAIS DO EXÉRCITO PERMANENTE EM TEMPO DE GUERRA NACIONAL

Art. 172 — O P. E. determinará as datas zonas de guerra e as tropas consideradas em campanha.

A promoção dos oficiais que em tempo não se encontram na zona de guerra, estará regida pelas disposições estabelecidas para o tempo de paz, para cujo fim o P. E. regulamentará a composição e o funcionamento da Comissão Qualificadora em tempo de guerra.

Art. 173 — A promoção do pessoal militar dentro da zona de guerra do exército permanente, segunda linha e reserva, reger-se-há pelas disposições regulamentadas oportunamente, tendo-se em conta as excepções que estabelece esta lei.

Art. 174 — Em princípio, as promoções serão outorgadas pelo Presidente da Republica sob proposta dos Comandantes de Divisão; Chefes de Unidades isoladas; Directores Gerais de Serviços, informada pelo Comandante-Chefe das forças em Campanha.

Art. 175 — Quando o exército de campanha fique sem comunicações com o Ministro da Guer-

(1) Em um artigo anterior houve um erro neste sentido, ao fazer a argumentação, porém não no texto da lei que está bem.

ra, ou parte dele, ou uma divisão ou destaque-
mentos independentes ficam sem comunicação
com o comandante-chefe, este ou os comandan-
tes das ditas tropas, poderão fazer promoções
de acordo com as disposições dos artigos 176 e
177.

Neste caso, o comandante-chefe ou o coman-
dante superior, este ultimo por via hierar-
quica, solicitará no mais breve prazo, a confir-
mação das promoções outorgadas, acompanhando
uma exposição circumstanciada e motivada.

Art. 176 — Em frente do inimigo e em
contacto com ele, sempre que seja para preencher
vagas, poderão ser promovidos;

1 — Os oficiais que hajam cumprido me-
tade do tempo de serviço exigido em cada posto
para a promoção em tempo, de paz, e, em caso
de absoluta necessidade, até aos que ainda não
tenham chegado a esse limite;

2 — Os sargentos principais (1) e ajudantes
e primeiros combatentes, que por suas condições
for necessário promover ao posto de 2º tenente
para preencher as vagas do dito posto, que,
sendo imprescindível preencher, não se puderem
fazer de outro modo;

3 — Os sargentos principais e ajudantes
que se distingam por suas condições de condu-
tores, poderão ser promovidos ao posto de 2º
tenente.

Art. 177 — Por mérito extraordinário de
guerra poderá ser promovido:

1 — O oficial que no campo de batalha, isolado
ou à frente da tropa, realize um acto heróico,
dando lugar a uma citação em ordem do dia:

2 — O oficial que, falecido ou inutilizado
pelos ferimentos recebidos ao realizar um acto
heróico, dando lugar a uma citação especial em
ordem do dia.

Art. 178 — Os prisioneiros de guerra ou des-
aparecidos não originam vagas no posto e sim
nos cargos; porém, quando o serviço o exija
poder-se-hão fazer promoções para preencher os
cargos vagos.

Art. 179 — Quando não houver vagas a
preencher, para as promoções a que se refere o
artigo 177, estes oficiais serão promovidos fora
do quadro.

ARGUMENTOS DOS CAPITULOS VIII e IX

Eis o capítulo fundamental do projecto.

Néle se estabele que condições intelectuais,
militares ou profissionais que deve possuir cada
cial para promoção ao posto imediato superior,
e para que sua preparação conceda com a im-
portância e com a responsabilidade e as condi-
ções que o desempenho do posto exige e requer.

E' bem lógico, e até axiomático, que a pre-
paração profissional que necessita um segundo-
tenente não pode comparar-se com a de um ca-
pitão, nem a deste com a de um tenente-coronel,
nem a deste com a de um general e assim em
todos os postos. Isto mesmo, porém, tem que

(1) Este projecto de lei, que também con-
tem um estudo orgânico preliminar, estabelece
o posto de **sargento principal** na categoria de
sub-oficial, por motivos deduzidos do referido
estudo.

estar claramente consignado em uma lei de pro-
moções, que, como o seu próprio nome indica,
é uma lei destinada a reger as aspirações e am-
bições pessoais, que nem sempre costumam mol-
dar-se ao justo meio, e muito menos conformar-se
às medidas e formas exactas que constituem as
exigências de cada posto da hierarquia militar.

O exército moderno é, sem dúvida alguma,
de uma organização mais científica e complexa
do que os exércitos antigos ou da época pas-
sada.

O exército como todas as coisas, evoluciona
e de forma positiva. E, consequentemente seus
oficiais, seus chefes, etc... também devem so-
frer evolução que só se obtém pelo estudo. Uma
lei de promoções deve tratar, pois, de fazer com
que o oficial evolucione estudando e, para tal con-
seguir, estabelece-lo.

Este projecto o consegue, estabelecendo em
seu artigo 157 o **coeficiente médio mínimo** para
cada posto, e o estabelece em forma numérica,
porque é a única que não admite dualidade de
interpretação.

Sempre 4,50 é mais que 4,49. Ao contrário,
como já ficou demonstrado, nem sempre um **dis-
tinto** é superior a um **muito bom**, precisamente
pela falta de unidade para fazer qualificação.

Já indiquei que existem oficiais superiores
que sustentam que um **muito bom** próprio é su-
perior ao **distinto** de outro.

O **coeficiente médio mínimo** que estabelece
a lei não é exagerado. Para convencer-se basta
fazer uns pequenos cálculos de somas e divisão
e se obterá a confirmação de imediato.

Em síntese, pôde dizer-se que a promoção
a capitão requer os conhecimentos de que se es-
tuda na **escola da arma**; para a promoção a ma-
jor, e que se estuda no primeiro ano da E. S. G.
ou C. S. para tenente-coronel e 2º ano e para co-
ronel e general uns cursos especiais.

Ninguem pode taxar este projecto de lei
de exagerado, pelo excesso de conhecimentos re-
queridos para o acesso a cada posto.

Ao contrário, todos terão de reconhecer que
esta lei obriga ao estudo contínuo e à dedicação
constante à profissão, que é o menos que se
pôde exigir de um profissional consciente e hon-
rado.

O artigo 158 dá faculdade à Comissão Quali-
ficadora para que possa eliminar os oficiais
cujas condições morais não condizem com as
exigidas no corpo de oficiais, necessários adem-
ais, para que este possa manter elevado e
sem macula seu prestígio, condições que não po-
dem expressar-se numa lei de promoções por uma
infinidade de coisas a razões que não necessitam
enumerar-se.

Por outra parte, este proceder da Comissão
Qualificadora deve estar perfeitamente documen-
tado, o que impede que se possam cometer in-
justiças.

Também prevê o caso, raro por certo, de
que se os destinados à qualificar, não o tenham
feito com justiça, possam ser denunciados ante
o superior para a correcção que corresponda a
um proceder tão injusto como funesto para o
exército.

Não esquecer que cada um se qualifica e que a Comissão dá a ordem de mérito.

Isto não quer dizer que a experiência haja sugerido uma medida desta natureza, mas é apenas o desejo de evitar o que a paixão humana, em um mau momento pode cometer. E uma lei de promoções, para ser a expressão máxima das ações justas, deve prever e evitar.

Também a lei dá o direito de recorrer aos oficiais que não são promovidos e saber, assim por este processo, as causas de sua postergação ou eliminação.

E provável que isto aconteça mui raramente, devido a que os próprios oficiais saberão por si mesmos se o **coeficiente médio** que possuem os colocam em condições de acesso ou não, facto que hoje em dia não pode ocorrer, porque a lei de promoções só indica a posse de um conceito de apto, provocando como é lógico, muitos descontentamentos quando se postergam alguns, ainda que seja para promover justamente a outros que se tenham dedicado com maior entusiasmo e proveito à profissão militar.

Por este projecto de lei também deverão ser eliminados os oficiais aptos para a promoção, que devido ao coeficiente médio um pouco baixo são ultrapassados pelos de outros mais elevados. É lógico que tal aconteça. É o efeito da auto-selecção, que transmite maiores forças ao de maior vitalidade profissional, ou, o que é o mesmo, os de maiores conhecimentos.

Não obstante, a lei previu este caso e beneficia o oficial deslocado com 20 % da pensão da reforma e com 25 % quando a solicita, preventivamente que não será promovido por que tem competidores com maiores coeficientes médios.

Este é um meio também para evitar longos estancamentos que em tais momentos se produzem, pois, com a reforma voluntária desses oficiais e a administrativa que a lei faz de outros, as vagas sempre existirão e os quadros não permanecerão paralizados e nem poderão ficar nula, regularizando-se assim a marcha harmônica das promoções no Exército.

Por último este capítulo prevê o caso de um oficial que deve ser promovido, porém que por uma ou outra causa se acha impossibilitado pelas razões indicadas no artigo 168.

Também leva em conta actos que, por circunstâncias especiais, podem classificar-se de actos heróicos.

Quanto aos argumentos do capítulo IX, não são formulados porque o próprio texto da lei esclarece perfeitamente o que este representa e deseja.

Para terminar com esta parte do projecto de lei, são acrescentados os conceitos referentes às promoções de oficiais de reserva e de sub-oficiais.

CAPÍTULO X

ACESSO DOS OFICIAIS DE RESERVA DO EXÉRCITO PERMANENTE E EXÉRCITO DE 2^a LINHA, EM TEMPO DE PAZ E GUERRA

Art. 180 — Para o acesso dos oficiais de reserva do Exército Permanente e de 2^a linha, regerão, em princípio, as mesmas, regras, critérios e processos estabelecidos para a promoção dos oficiais de exército permanente, de acordo com a regulamentação que estabeleça o P. E.

Art. 181 — O acesso dos oficiais de reserva em tempo de paz só poderá ser concedido nos postos subalternos até os postos de capitães.

Art. 182 — A qualificação dos oficiais propostos para promoção, assim como as listas de eliminação, dos diminuídos em suas aptidões, serão efectuadas anualmente por uma Comissão Qualificadora em cada região militar, que será nomeada pelo P. E.

Art. 183 — A comissão qualificadora referida no artigo anterior será presidida pelo comandante da Divisão correspondente à região, integrada por quatro oficiais superiores, secretariando o mais moderno.

Suas faculdades e processos serão baseados nos que correspondam à Comissão Qualificadora de oficiais do exército permanente e serão regulamentados pelo P. E.

As reclamações sobre qualificação deverão ser apresentadas à Comissão Qualificadora regional que de conformidade com a informação correspondente, a elevará ao Ministério da Guerra.

Art. 184 — É condição necessária para poder ser considerado para a promoção, ter prestado serviço durante dois períodos de instrução, de batalhão ou exercício finais ou manobras, alem do tempo duplo de permanência no posto, do exigido ao oficial permanente.

Art. 185 — Os oficiais declarados ineptos para permanecer no posto passarão a pertencer, como sub-oficiais ou soldados à classe respectiva.

Esta medida não poderá ser tomada com os chefes e oficiais procedentes do exército permanente pela reforma, salvo no caso em que suas condições morais as coloquem dentro do determinado no artigo 2º; ou bem, por estar compreendido no artigo 21 desta lei.

Art. 186 — Não deverá prejudicar aos oficiais de reserva, para conservação de seu posto, o facto de não ter efectuado os períodos de instrução a que se refere esta lei, quando, havendo solicitando faze-los nas condições e tempos que a regulamentação estabelece, não hajam sido convocados para eles pelo P. E.

Art. 187 — Em tempo de guerra o acesso dos oficiais de reserva e do exército de 2^a linha, reger-se-ha em tudo pelo estabelecido no capítulo IX.

ARGUMENTOS DO CAPÍTULO X

Pelo estudo orgânico desta lei, que não foi publicado, deduziu-se a necessidade de uma grande quantidade de oficiais subalternos para o caso de uma mobilização.

Dai a conveniência de aumentar um posto entre as sub-oficiais e de conservar em perfeita instrução os oficiais de reserva, mantendo em condições os conhecimentos que a exigência do posto requer, evitando assim fazer uma mobilização, falsa, chamando pessoas que só tem o título de oficial, sem os conhecimentos que lhe correspondem.

Por outra parte os oficiais subalternos são os que mais se consomem em uma guerra e isso obriga também a pensar no recrutamento de um grande número delles.

Outro argumento deve ajuntar-se aos expostos para justificar que o acesso deve ser até ao posto de capitão.

Já se tem dito, que os oficiais subalternos têm uma missão determinada nas funções gerais dos oficiais, as quais, para o caso de guerra, se traduzem em guias ou conductores de pequenos núcleos de tropa, tanto em combate, como em marcha, descanso, etc...

Nomeiam-se comissões qualificadoras em cada região militar, porque os oficiais destas estão em melhores condições do que outros estranhos à região, para qualificar os oficiais de reserva, não só no ponto de vista profissional, mas também no da vida social.

Estas comissões, como a Comissão Qualificadora dos oficiais permanentes, tem o caráter de informativas do P. E., que é quem deve conferir os postos na forma já conferida.

Os oficiais de reserva podem ser diminuídos em suas aptidões de oficiais, não só por causas profissionais, mas também sociais, e a Comissão Qualificadora deverá informar anualmente os que se encontram nestas condições, para que assim o P. E., torne sem efeito a nomeação outorgada de oficial, e o diminúa, ao posto de suboficial ou de soldado, segundo corresponda, para fazer parte dos de sua classe.

Também para estes casos a lei prevê o direito de reclamação aos interessados que se considerem com direito de recorrer das decisões das comissões qualificadoras, seja pela diminuição de que possam ter sido objectos, seja pela falta de acesso a que se julgam com direito.

CAPITULO XI

PROMOÇÃO DOS SUB-OFFICIAIS DO EXÉRCITO PERMANENTE EM TEMPO DE PAZ

Art. 188 — O acesso aos diversos postos da hierarquia de sub-oficial combatentes, dentro de sua arma, dar-se-há de conformidade com as necessidades dos regimentos, unidades isoladas, institutos, etc..., de acordo com o que prescreve esta lei, em concordância com os antecedentes de seus assentamentos.

Para isso reunir-se-hão, formando Comissão Qualificadora os chefes de divisão, das grandes repartição de regimento, de unidade isolada, institutos, etc..., como presidente e como vogais quatro oficiais ou chefes, actuando um oficial como secretário da mesma.

Todas as deliberações destas comissões, devem ficar assentadas em livro de actas de promoções de sub-oficiais, devendo levar a proposta dos candidatos à promoção ao comandante da divisão ou chefe da Grande Repartição.

O acesso dos sub-oficiais da tropa, como os dos serviços se dará conforme a regulamentação que dite o P. E.

Art. 189 — São condições gerais necessárias para ser promovido desde cabo até primeiro sargento inclusive, as seguintes:

1 — Haver prestado como mínimo, um ano de serviço efectivo na tropa, serviço ou repartição, conforme corresponda pela função essencial de sua arma ou especialidade;

2 — Ter antecedentes inatacáveis;

3 — Satisfazer as condições de capacidade física, moral, militar ou profissional especial e os exames que o P. E. estabeleça para cada posto de arma ou serviço.

Art. 190 — Para ser promovido ao posto de sargento-ajudante e principal, requer-se haver servido como mínimo dois anos em cada posto; satisfazer alem disso, as condições estabelecidas no artigo anterior e um exame de competência que o P. E. regulamentará, tendo em conta que em caso de mobilização, e se as necessidades e exigirem, devem ser mobilizados como segundos tenentes.

Art. 191 — O acesso será outorgado pelo Comandante de Divisão, ou chefe de Grande Repartição, e sempre em concordância com as propostas, que indicam o artigo anterior.

Atenderão, alem disso, as reclamações feitas pelos sub-oficiais relacionados com suas promoções, procedendo em consequência, seja aceitando o recurso, seja repelindo-o com castigo disciplinar correspondente.

Art. 192 — São aplicáveis aos sub-oficiais

Art. 192 — São Aplicáveis aos sub-oficiais combatentes as disposições do art. 169, dentro de sua hierarquia, sobre promoções por mérito extraordinário.

Art. 193 — Em tempo de guerra nacional a promoção dos sub-oficiais que não se achem dentro da zona de guerra, o será de acordo com o disposto nos artigos 188 a 191.

Os que se encontram dentro da zona de guerra serão promovidos dentro da hierarquia, tendo em conta os princípios que estabelecem os artigos 172 a 177 inclusive.

CAPITULO XII

PROMOÇÕES DOS SUB-OFFICIAIS DE RESERVA DO EXÉRCITO PERMANENTE E DOS DO EXÉRCITO DE 2º LINHA, EM TEMPO DE PAZ

Art. 194 — O acesso dos sub-oficiais de reserva do exército permanente e os do exército de segunda linha, reger-se-hão, no que fôr aplicável, pelo disposto nos artigos 188 a 193, com as seguintes modificações:

1 — O tempo de serviço efectivo que indica os artigos 189 e 190 se reduzirá a um e dois períodos de instrução respectivamente, para os que forem convocados em sua oportunidade;

2 — A promoção dos sub-oficiais da tropa de corpos auxiliares, dar-se-há conforme o regulamento do P. E.

Art. 195 — A promoção dos sub-oficiais da reserva do exército permanente e dos do exército de 2º linha em tempo de guerra, reger-se-há pelas prescrições do art. 193

ARGUMENTOS DO CAPITULO XI

A promoção dos sub-oficiais deve estar compreendida em sua lei, para que adquira a seriedade e consistência que um excelente corpo de sub-oficial necessita e deve possuir, de acordo com a organização moderna e científica de um exército destes tempos.

Fazer considerações sobre a importância e a influencia que exercem os sub-oficiais na pre-

paração, instrução, e condução de um exército, estaria fora de lugar por serem de todos conhecidos.

Isto mesmo obriga a pensar mais nos sub-oficiais; em dar-lhes um maior horizonte ás suas aspirações e em solidificar os fundamentos de sua carreira.

Os sub-oficiais devem manter contacto, porém, suas promoções devem ser conferidas pelo Comandante da Divisão ou Chefe de Grande Repartição, para que assim mantenha um maior grau de importância.

Na primeira parte, dêste projecto de lei se estabelece que o sub-oficial perde o posto só por condanção, provisório sumário.

Os sub-oficiais devem dedicar, como os oficiais, todos os seus conhecimentos e energias a uma só arma e evitar o que agora sucede: os sub-oficiais passam dumha arma para outra, com uma tranquilidade pasmosa.

As condições especiais necessárias para cada posto de sub-oficial, serão regulamentadas pelo P. E., como também o processo para a promoção.

Não se adicionaram neste projecto, porque podem mediar uma infinidade de razões e causas, que constantemente variam, e que a rigidez de uma lei não pode, nem deve consignar.

Os sub-oficiais podem chegar a ser oficiais

em caso de guerra, e para isso também a lei prescreve as condições á satisfazer.

Com isso termina o **Titulo III — Promoções** dêste projecto de lei, o qual tem alem disso o **Titulo I — Definições, Generalidades etc.**; e o **Titulo II — Recrutamento de oficiais e sub-oficiais**.

O **Titulo IV** refere-se á reforma e o **Titulo V** aos empregados civis, que formam parte da organização militar.

As **disposições transitórias** contíudem também outro capítulo destinado a pôr em vigor este projecto de lei, no caso em que se converta em realidade, isto é, na lei que substituiria as de ns. 9675 e 4707.

Proximamente publicar-se-ha o **Titulo IV** que, como foi dito, se relaciona com a **reforma**, em que também foram introduzidas algumas modificações importantes e de interesse não só para as promoções, uma vez que este título possue prescrições que estão intimamente ligados com aquelas, mas também para o bem-estar geral dos reformados e do governo, que deve pensar no meio de eliminar a carga tam pesada de pensões militares, e, que, paulatinamente, se vai agravando.

SEGURANÇA

SEGURANÇA EM MARCHA

A segurança das tropas em marcha repousa nas medidas geraes indicadas na Generalidades e, em particular, na acção dos *destacamentos de segurança* (vanguardas, retaguardas ou flancoguardas).

A VANGUARDA

A vanguarda constitue um orgão de reconhecimento e protecção immediata que uma unidade destaca para a sua frente e na direcção da marcha.

Consiste o seu papel em:

- explorar o terreno e interceptar qualquer comunicação entre a zona ocupada e o inimigo;
- proteger a unidade considerada contra as surpresas de terra e garantir-lhe a liberdade de acção;
- desembaraçar e reparar, eventualmente, as estradas a serem utilizadas.

O commando determina o eixo de marcha da vanguarda, a sua missão, a sua zona de acção, as linhas successivas do terreno que deve attingir, o apoio que a artilharia lhe poderá prestar e o modo de proceder em caso de encontro com o inimigo.

A missão e o modo de acção da vanguarda variam conforme as possibilidades de ataque por parte das forças terrestres inimigas e as intenções do commando; assim:

- *longe do inimigo*, a vanguarda tem o encargo de recalcar os fracos elementos apontados quando se tratou do dispositivo;
- *á proximidade do inimigo*, deve estar em

EM MARCHA

condições de combater para proporcionar ao grosso das tropas a liberdade de acção;

— *em caso de encontro* ella deve, de acordo com as ordens recebidas:

- quer deter-se e tomar attitudo defensiva;
- quer continuar a progressão para fazer cair as resistencias avançadas do inimigo e chegar até uma solida e continua linha de fogo;

- quer se empenhar a fundo para conquistar os observatorios e os pontos do terreno cuja posse o commando julgue necessaria.

A composição da vanguarda varia de acordo com a sua missão, a distancia do inimigo, a largura da zona a cobrir e a natureza do terreno.

A vanguarda é composta de unidades constituídas e collocadas sob as ordens de um chefe designado pelo commandante da tropa a cobrir.

Ella comprehende sempre certa quantidade de infantaria, em proporção que não deve ultrapassar, salvo necessidade absoluta imposta pela largura da frente a explorar e as dificuldades do terreno, a um terço do efectivo total da infantaria; abrange ainda a maior parte dos esclarecedores montados do regimento e, em principio, todo ou parte do regimento de cavallaria divisória (grupo de reconhecimento na França).

Podem ahí ser utilizadas unidades de engenharia e destacamentos de transmissões; e eventualmente, ella comprehende, além disso, elementos de artilharia de acompanhamento immediato e carros de combate.

Ella é esclarecida pela aviação.

A artilharia deve estar sempre em condições de apoia-la.

(*Règlement d'Infanterie* — III Partie — Titre V — Chap. V — Art. I e II).

O que pensava Foch da Historia Militar

Subsidio para o Concurso de admissão á E. E. M.

Por M. RAYMOND RECOULY

— Um bom general, disse-me Foch, deve ser profundo conhedor da Historia Militar. Napoleão como sabeis, fez um estudo minucioso e paciente das guerras passadas.

Mas como estuda-a, como comprehendê-a? É preciso analyzar os pormenores conforme as melhores obras e tambem, o que é essencial, sobre o terreno, imaginar e esmiuçar os acontecimentos taes como se passaram, acompanhar os movimentos dos exercitos, as peripécias da batalha. Este estudo é necessario, mas não é tudo.

Depois desta visão das minúcias, impõe-se um olhar no conjunto. Depois da analyse, a synthese. Cumpre ligar o pormenor dessas operações á idéa geral, ao plano de conjunto de onde elles emanaram. É preciso situá-las no plano, comprehendendo de que maneira esse plano se formou no espirito de quem o elaborou, penetrar os traços essenciaes desse espirito, o seu temperamento: é o lado psychologico e philosophico da Historia Militar. Elle é tão importante como o lado technico.

— Assim sendo, Sr. Marechal, tudo o que exigis a esse historiador, a visão das minúcias e a aprehensão do conjunto, o conhecimento da Arte Militar e o conhecimento igualmente delicado e difficult das diversas causas que impulsionam os homens, não me admiro que as boas historias militares possam ser apontadas nos dedos das mãos.

Pois tudo isso constitue de facto uma ardua tarefa.

— Quasi todos os compendios, com effeito, respondeu Foch, são medíocres, porque lhes faltam algumas das qualidades essenciaes que vos enumerei.

Em 1903, deixei minha cadeira de professor na Escola de Guerra, e fui classificado no 29º de artilharia, em Laon. Sahi dessa Escola quasi que pela janela... Influencias novas tomavam vulto no exercito. Talvez me tivessem achado um pouco clerical. Que sei eu? Nessa época alguns camaradas me diziam com compaixão e mordacidade: — Encontraes-vos no fim da carreira, podereis ir no maximo a coronel, jamais usareis estrelas". Vede, disse sorrindo o Marechal, a validade desses prognosticos...

Eu lhes respondi: — Pensaes que isso me importuna? Cumprirei até o fim o meu dever e depois irei regar minha horta".

Pois é preciso a despeito de tudo, fazer o que se pode, o que se deve, sem se preocupar com o futuro. Quando um homem possue alguma coisa consigo no seu intimo, as circumstancias, as occasões lhe dão sempre meio de revelal-a.

Com a minha estada em Laon, para não ficar inactivo, abri meus livros, os mapas e tive a curiosidade de estudar minuciosamente a batalha de Laon dirigida por Napoleão em 1814

contra prussianos e russos. Sempre a julguei interessante. A proporção que me aprofundava, minha curiosidade crescia. Fiz então aos artilheiros do meu regimento uma palestra que foi muito applaudida, tanto assim que insistiram para a repetir.

Que encontramos de util nesse estudo? Estamos em março de 1814; Napoleão acaba de derrotar o exercito austriaco de Schwartzzenberg que se retira para Este. Elle se contentava com persegui-lo, acutilando-o e atirando-o fóra das fronteiras. Razões puramente militares exigiam essa perseguição, pois Schwartzzenberg posto fóra de jogo, Blucher não teria outro recurso senão o da retirada tambem. Infelizmente, surgem considerações politicas contrariando as necessidades militares. Ellas impedem que Napoleão se afaste de Paris, onde a fadiga, a descrença, a desconfiança crescem diariamente na massa popular. Elle se decide então atirar-se rapidamente contra Blucher, que se retira na direcção de Laon.

Atravessa o Aisne, guardado em 10 leguas pelas divisões prussianas, por uma dessas operações de surpresa em que era perito e que demonstram o fulgor do seu genio militar.

Toda a sua cavallaria, apoiada por um Corpo de Exercito, ataca, de sabre em punho, o ponto mais vulneravel — a ponte de Berry-au-Bac, e força a passagem do rio, abrindo caminho para o resto das tropas.

Encontramos aqui Napoleão nos seus melhores dias. Ordena que venha de Reims o Corpo de Exercito de Marmont, que bivaca nos arredores de Athies. Marmont, cansado, descorçoado, já sem esperança na victoria, conduz suas tropas com inercia. Commete o grave erro de bivacar sem segurança, sem guarda, ao alcance do fuzil inimigo. Cae a noite.

York e seus prussianos, num lanço desesperado, atiram-se sobre elle; cercam-no quasi completamente e dizimam seu corpo de exercito.

Napoleão accepta assim mesmo a batalha.

Blucher durante toda a jornada mantem-se nas alturas ao pé da columna de Madame Eva. Essas elevações de Laon, vós o sabeis, dominam todas as regiões circumvizinhas. Imperam ahi fortes ventos e faz muito frio.

Blucher, já idoso (72 annos), enfraquecido, é acometido pela febre. De noite as forças se lhe debilitam e é obrigado a recolher-se ao seu Q. G.

Doente, quasi cego, passa o commando ao seu chefe de Estado Maior, Gneisenau. Antes porém, dá ordem formal para que todos os corpos aproveitem a surpresa de Athies, do mau exito de Napoleão, da superioridade numerica, e se lancem a fundo em violenta offensiva contra esse punhado de soldados franceses.

Gneisenau é um homem prudente, circumspecto, e tem verdadeiro pavor de Napoleão.

O Tiro da Artilharia de Costa

SUGGESTÕES

Pelo Cap. ARY L. M. DA SILVEIRA

Apresentámos, no ultimo artigo escrito para esta revista, suggestões visando melhorar as nossas condições actuais de technica no tiro de costa contra objectivos moveis-navaes.

Entre as suggestões apresentadas julgámos opportuno insistir sobre um ponto de capital importância. Queremos referir-nos à necessidade de completar as tabellas de tiro dos nossos canhões de costa com os dados para as correções balísticas e aerológicas.

Se efectuar préviamente as correções balísticas e aerológicas assume grande importância na Artilharia de Campanha, embora nem sempre seja indispensável pois que certas condições favoráveis de observação algumas vezes permitem prescindir totalmente dessas correções prévias, o mesmo não acontece no caso de tiro de costa contra objectivos moveis-navaes. Neste, para cada posição predicta do objectivo (geralmente de 30 em 30 segundos) devem ser aplicadas aos respectivos elementos (alcance, deriva), préviamente, todas as correções balísticas e aerológicas do momento. As correções baseadas na observação dos mergulhos dos projectéis, no caso do tiro contra objectivos moveis-navaes (todos de grande mobilidade) terão valor secundário, de muito menos importância que no tiro da Artilharia de Campanha, realizado contra qualquer dos seus objectivos communs.

Com efeito, no primeiro caso o tiro deverá ser executado sucessivamente sobre pontos predictos (p_1 , p_2 , p_3 , etc.) cujas posições diferirão consideravelmente, umas em relação ás outras, devido a grande capacidade manobreira e velocidade

Teme sempre alguma arranhadura da garra imperial; tem medo de cair em alguma armadilha.

Decide então revogar as ordens de Blucher e prescreve ás unidades que cessem a perseguição.

York, quando recebe essa contra-ordem, fica indignado. Sua insubordinação é tal que, no maior silêncio, abandona seu Q. G., licencia seu corpo de exercito e se retira calmamente para Bruxellas. Blucher, informado desse incidente, pede algo com que possa escrever. Improvisam um lapis grande como uma estaca pois não havia outro recurso. Com uns garranchos como de criança, escreve a York este bilhete:

"Volta, meu caro York, jamais a historia perdoaria isso de nós dois." York não resiste ao apello do seu velho camarada e volta. E as operações recomeçam com vigor.

E' bello este apello do velho soldado no qual a força moral, o ardor sagrado dominam tudo.

"Volta, meu caro York". Quanta coisa isto encerra!

Eis ahi a grande razão, a mais profunda, da queda de Napoleão.

Este exemplo é muito interessante, pois nos mostra nitidamente, amiúde, como devemos proceder depois de ter estudado os pormenores

dade dos objectivos moveis-navaes. A consequência deste facto será que o resultado das observações dos mergulhos dos projectéis, feitas, por exemplo, em relação á posição predicta p_1 , não poderá ser aplicado, directamente, como uma correção apropriada ao tiro contra o objectivo agora na posição p_2 . O resultado das observações dos mergulhos em relação a p_2 , não poderá ser aplicado como uma correção apropriada ao tiro contra o mesmo objectivo, agora em p_3 . E assim por diante.

Estas simples considerações bastam para salientar a importância das correções balísticas e aerológicas no tiro de costa contra objectivos moveis-navaes. Urge, portanto, que as tabellas de tiro da nossa A. de Costa sejam completadas e melhoradas pela inclusão das taboas de correções balísticas e aerológicas que lhes faltam.

Aliás ha mesmo necessidade de serem completadas todas as nossas antigas tabellas de tiro. O assumpto não é novidade, porém praticamente pouco tem sido conseguido. Cítamos a propósito as sabias palavras do Ten. Cel. Chabrol, então Professor da E. E. M.:

"Emfim, é necessário possuir tabelas de tiro exactas e completas. As que tendes actualmente, não o são; mas, bastaria pedir aos balísticos revê-las, para que a causa fosse rapidamente feita e sem gastos exagerados.

6^a Conferencia. Tiro de Artilharia. Doutrina actual do tiro".

Segundo este inteligente conselho já tivemos algumas das nossas tabellas completadas

dos acontecimentos, mostrando como se passaram, para ligá-los a uma idéa de conjunto.

Essa idéa é evidentemente, no caso vertente, o entusiasmo, o moral extraordinario que em 1814 demonstraram os exercitos aliados na luta contra Napoleão. São esses factores que, em resumo, explicam tudo.

Tendes de um lado: Prussianos, Austríacos, Ingleses decididos a vencer por qualquer preço e em qualquer terreno; do outro, um general de genio, sem dúvida, mas guiando um povo extenuado, apoiado por uma nação que durante 15 annos vinha sendo sangrada nas suas veias. O resultado não era duvidoso.

Pois bem, foi exactamente a situação inversa que tivemos em 1914. Aliados: Franceses, Ingleses, Belgas, Italianos, Americanos decididos a venecer a Alemanha.

Ludendorff, que nada tinha de Napoleão, apoiando-se sobre um povo abatido que não dava mais nada.

Toda a explicação reside nisto.

Eis ahi o segredo profundo da batalha e da guerra: E' isto que deve evidenciar o historiador digno deste nome. Se não conseguir descobri-lo faltou á sua finalidade.

Bilhete de São Jorge

Pelo Cmt. R. BATTISTELI (Da M. M. F.)

Instructor-Chefe de Equitação da E. C.

QUINTO

MÃO FIXA — MÃO FIXADA

Ha conveniencia, de inicio, sejam recordados alguns principios, de valor capital:

I — Com rédeas bombas, não ha equitação.
II — Desde que o cavallo lute com a mão, não ha andaduras regulares.

III — Enquanto o cavallo mantiver a boca fechada, nada se executará correctamente; isto implica na declaração de que a mão deve: conservar o contacto, ser supportável para o animal e capaz de, por movimentos subtils dos dedos, fazer entender-se — o que só é possível com um "alumno" que não seja "mudo".

Em sendo satisfeitas essas clausulas, a mão é considerada bôa ou, melhor, fixa.

Indubitavelmente, resultado do que analysámos, concluimos então que a expressão "mão fixa" não é synonyma de mãos collocadas inalteravelmente, quer em relação ao corpo, quer entre elles.

Entretanto, este ultimo proceder é, ainda, o de innumeros cavalleiros, que persistem em manter as mãos em posição immutável em referencia ao garrote e á distancia entre elles; esta actuação redundá, não na desejada mão fixa, mas na mão fixada que é brutal, provocando defesas do cavallo, dentro em pouco transformadas em in-supportaveis vicios.

Muito ao contrario, a mão fixa é a que se colla á boca do animal, proporcionando-lhe a sensação de não poder escapar-lhe; nitida surge a razão por que esta mão, acompanhando o cavallo em todas as suas reacções, não pôde ser immutável e terá que, longe disso, estar em posição variável, consistindo sua habilidade em, justamente, fazer systema com elle para agir, resistir ou ceder a propósito. E' certo que, em resultado, haverá, apenas no inicio do adestramento, acções

muito visíveis das mãos porque, a pouco e pouco, essas finalizarão em imperceptíveis movimentos dos dedos.

Quando se alcançar essa subtileza de acções, em certos momentos surgirá a impressão de existencia da mão immovel.

Mas, realmente, só o é enquanto o cavallo, fatigado de lutar, collocar sua cabeça afim de se confiar á mão de que não se poude furtar.

Em palestras com camaradas do exercito italiano, soube que experimentavam, parece que com sucesso, o emprego de rédeas elasticas para o trabalho em liberdade dos animaes destinados aos saltos de obstaculos. Pela practica deste processo empirico visavam materializar a permanencia do contacto; a elasticidade das rédeas substituia a mobilidade das mãos, evidentemente indispensavel para as extensões do pescoco do cavallo de esporte.

Apenas assinalo este processo, que não usei pessoalmente, no intuito de salientar a realização mecanica deste contacto que define a mão fixa, pois nas presentes notas, destinadas a assumtos geraes, não se objectiva o estudo das copiosas invenções dimanantes da imaginação dos cavaleiros.

Retenhamos, portanto, que na "mão fixa" ha mobilidade: basta observar-se a chegada dum corrida para que desapareçam todas as duvidas.

De um modo geral ha mobilidade da mão sempre que o cavallo, pelo emprego que se lhe dá, necessitar do pescoco para se equilibrar.

No equilibrio artificial da equitação sabia, em que o cavallo, consequencia de todo seu peso estar transportado para as ancas, não tem necessidade do pescoco que, ademais, se encontra totalmente erguido, é que se pôde attingir, graças á sua collocação exagerada, a immobildade academica das mãos.

com os nossos proprios meios e mesmo, com referencia ás nossas tabellas usadas na A. de Costa, já houve iniciativas de bastante merito, que lograram aprovação official, como no caso das tabellas de tiro do canhão C. Krupp 150 C 40 T. R. completadas em parte pelo então Capitão (hoje Major) Carlos de Carvalho Abreu. Estes factos nos mostram a possibilidade de dotarmos as nossas tabellas de tiro, na A. de Costa, dos elementos de correções aerologicos e balisticos indispensaveis.

E' por isso que lembramos a organização de uma Comissão Technica, analoga á Coast Artillery Board dos E.E. da America do Norte, para a conveniente solução dessa questão.

Sem este primeiro passo nenhum progresso

notavel poderá ser verificado pois os artificios mecanicos de correção (tabellas de tiro mecanicas como a de Baldenweck — ver Conferencia de A. Ten. Cel. Pascal, 2º fasciculo; Pratt Range Board Modificada, adoptada nos E.E. U.U. etc.) indispensaveis neste ramo especial da Artilharia, nos canhões de médio e grosso calibre, conteem meios essencialmente baseados nos elementos de correção tirados das tabellas de tiro.

Esperamos que a nossa actual lei do ensino militar com a especificação technica de officiaes de Artilharia, por um lado, e por outro com especialização de officiaes na A. de Costa contribua para a execução desta condição basica para o progresso da technica do tiro neste ramo especial da A.

A instrução dos especialistas no quadro da Companhia de Infantaria

Pelo Cap. MARIO TRAVASSOS
(do 1º R. I.)

Durante dois annos de instrução sucessivos experimentámos realizar, de modo systemático, a instrução dos especialistas no quadro da cia., cujo inicio os programmas das unidades superiores marcavam para o 2º mez do primeiro periodo.

Se é verdade que, por motivos varios, não foi possível levar essa experiença aos seus ultimos limites, é certo que o realizado basta para concluir-se da efficacia do methodo. Essa convicção, de resto, é o que nos anima a transmitti-lo aos camaradas sob a fórmula do presente artigo.

A — INSTRUÇÃO PREPARATORIA

I — GRUPOS DO CAP. e GRUPO DO T. C.

a) Exposição Lembrar aos homens a summaria sobre a utilidade e a necessidade dos órgãos de cmd. Lembra-los dos exercícios que têm feito; salientar a necessidade de elementos intermediarios para que a ação de cmd. do Cap. se faça sentir; de outro lado, pôr em foco a questão do remuniciamento e das distribuições, sempre que possível, valendo-se de circunstancias vividas pelos homens nos exercícios de combate e serviço em campanha; finalmente, mostrar a impossibilidade de improvisar-se certos especialistas e os inconvenientes de suprir-lhos desfalcando os G. C.

b) Organização detalhada da sec. de cmd. (homens, animais e viaturas). Fazer a exposição por processo deductivo; partir das **necessidades** para os **meios** de sanal-as; encarar a estes, restrictos às circunstancias especiais da cia. I.; salientar desde logo as possibilidades de remuniciamento (dotação individual. V. M. mixta).

c) Noções geraes sobre o emprego dos diversos grupos do cap. (ligação, signaleiros, sapadores e estafetas); idem quanto ao grupo do T. C. Ligeiro esboço da physionomia do combate; escalonamento das **necessidades** e dos **meios** no tempo e no espaço; entra- da em ação successivamente dos recursos não só de cmd. propriamente ditos como de reaprovisionamento; TC₁ e TC₂.

II — GRUPOS DO CAPITÃO

1. Grupos de ligação e estafetas

a) Diferença entre ligação e transmissão. Estabelecida a diferença, fí-
car como nos pequenos escalões

essas funções tendem a fundir-
se; quando possível todos os ho-
mens desses grupos devem po-
der permutar funções; funda-

mentar assim as razões de se lhes ministrar a instrução em commum.

b) O que deve sa-
ber um homem
de ligação.

c) O que é o es-
tafeta, impor-
tância do seu
serviço.

d) Qualidades que deve pos-
suir e procurar
desenvolver o
bom estafeta.

e) Resenha dos diversos meios de transmissão na infantaria (incl. em ligação com o avião e a arti- lharia).

Salientar a necessidade de conhecer elle de perto os **inter-
esses** de sua propria unidade em vista da missão que lhe cabe e das unidades vizinhas; o **amor proprio** e o **espirito de corpo** como qualidades essenciais; necessidade de cada vez mais desenvolver os conhecimentos sobre o combate de infantaria.

Levar os homens á convicção do que vale uma ordem ou informação que chega a tempo; o espirito de sacrificio como a qualidade essencial do estafeta; citar o exemplo do immortal **Marche**, estafeta morto quando transmittiu uma ordem escripta — tombou á margem de uma pista e seu braço rígido deixava vêr entre os dedos da mão o enveloppe que continha a ordem.

(Fernand Marche, 4112 do 130º R. L., morto a 1º de Agosto de 1916 perto de Thiaumont — rendamos-lhes aqui a homenagem desta citação).

Resistencia physica e moral muito apurada; capacidade de resistir contando consigo mesmo, ás mais duras provas, essas são as qualidades a possuir e desenvolver, afora especial aptidão quanto á direcção e orientação.

Mesmo **processo deductivo recommendedo** para a exposição sobre a organização detalhada da sec. cmd. — **necessidades, meios, restrições**. (ver I, b; não sahir do terreno das generalidades).

2. Grupos de signaleiros

a) Resenha . . .
(como na ali-
nea e) prece-
dente).

b) Generalida-
des sobre a si-
gnalização a
braços, com
bandeirolas e

Demonstrar a expontaneidade da signalização a braços e a utilidade de todos saberem praticá-la; na signalização com bandeirolas e pelo app. óptico

- com app. optico.
- resaltar a questão da visibilidade (distância, fundo, noite, bruma) e do segredo dos despachos.
- c) Importância da observação no combate, em que consiste e como se exerce. (observadores, vigias).
- Noticia, a mais completa possível, sobre a observação no combate — observação sobre as linhas inimigas e os escalões da propria unidade e das unidades vizinhas; vigias dos P. C., apanha de mensagens lastradas; espreita de signaes de avião e de outros P. C. e P. O.
3. Grupo de sapadores
- a) Noções complementares sobre organização do terreno; perfis de trincheira e sapa; abrigos; revestimentos, improvisação do P. C. e P. O.
- b) Noções sobre organização de passagens (picadas e pinguelas).
- Resaltar a diferença de conhecimento e aptidões entre o infante (terraplenagem) e o sapador (especialidade); emprestar ao ensino carácter absolutamente prático (caixão de areia).
- Fixar bem no espírito dos homens que elles representam grande parte da capacidade de movimento da cia.; utilidade das picadas e pinguelas; necessidade de sua abertura ou construção rápidas; recursos locaes, meios práticos como medidas e processos de trabalho.

III — GRUPO DO T. C.

Generalidades sobre as funcções dos diversos homens.

Procurar viver as circunstâncias em que se encontra realmente um T. C.—fraccionamento das viaturas em T. C. e T. C., agrupamento dos homens segundo as circunstâncias; **espírito de disciplina** como qualidade a cultivar; zelo com o material, cuidado com os animaes; consciencia do papel de mola real que o T. C. representa.

B — INSTRUÇÃO TECHNICA

I — GRUPOS DO CAPITÃO

1. Homens de ligação, observadores e estafetas

a) Conducta do homem de ligação em relação á sua unidade e ás vizinhas.

Calcal-a no espírito de corpo e na solidariedade de combate; resaltar a necessidade do homem appreender bem as questões essenciais do serviço de ligação de que esteja incumbido (registar a collocação do dispositivo sobre certas linhas do terreno, partida de certos elementos de determinada região, fim de movimento de determinadas fracções, etc.); casos concretos simples no tabuleiro de areia.

- b) Estudo e conhecimento do terreno, designação de objectivos (missão).

Condicionar toda essa matéria aos casos da ligação e observação; organizar exercícios que obriguem a localizar escalações da propria unidade e de unidade vizinha, bem como pequenas fracções, quer se trate da propria unidade ou de unidades vizinhas; o mesmo a respeito de fracções inimigas supostas.

- c) Physiognomia do combate, inclusive pequenas modalidades e certas manifestações do campo de combate.
- Familiarizar os homens com as grandes linhas do combate, tanto offensivo como defensivo em todas as suas phases; caracterizar a manobra em retirada; salientar a importância e a generalização dos trabalhos de sapa que, por isso, nem sempre significam intenção defensiva; reportar-se a exercícios realizados quando se tratam os assumtos das alíneas a) e b).

- d) Prática de transmissões de ordens e informações, regras mnemónicas para assegurar a integridade de traços e missões verbais.
- Além do processo commun dos homens em círculo, realizar exercícios criando circunstâncias especiais que os obriguem a traços penosos, interrupção do serviço por algum tempo, etc.; acostumar os homens a methodizar qualquer ordem ou informação verbal, por mais confusamente que elles lhes sejam dadas (de quem, para quem, o que, quando, onde e como).

2. Signaleiros

- a) Estudo do alfabeto Morse. Empregar processos synopticos que facilitem a aprendizagem.

- b) Apresentação e emprego dos reno como exemplificação do jogos de bandeirolas.

- c) Apresentação do app. optico de 10.

- d) Prática de transmissão com bandeirolas, a braços e com o app. de 10. Como na alínea b).

3. Sapadores

- a) Apresentação, nomenclatura e manejo da ferramenta de sapa, portatil e de parque (revisão).
- Insistir nos **processos económicos** de manejar a ferramenta tendo em vista o **máximo de rendimento** com o **mínimo de esforço** (escolha da ferramenta a utilizar, maneira de empunhal-a e accional-a, posição do corpo).

- b) Abertura de picadas, cons-
- Exercícios práticos no terreno do ensino dado na instru-

AVIAÇÃO

Pelo Maj. IVO BORGES

I — O que é a aviação no estado actual da industria.

II — A aviação como elemento de luta — A nova arma.

III — Como se emprega a aviação, de acordo com os actuaes regulamentos.

VI — O que é lícito esperar da aviação.

A criação no nosso meio da 5ª arma, evolução do antigo serviço de aviação, consequencia lógica dos modernos methodos e processos de emprego, trouxe como corollario a publicação de seus regulamentos que condensam as normas de sua applicação nos Exercitos.

A relativa novidade do assumpto e a falta de contacto entre os officiaes de outras armas e os de aviação fazem com que a nova arma, os seus meios de acção e a sua tactica estejam ainda pouco divulgados e conhecidos entre a nossa officialidade. E' pois opportuna esta nossa contribuição no sentido de divulgar noções primeiras e básicas sobre a nova arma, não só entre os estranhos a ella, como aos principiantes no estudo de sua tactica.

I — O QUE É A AVIAÇÃO?

Aviação é o voo humano em apparelhos mais pesados que o ar. Desde que essa aspiração

trucção e lança-
mento de pin-
guellas, applica-
ção de revesti-
mentos.

c) preparação de
P. C. e P. O.

4. Grupo do T. C.

a) Dotação da V. M. e carga das demais viaturas. Reunir, mesmo no quartel, as viaturas do T. C. e carregá-las (a V. M. pode ser carregada com cunhetes especialmente retirados por cautella).

b) Lubrificação. Esses assumptos exigem endos eixos e arreamentos (cabos das viaturas). (conductores especializado do corpo das viaturas). (conductores experimentados, ensilhar e graduados de serviço de baías, atrelar (conduitor).

d) Regras de circulação nas estradas e pistas. Ministrar a teoria sobre o assunto; aproveitar oportunidade (exercícios de guarnição) para demonstrar (col. de trações práticas).

C — EMPREGO TACTICO

I — GRUPO DO CAPITÃO

Treinamento militar. Devem ser aproveitadas as diante situações ocasiões em que se preparam, táticas simples, no tabuleiro de areia, os exer-

se tornou em realidade que o homem pensou em applicá-la ás suas actividades, assim é que para a guerra usou-a como elemento de luta.

A transformação de um perigoso desporto em factor de luta armada, operou-se rapidamente em consequencia da Grande Guerra, onde de um simples posto móvel de observação evoluiu até o seu emprego em massa quer para a conquista da supremacia no ar, quer para a acção destruidora da bomba.

II — AVIAÇÃO COMO ARMA

Pela nossa organização, entretanto, a aviação como arma é "o conjunto das unidades do Exercito aptas simultaneamente á navegação e aos combates aéreos" (Regulamento para os Exercícios e o Combate de Aviação — 1ª parte). Isto importa em dizer que comprehende também o emprego de apparelhos mais leves que o ar (dirigíveis).

Os exercitos empregam ainda como factores de acção aérea, a artilharia anti-aérea, os projectores de luz e os balões captivos, porém como estes elementos não são aptos á navegação aérea não fazem parte da arma de aviação; para o seu emprego, entretanto, como suas acções aéreas são combinadas com a da aviação e de

cícos de cia. (2º período) tratando-se os assumptos em sessões especiais para que se possam explorar convenientemente os aspectos riferentes á sec. de cmd.; os exercícios no terreno devem coroar os exercícios no taboleiro.

II — GRUPO DO T. C.

Idem quanto ao T. C.; agrupamento com outros T. C.; decomposição do T. C. em T. C. e T. C.

Deve-se prever um exercício em que a tropa esteja collocada no terreno, tanto quanto o T. C. e em que se façam funcionar o remuniciamento e as distribuições.

NOTA — 1. Os assumptos á esquerda constituem o programma que rege o conjunto da instrucção; a materia á direita regula a maneira de ministrar a instrucção (directivas).

2. Os assumptos da instrucção preparatória devem ser ministrados em "officinas" no 2º tempo das jornadas de instrucção; os da instrucção técnica e tactica devem ser ministrados em principio no 1º tempo e algumas vezes (grupo do T. C.) constituir o exercício principal da jornada.

3. Tanto quanto possível, os programmes pormenorizados das jornadas compreenderão assumtos dos tres tipos de instrucção (preparatória, técnica e tactica).

certo modo dependentes, gruparam-se com a aviação, designando-se o conjunto, artilharia anti-aérea, projectores, balões captivos e aviação, por Unidades Aéreas.

Possuindo a aviação e a aerostação militar modos e meios próprios de combater, no combate aéreo os mesmos elementos, agindo por conseguinte do mesmo modo, o seu grupamento em uma única arma era lógico. Alguns países adiantaram-se mais, como possuíam meios aéreos importantes, organizaram-se em elemento bélico independente e possuem um exército para agir em terra, uma marinha para a ação no mar e as Forças aéreas para a luta no ar.

Apezar de ser esta a tendência natural da aviação bélica, os poucos meios aviáticos entre nós só permitem o seu grupamento como arma no Exército.

A — MATERIAL: —

Pela faculdade de sobre-voar e navegar, mesmo em território inimigo, a aviação age observando, combatendo no ar ou agindo contra objectivos terrestres com suas metralhadoras ou pela bomba; em consequência necessita de um material apto ao desempenho dessas papeis, e o ideal seria um único tipo de avião para o cumprimento destas missões. O estado actual da indústria não permite em tal pensar, e são usados três tipos de aviões:

1º — Leves — geralmente monoplaces, aptos especialmente ao combate aéreo contra outros aviões;

2º — Médios — geralmente de dois lugares, para a observação e eventualmente para o bombardeio;

3º — Pesados — multiplances, aptos sobre tudo ao bombardeio.

Para que possam agir, os aviões precisam levantar voo e apesar do cumprimento da missão, voltarem para novo emprego. Actualmente para as operações de descolar e aterrizar necessitam elas de um terreno mais ou menos plano, de dimensões relativamente grandes, aparecendo ali a primeira servidão da aviação, a dos terrenos ou campos de aviação.

No ar é necessário ver, consequentemente a segunda servidão, a das condições atmosféricas.

B — MISSÕES DA AVIAÇÃO: —

As missões da aviação são: (Regulamento para os Exercícios e o Combate de Aviação — 1ª parte), destruição de objectivos terrestres e aéreos, busca e transmissões de informações.

Particularizando, importa em dizer que a destruição de objectivos terrestres e aéreos é obtida: combatendo no ar para obter a supremacia aérea, agindo pelo fogo na luta terrestre e prolongando a ação do tiro da artilharia pelo bombardeio. A busca e a transmissão das informações são dadas pelo reconhecimento a olho nu pela photographia, pela regulação e confronto dos tiros de artilharia (controle) e pelo acompanhamento no combate. Em razão destes modos de agir as missões da aviação são designadas por:

- Missões de Caça
- Missões de Informação
- Missões de Bombardeio.

A adoptação dos três tipos de aparelhos não implica no uso exclusivo de cada um delas nas missões para que foram criados, assim é que de informação ou de bombardeio (ação contra o avião leve poderá ser empregado em missões de informação ou de bombardeio (ação contra tropas desabrigadas, com bombas pequenas, de um kilo) se bem que cada vez se afastam mais as probabilidades deste último emprego. O mesmo se passa com o avião médio, que poderá fazer caça ou bombardeio.

C — REPARTIÇÃO DA AVIAÇÃO: —

A relativa facilidade de entrar rapidamente em ação faz com que, operando com todos os seus meios reunidos tenha a aviação uma importância considerável na cobertura, e para que melhor se possa aproveitar o seu grande poder destruidor, de informação e grande raio de ação, reuniram-se todos os seus elementos em uma grande unidade, a Divisão Aérea, permitindo de baixo de uma direção única e sob a proteção das forças terrestres de cobertura um rápido engajamento de suas unidades, operando no interior do território inimigo, esclarecendo o comando acerca do dispositivo do adversário e dificultando a concentração deste.

Passada a fase da cobertura, terminada a concentração, a aviação (Unidades Aéreas) é repartida entre as grandes unidades terrestres, organizando-se após, de acordo com os meios disponíveis, a reserva aérea, directamente subordinada ao Grande Comando.

E' norma affectar-se às D. I. ou D. C. (Corpo de Cavalaria) em 1ª linha, uma esquadilha de aviões tipo médio divisionário (especialmente apto à observação e bombardeio) que poderá em certas circunstâncias ser reforçada.

No escalão Exército, a aviação (as unidades aéreas) é repartida em grupamentos de composição variável com os meios disponíveis e as missões prováveis a executar.

De modo geral organiza-se um grupamento para a caça e informação, da unidades leves (todas) e médias tipo Exército.

Um de bombardeio, com as unidades pesadas (todas) e médias (disponíveis).

Um de defesa onde se acham a artilharia anti-aérea (as que não foram atribuídas às D. I.), a caça à noite (Esquadilha média, tipo divisionário) projectores de luz e balões captivos.

A reserva aérea, terá uma composição variável de acordo com as intenções do chefe e as repartições feitas por entre as grandes unidades para determinado momento.

A grande mobilidade da aviação e a sua rapidez relativa de concentração, faz prever a facilidade em reforçar a aviação destruída pelas G. U., permitindo um jogo de reservas para melhor êxito da batalha.

As dotações em aviação não são orgânicas nem uniformes, e uma grande unidade fortemente dosada em meios aéreos em determinado momento, poderá se achar pobre em aviação noutra fase da mesma batalha.

III — COMO SE EMPREGA A AVIAÇÃO, SEGUNDO SEUS ACTUAES REGULAMENTOS.

A — NA EXPLORAÇÃO : —

Nesta phase a preoccupação principal do commando está orientada em saber onde se acha o inimigo, qual a sua força provável; consequentemente os reconhecimentos afastados assumirão capital importância. A aviação opera então em intima ligação com a cavalaria, notando-se que as informações negativas da aviação só têm um valor relativo desde que não sejam documentadas pela photographia.

O emprego da aviação leve visará sobretudo oppor-se aos reconhecimentos adversários, aplicando-se em interdição dos eixos de penetração, ou como caça á vista. O bombardeio é feito (de dia e de noite) principalmente nos nós de comunicação.

B — TOMADA DE CONTACTO: —

Nesta phase do combate, a missão essencial da aviação é a descoberta do dispositivo inimigo e localização de suas reservas. A documentação das informações é dada pela photographia.

Emprega-se a aviação leve, visando superioridade sobre a do inimigo, no sentido de impedir a sua observação aérea.

O bombardeio é orientado, visando esta necessidade de superioridade, e os seus objectivos principais são os terrenos de aterragem, e as reservas inimigas, devendo-se entender por reservas (para o bombardeio como missão especial) bivakes, acampamentos e acantonamentos.

C — ATAQUE: —

Durante o ataque o commando, dos diferentes escalões, precisa de informações seguras das tropas em primeiro escalão e do movimento das reservas do inimigo, e, é então a aviação aplicada em vista destas necessidades.

As diversas armas, principalmente a infantaria e a artilharia utilizam ao maximo a observação aérea.

A ligação na infantaria (carros), entre o primeiro escalão e o commando é mantida pelo acompanhamento no combate. A artilharia pela regulação e principalmente pelo controle, procura a satisfação das suas missões de protecção do ataque (contra bateria, tiros contra objectivos inopinados).

As reservas inimigas, localizadas fóra do alcance da artilharia, são atingidas pela aviação média, que actuará ainda nos locaes desenfiados dentro do raio de acção da artilharia. A acção da aviação média contra certos pontos em que se visa fazer cair certas resistências inimigas, é feita em massa (metralhadoras e bombas).

Para que a aviação de observação, possa bem desempenhar-se de seu papel, é preciso protegê-la, e a aviação leve é aplicada neste sentido, agindo em massa.

O bombardeio aereo das reservas inimigas, como missão especial, é feito segundo um plano fixado e assim que elas apareçam dentro da zona de acção aerea, entendendo-se como reservas, acampamentos, acantonamentos, bivakes e comboios. É preciso que os objectivos sejam anteriormente conhecidos dos executantes, para que a acção do bombardeio seja efficaz.

Na zona de acção aerea do Exercito, o bombardeio é feito de preferencia nos pontos de passagem obrigatorios; nos acantonamentos e vias ferreas, o emprego dos aviões pesados é particularmente indicado em razão da maior efficacia do bombardeio nocturno.

AS DIFFERENTES MISSÕES DA AVIAÇÃO NA OFFENSIVA

MISSÕES DE INFORMAÇÃO — Missões com objectivo definido. Reconhecimento á vista, empregado principalmente pelo escalão Exercito e, em sequencia aos anteriores, isto é, em cumprimento de programma préviamente estabelecido. Certos reconhecimentos deste tipo poderão ser determinados visando uma informação especial, competindo ao commando fixal-a com precisão.

No escalão Divisão certos reconhecimentos á vista visam informar o resultado de determinados tiros de destruição, quando ha urgencia destas informações e antes do ataque. (Nota)

OBSERVAÇÃO DOS TIROS DE ARTILHARIA — Durante o ataque a observação dos tiros de artilharia limita-se ao controle (confronto, contraste), pois a regulação, sendo uma operação, lenta, só pôde ser usada na preparação do ataque principalmente em período de estabilização.

MISSÕES DE VIGILANCIA LOCAL — A dificuldade em manter a ligação entre a tropa em primeiro escalão com seus commandantes imediatos (Btl.) e entre estes e o da Divisão (I. D.) faz com que, muitas vezes, falhando os outros meios terrestres de ligação, seja o avião de acompanhamento o unico capaz de informar o commando, das posições atingidas e das necessidades da tropa empenhada em primeira linha, e ainda de transmittir a estas as ordens daqueles.

O acompanhamento no combate consiste então:

— em guardar a ligação durante um tempo fixado com as tropas em primeira linha, informando o commando de suas posições no terreno (pela vista e principalmente pelo balisamento) e dos incidentes do combate.

NOTA: — Para o ataque, torna-se muito util á tropa em 1º escalão a consulta de vistas panorâmicas de zona a atacar e dos objectivos a atingir, fornecidas pela Aviação.

— desempenhar o mesmo papel em relação ao P. C. de Btl. R. I. (Cav.) transmittindo seus pedidos e fazendo-lhes chegar as ordens do commando.

— observar os movimentos do primeiro escalão adversario, avaliar o grau das resistências encontradas pelas tropas amigas, procurar e localizar as reservas imediatas (do 1º escalão) inimigas, reconhecer os seus centros de resistência, descobrir os indícios de contra ataque, em-fim tudo o que se relaciona com a progressão e

exito das tropas amigas empenhadas em primeira linha.

De um modo geral, o acompanhamento no combate comprehende a observação dos primeiros escalões amigo e inimigo.

BUSCA DE OBJECTIVOS DE ARTILHARIA

Esta missão que é feita em proveito de uma artilharia que poderá variar de um grupo a toda uma artilharia divisionaria é na offensiva feita:

Na preparação de um ataque, em proveito da artilharia de conjunto encarregada de reduzir a capacidade de fogo do inimigo, assignalando seus orgãos de fogo que se tenham apresentado nesta phase da acção e observando os tiros contra elles desencadeados.

Durante o ataque esta missão, é orientada para a descoberta e localização das reservas locaes do inimigo, fazendo desencadear contra ella o fogo da artilharia.

MISSÕES DE VIGILANCIA GERAL

A vigilancia geral da retaguarda inimiga, é de importancia consideravel, pois permite localizar os pontos da resistencia inimiga mais ameaçados (pela movimentação dos reforços) e os que estão em vias de ceder e consequentemente permittindo uma melhor orientação para o bombardeio aereo.

Só excepcionalmente constituirá uma missão especial (principalmente nesta phase), e é executada no decorrer das outras missões

MISSÕES DE BOMBARDEIO

A acção do bombardeio aereo, na offensiva, visa destruir e inquietar.

Em razão das pequenas possibilidades de transporte de bombas nas operações diurnas (aviões médios) o bombardeio importa no emprego de numerosas unidades de aviação e como é uma operação offensiva por excellencia acarreta e provoca uma immediata reacção aerea por parte do inimigo, consequentemente deve ser executada no momento em que forem tomadas todas as medidas e disposições necessarias á obtenção da superioridade aerea, que é sempre local e momentanea.

O bombardeio aereo tem geralmente uma precisão inferior á da artilharia, e só deve ser applicado, em principio, em zonas fóra do alcance do canhão ou bem desenfiadas.

Em certos pontos onde a resistencia inimiga parece fraquejar, a acção do bombardeio, quando feito por surpresa é de grande efficacia.

A acção pela bomba nas reservas do adversario deve sempre, e, desde que tenha sido possível organizal-o, de acordo com um plano de conjunto visando bombardear as reservas inimigas desde que elles appareçam dentro da zona de acção aerea. Estas operações são conduzidas pelo escalão exercito.

De um modo geral os objectivos a bombardear são anteriormente conhecidos dos executantes, entretanto os objectivos do campo de batalha, columnas de tropas, bivaques, comboios etc., por sua natureza fugitivos, são atacados a baixa altura e á medida que se apresentem.

D — EXPLORAÇÃO DO BOM EXITO: --

A Aviação nesta phase é orientada para agir directamente sobre a tropa que se retira, atacando á baixa altura as formações em ordem. As linhas de retirada do inimigo, são objectivos nos quaes a acção da aviação se exerce ininterruptamente. O bombardeio das columnas em marcha e dos comboios, pode nesta phase contribuir para o exito decisivo, provocando o panico ou aumentando o de uma tropa já em fuga. (Regulamento para os Exercicios e o Combate da Aviação — 3^a parte — titulo III).

AS DIFFERENTES MISSÕES DA AVIAÇÃO NA EXPLORAÇÃO DO BOM EXITO

Missões de informações com objectivos definidos Reconhecimento á vista.

Na exploração do bom exito, os reconhecimentos á vista são orientados no sentido de procurarem fixar a linha do terreno em que o inimigo procurará resistir (caso execute este, uma manobra em retirada) ou quando o comando presentir danos nos itinerarios previstos para o avanço, para indicar o local das destruições efectuadas.

— RECONHECIMENTOS PHOTOGRÁFICOS: — Localizadas as destruições feitas pelo inimigo, tratar-se-á imediatamente de documental-as, o que permitirá avaliar approximadamente o grão e a extensão destas destruições. Fixada que seja a linha onde ha indícios de que o inimigo resistirá, a documentação photographica é feita permitindo ao comando uma idéa de seu grão de preparação.

VIGILANCIA LOCAL — BUSCA DE OBJECTIVOS DE ARTILHARIA

A busca de objectivos neste periodo é facil pois o inimigo retirando-se acha-se a descoberto, e é orientada, visando especialmente as baterias adversarias, cuja acção é notadamente damnosa ao avanço das tropas amigas, e as columnas que ainda se acham na zona de acção da artilharia em cujo proveito é feita a missão.

VIGILANCIA GERAL

Nesta phase da batalha, em que o apparecimento simultaneo de grande numero de objectivos, interessando quer ao commando, á artilharia e á infantaria, faz com que a missão de vigilancia geral seja preponderante, e como esta missão é executada, em principio, no decorrer de quaisquer outras, o acompanhamento no combate e a busca de objectivos para a artilharia são feitos simultaneamente com a vigilancia geral sendo que esta ultima missão se sobreporá ás outras duas.

ATAQUE A OBJECTIVOS DESCOBERTOS

Os ataques a objectivos descobertos, quer pela bomba ou pelos tiros de metralhadora e que neste periodo são numerosos, são executados no decorrer das outras missões de informações e

por expontânea vontade da guarnição do avião. A sua ação é considerável, podendo ocasionar a desordem, dificultando os movimentos nas estradas e cruzamentos.

Essas missões não são em princípio, exclusivas, e sua execução é particularmente recombatente ou base de objectivos para a artilharia, geral que é também a de acompanhamento no combate ou busca de objectivos para a artilharia.

MISSÕES DE BOMBARDEIO

O bombardeio como missão especial na exploração do bom exito, é, em especial, dirigido contra as comunicações e é feito de um modo geral á noite pelos aviões pesados, visando dificultar os movimentos estratégicos do inimigo.

Se o inimigo realiza uma manobra em retirada e, consequentemente, o emprego de sua aviação é orientado para impedir os reconhecimentos e informações da aviação amiga, resalta como objectivos ao bombardeio aéreo, os terrenos de aterragem da aviação adversaria.

DEFENSIVA

A defensiva implica na idéa de inferioridade que será momentânea ou permanente, local ou geral.

Encarando-se o caso de uma batalha defensiva, visando permitir a manobra estratégica ou a reunião de novos meios para a offensiva, na sua preparação a aviação poderá exercer um papel saliente, pois, pelas suas informações, orientará o comando sobre a frente a ser atacada e até certo ponto o grão e amplitude dos preparativos do inimigo.

Desde que o inimigo desentadeia o ataque, é preciso impedir o avanço de suas tropas, oppôr-se por conseguinte ao avanço de sua infantaria e carros apoiada em sua artilharia. A sua aviação média, directamente sobre o terreno de luta, ocupar-se-á de trabalhar em proveito dessas duas armas e bombardeio das reservas (bivaques, acampamentos, columnas etc.) do defensor, protegida e coberta pela sua aviação leve, e que é necessário impedir ou pelo menos dificultar. O papel da aviação amiga é atacar a adversaria com o fim de cegá-la, isto é, dificultando-lhe a ação, impedindo suas observações. O ataque á aviação inimigo (principalmente média) é feito por aviões leves e mesmo médios em lotões.

Desde que os meios aviáticos permitem intervém-se directamente sobre as reservas do adversário á bomba. Na defensiva a ação da aviação é nitidamente offensiva.

MISSÕES DA AVIAÇÃO NA DEFENSIVA COM OBJECTIVOS DEFINIDOS

Reconhecimentos á vista — Na preparação da defensiva os reconhecimentos á vista (diurnos ou nocturnos) permitem dar ao comando uma impressão do conjunto das actividades do inimigo em determinada zona, e durante o ataque em certos e determinados pontos do campo de batalha.

Reconhecimentos photographicos — A documentação photographica permite avaliar o grão de preparação do ataque e delimitá-la sua fente.

Para atacar é necessário reunir os meios, puxar para a frente a artilharia, construir depósitos de munições, o que a photographia revela e documenta.

VIGILANCIA EM PROVEITO DO COMANDO

A busca de indícios de ataque é feita no decorrer dessas missões, quer no escalão exercito, quer divisão. No inicio do ataque esta missão se exerce directamente sobre as primeiras linhas, vendo observar a reunião das tropas em suas bases de partida, desencadeando sobre elas o fogo de artilharia.

ATAQUE A OBJECTIVOS DESCOBERTOS

Estando na defensiva, a aviação é empregada em ação directa contra a aviação divisória, os meios restantes poderão ser orientados para a ação directa contra objectivos terrestres. entretanto só em casos excepcionais constituirá missão especial.

MISSÕES DE CAÇA

Toda a aviação leve é orientada para combater a aviação média adversaria, ocupada em vigiar, observar os tiros da artilharia ou acompanhar o combate e cuja ação é necessário impedir. Como esta aviação está protegida e coberta pelos aviões leves inimigos, é preciso que a missão dos aviões amigos seja nitidamente agressiva. Parte mesmo dos aviões médios poderá ser aplicada em missão de caça, agindo em lotões.

MISSÕES DE BOMBARDEIO

Na defensiva o bombardeio não só prorroga o tiro de artilharia como o completa.

Nem sempre na preparação da P. P. R. se consegue que a artilharia encarregada da contra preparação tenha dentro de seu raio de ação ou da ação de seus tiros (Zonas bem desenfiadas) certas zonas e pontos importantes; cabe então ao bombardeio aéreo prolongar não só o seu tiro como completá-lo.

O bombardeio dos depósitos de munição (conhecidos de antemão) toma um carácter importante.

Venda de livros

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assignantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabiliza pelos estragos no Correio.

As Necessidades da Infantaria

Peio 1. Ten. Alcindo Pereira

A Infantaria mantém, ainda hoje, a primazia entre as armas irmãs firmada desde os mais remotos tempos e consagrada nas páginas da história.

Tem constituído sempre a massa principal dos exércitos e pela própria natureza de suas missões é a mais sacrificada na guerra, isto é, a que contribui com maior soma de sofrimentos e a que maiores desgostos experimenta. Isso, porém, em nada diminui a importância das outras armas, que evidentemente aumentam dia a dia de valor, e cuja colaboração lhe é cada vez mais indispensável.

No nosso país em particular, acentua-se fortemente a importância da Infantaria. Em todas as nossas campanhas sua ação tem-se revelado insubstituível.

Na guerra contra Lopes, não raras foram as vezes em que a Infantaria suportou quasi só o peso do combate, por não poderem as outras armas nela concorrer, já pela natureza da ação, já pela do terreno, ou ainda mesmo, por ausência completa destas no campo da luta.

Nas nossas campanhas internas o peso dos sacrifícios tem sempre recaído sobre ela, tocando ás outras em alguns casos, apenas uma parcela mínima.

Tem sido, pois, inegavelmente, e continuará a sê-lo por muito tempo, a arma principal, em toda a parte, e, sobretudo entre nós. Sua organização e sua preparação merecem, por conseguinte, o mais cuidadoso interesse.

No ponto de vista material, é, sem dúvida, tarefa mais simples organizar unidades de Infantaria, cujo elemento básico é o homem, relativamente abundante em nosso país, do que outra arma qualquer, mais exigente nesse particular.

Não se infira daí, porém, que é bastante reunir homens a pé e armá-los, para termos Infantaria.

Constituiremos, assim, apenas aglomerados informes e inscientes, destituídos de qualquer valor militar.

A instrução moderna do infante é incomparavelmente mais complicada que a antiga. Perdeu aquèle aspecto de automatismo que a caracterisava antes da adopção dos actuais engenhos de guerra, exigindo hoje a máxima individualização possível. Com efeito, a grande dispersão dos homens no combate, em virtude da potência do fogo, exige que cada um seja capaz de, por assim dizer, dirigir-se a si mesmo conscientemente, no âmbito da ação colectiva.

A preparação do infante comprehende, portanto, além de inúmeras noções táticas, que o capacitem a bem actuar no combate, o manéjo e emprégo de várias armas mais ou menos complexas.

Em qualquer época da história em que detenhamos, observaremos que a infantaria improvisada sempre se revelou de fraca eficiência. A má actuação dessas tropas, os erros que cometiam na execução do combate de então, raramente poderiam acarretar consequências funestas semelhantes ás de hoje, em geral, produziam apenas pequenos danos que eram atribuídos á propria natureza da luta. E isso devido á reduzida eficácia do material de guerra. Hoje, porém, que o armamento e os meios de observação atingiram a um grau elevado de aperfeiçoamento, que a potência do fogo é terrivelmente destruidora,

qualquer erro, qualquer negligéncia de um homem ou unidade de Infantaria, no campo de batalha, é punida instantânea e severamente, redundando ás vezes em imediata e completa aniquilação.

Desse modo, não será com infantaria organizada á última hora, com soldados bisonhos, que não sabem furtar-se aos efeitos dos fogos, nem obtê-los eficazes de suas armas, que se poderá enfrentar uma tropa regularmente instruída.

E' indispensável preparar o infante com mais cuidado, melhorar os métodos e os processos de instrução, tornando-os mais racionais, mais apreensíveis capazes de fornecer no escasso tempo de que se dispõe no serviço militar, os melhores resultados possíveis. E, o que é muito importante, torná-los conhecidos em toda parte, exigir a aplicação dos mais simples e que melhores efeitos produzirem, em todas as unidades, cuidando da boa orientação e uniformidade da instrução por uma fiscalização mais estreita e inteligente.

Assim, no ponto de vista da instrução há muito que se fazer: estudar e crear processos práticos, simples e rápidos, difundi-los, orientar e fiscalizar a sua aplicação, aperfeiçoá-los. Não será, evidentemente trabalho de uma vez para sempre, mas ao contrário, deverá ser, prolongado e renovado sem cessar, acompanhando o constante evolver do armamento e por consequência, dos processos de combate.

Na parte material são também consideráveis as necessidades da Infantaria.

E' sabido que o progresso ininterrupto e rápido das ciências e das indústrias, utilizado sempre em rebuscar os engenhos de guerra, acarreta constantes mudanças no armamento em uso nos exércitos modernos. Em poucos anos, as armas mais potentes da época, são ultrapassadas em valor militar por outras mais aperfeiçoadas, e daí a necessidade imprescindível de substitui-las, se se quizer manter o exército á altura de sua missão. Essas transformações continuas do armamento produzem fatalmente alterações profundas na organização das unidades e modificações sensíveis no equipamento da tropa.

Essa instabilidade material obriga á organização de estudos permanentes que tenham em vista: acompanhar os progressos das indústrias de guerra; examinar a aplicabilidade ao nosso meio das inovações aparecidas; fazer as adaptações indispensáveis á introdução das mesmas no nosso exército.

A solução desses diferentes problemas absorverá, por certo, pessoal mais ou menos numeroso, que se lhe deva dedicar exclusivamente. E' evidente que o bom êxito de tais trabalhos, depende da escolha criteriosa do pessoal, atendendo de modo absoluto á capacidade profissional.

Actualmente entre nós o estudo desses problemas estão afectos ao S. M. B. e outros jazem ainda no esquecimento ou na indiferença.

Bem sabemos que no S. M. B. trabalham somente oficiais de Artilharia, que não obstante serem reconhecidamente aptos na técnica de suas armas, em regra não estão nas mesmas condições do infante para julgar ou pesquisar determinados

assuntos próprios da Infantaria, dos quais muitas particularidades naturalmente lhes escaparão.

Talvez a solução de algum outro problema da Infantaria esteja afecta a um dos demais serviços. Não estamos ao par, mas, identicamente poderemos avançar, haverá motivos semelhantes que impeçam uma solução satisfatória.

Hoje, que todas as actividades humanas são orientadas para a especialização e que, mesmo em nosso exército, com as ultimas reorganizações, positivou-se a necessidade de especializar os oficiais, não mais se pode admitir que os problemas técnicos peculiares ao infante, estejam sendo estudados e resolvidos por especialistas em outras causas. "É preciso dar a Cesar o que é de Cesar".

Ao infante cabe resolver os seus problemas. Em todas as armas o preparo técnico e científico, outrora tam alardeado por alguns, é hoje equivalente e portanto tal argumento não pode prevalecer.

Para os trabalhos de mais transcendência teremos em breve os especialistas.

*
* *

Ficam assim, em rápido e imperfeito bosquejo, enumerados os principais problemas da Infantaria, que estão a exigir solução.

E' bem facil de depreender que eles não apresentam um aspecto de transitóriedade, pelo contrário, como já o dissemos, serão sempre renovados.

Haverá permanentemente questões diferentes a estudar e cujas soluções só serão obtidas de modo cabal, se coexistir tambem, com carácter permanente, um orgão técnico especial, com essa finalidade.

Denomina-lo-íamos, p. ex., *Directoria de Infantaria*, o que não constituiria, por certo, nenhuma inovação, pelo precedente já criado em outras armas — *Directoria de Aviação e Directoria de Engenharia*. Seria constituída de secções em número correspondentes ás necessidades efectivas. Assim por ex. poderíamos admitir quatro:

1^a Secção — para estudo do armamento, abrangendo todas as questões que lhe são atinentes;

2^a Secção — para o estudo do equipamento (de modo geral), fardamento, calçado, etc.;

3^a Secção — para estudo dos métodos e processos de instrução, aplicações e alterações dos regulamentos, etc.

4^a Secção — para movimentação do pessoal, alterações nos assentamentos de oficiais, etc.

Nestas condições, tudo o que diz respeito á Infantaria, no ponto de vista técnico, ficará centralizado, sob a direção de oficiais infantes, os mais de perto interessados. Com a organização regular dos trabalhos e pelo maior interesse com que serão encarados, certamente grandes benefícios resultarão para a arma, que tem actualmente a maior parte de seus problemas em equação. Esse orgão para desempenhar com bom éxito suas funções, terá necessidade de pessoal idóneo, aliás fácil de obter, e de recursos materiais suficientes. Assim, p. ex., o estudo do armamento exige artifícies e oficiais apropriados, bem como campos de experiência etc... o aperfeiçoamento dos processos de instrução requer uma tropa especial á disposição da secção correspondente, etc.... Muitos desses elementos já existem com outros objectivos, mas sem grande dificuldade poderão atender a essas necessidades, como medida de economia.

E' mais uma questão de organização do que outra causa.

Com a existência de um tal órgão, nenhum material de guerra será adquirido, sem que previamente tenha sido por ele submetido a estudos experimentais, julgadas rigorosamente suas condições técnicas e introduzidas as convenientes modificações. A fabricação desse material nos nossos arsenais ou em fábricas estrangeiras, deverá ser acompanhada pelos oficiais que lhe analisarem as qualidades técnicas e propuserem as alterações.

Será o meio de se conseguir melhores resultados pela condição de completo conhecimento de causa.

Esta solução que consideramos atender convenientemente aos interesses da Infantaria, poderá de modo analogo satisfazer ás necessidades das outras armas. Que digam os camaradas de Artilharia e de Cavalaria.

D i a d o S o l d a d o

Realizaram-se, a 25 do mês passado, as solenidades annuas e officiaes do Dia do Soldado, corporificadas nas homenagens á memoria do *Duque de Caxias*.

Como sempre, os corpos, nos seus quartéis e no desfile junto á estatua do seu patrono, commemoraram a grande data e, em particular, reviveram, na intimidade da caserna, as passagens de heroísmo do incomparável homem de tropa que foi Lima e Silva.

Pelo noticiario dos jornaes, verifica-se que, nos Estados, os corpos de tropa deram tambem aos seus soldados o entusiasmo das commemoações do Dia do Soldado.

O C. P. O. R. desta Região, com simplicidade é exemplar correcção, reuniu os alunos para ouvir a palavra de um dos seus

instructores sobre Caxias e a significação militar do dia 25 de Agosto.

Caxias, porém, não foi sómente o homem de tropa. Foi tambem *Chefe*, o melhor que tivemos nas concepções de commando e nas realizações de conductor de combatentes. E esse um dos aspectos mais brilhantes de sua actuação, através de todos os postos da hierarquia, e cujos ensinamentos serão sempre uteis ao oficial do Exercito brasileiro. E essa significação do Dia do Soldado é, ao que nos parece, aproveitada sómente pelos nossos camaradas arregimentados.

Pedimos, então, venia para lembrar que é de toda conveniencia ser esse aspecto da vida de Caxias estudado, no seu dia e em commum,

nos centros onde se formam e aperfeiçoam os chefes.

Não seria util, na E. M., salientar, numa palestra, o espirito disciplinado, ardoroso e de guerreiro que teve, como official subalterno, o Duque de Caxias?

Na E. A. O., E. C. e E. Av. M., os nossos futuros coroneis não lucrariam recordando as qualidades de energia, de dedicação e do commandante cioso de seu preparo profissional e das suas atribuições na paz e na guerra?

E uma conferencia, na E. E. M., sobre um lance estrategico do grande chefe, em que se estudasse a concepção esclarecida e a incomparavel energia moral para realizar, não traria aos alunos o conhecimento de muitas condições especiaes e peculiares dos nossos theatros de operações e da psychologia da nossa gente?

E isso feito, annualmente, seria, sem duvida, mais um modo proveitoso para festejar o Dia do Soldado.

* * *

Apresentamos abaixo aos nossos leitores a ordem do dia publicada pelo Gen. Cmt. da 1^a Bda. I. a 25 de Agosto do corrente anno.

É um documento opportuno para a época actual de sorrateira propaganda anarchica junto ás classes armadas.

Ahi se encontram bons conselhos dados sob a inspiração da vida exemplar de Caxias.

E', pois, com prazer, que reproduzimos nesta Revista os seus topicos principaes.

"A instituição do dia do soldado correspondeu a uma necessidade social, fixando certo para a celebração ritual do culto cívico da classe militar o dia 25 de Agosto.

A cultura moral do soldado, feita dia a dia, individualmente, na ministração de ensinamentos e na exemplificação edificante, carece de ser tambem objecto de consagrações collectivas em que a alma do soldado brasileiro, no Sul, no Centro e no Norte do Paiz — vibre unisonamente na communhão do mesmo pensamento. E, para esse objectivo não existe no calendario data mais propria: — o dia do soldado, só poderia ser mesmo o dia de Caxias, prototypo das virtudes militares.

CAXIAS, politico, presidente do conselho, ministro, presidente de província, deputado, senador, nunca deixou de ser principalmente soldado. As suas attitudes, as suas palavras, os seus pensamentos, em qualquer posição a que, fóra da caserna, elevaram os seus merecimentos, patentearam, continuamente, o mesmo espirito depurado no cadinho da disciplina militar.

Mas, não basta admirar os assinalados feitos desse vulto, cuja biographia constitue uma dos

mais bellos capítulos da historia patria, nem, para cívicamente cultual-o, será bastante relembrá-lo com flores de rhetorica. Tudo isso é anodino como processo educativo.

Soldados! A melhor das homenagens que podeis prestar á memoria de CAXIAS, é firmar, e renovar annualmente nesta data o proposito de tomá-lo como exemplo, e para isso será mistégi, lembrando-vos de CAXIAS, nas campanhas do grande soldado mas, principalmente a sua compleição moral porque a accão é o reflexo do carácter. Procurai bitolar-vos pela grandeza moral de CAXIAS, cultivando em vós as nobres qualidades que em tão alto grão possuía.

Soldados! Quando, no correr dos exercícios estafantes o cansaço vos dominar e o desalento acarbrunhador se insinuar nos nossos animos, reagi, lembrando-vos de CAXIAS, nas campanhas de Uruguay, doente e assoberbado de trabalho, mas sempre inflamado no mais saudavel entusiasmo, patenteando, invariavelmente, a mais resignada conformação.

Quando vos sentirdes prejudicados em interesses pessoaes pelas exigencias do serviço publico, chamai em vosso auxilio a memoria de CAXIAS e alentai-vos com o exemplo que elle vos legou de completo desprehendimento e espirito de sacrificio com que, abandonando frequentemente todas as commodidades, accorria ao Maranhão, Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, Uruguay e Paraguay.

Soldados! Quando vos molestas o ferrão da critica injusta que, ás vezes, tenta desconhecer a respeitabilidade da vossa missão gloriosa, antes de vos revoltar contra esse menosprezo injustificado, recordai-vos que a calunia tambem tentou tisnar a gloria de CAXIAS, mas isso não obstou a que o maior dos nossos guerreiros fosse ao mesmo tempo o maior pacificador, mostrando assim que, si bôa era a tempera de sua espada, melhor era o seu coração magnanimo.

Quando a politica vos quizer enleiar nas suas tramas enganosas, procurando vos fazer crer não ser perjúrio o quebramento dos deveres da disciplina e o insurgimento contra as autoridades, não vos esqueçae que Caxias, espelho de lealdade, não obstante ter militado na politica, foi constantemente o baluarte inexpugnável da legalidade.

Soldados! Se o destino vos levar aos campos de batalha e o fragor da peleja vos entibiar, procurai recobrar o animo, evocando a imagem de CAXIAS nas campanhas do Prata e nas pugnas revolucionarias que o brilho fascinante de sua espada inveicivel ha de reflectir em vossa almas lampejos de coragem.

Soldados, quando o pessimismo deprimente tentar fazer surgir em vossa imaginação a falsa possibilidade de um futuro sombrio para vossa patria, evocai a imagem de CAXIAS, sempre cheio de fé e de amor patrio, que ella vos ha de despertar a mais viva esperança nos distinos do BRASIL.

Soldados, si quizerdes ser dignos dessa qualificação, tomai por molde de vossas vidas a LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, DUQUE DE CAXIAS".

A Terceira parte do Regulamento Geral de Educação Physica ou o novo Regulamento de Educação Physica Militar

Pelo Maj. PIERRE SEGUR

(Da Missão Militar Franceza — Professor de Educação Physica pela Escola de JOINVILLE le-PONT)

Desde que surgiu a 3^a Parte do Regulamento Geral de Educação Physica, pareceu-nos útil apresentá-la afim de, evitando qualquer confusão, facilitar e apressar a sua adaptação no Exército Brasileiro.

Para bem sentir a successão de esforços que deram em resultado o estabelecimento desse manual, convém remontar ao anno de 1916. Nessa época, a Escola de JOINVILLE, fechada por occasião da declaração da guerra, reabre as suas portas e em alguns meses lança as bases de um methodo que, sem romper de modo violento com as tradições estabelecidas pelos regulamentos de gymnastica anteriores, se inspirava rigorosamente nas necessidades e ensinamentos da guerra.

Tornava-se, então, preciso obrar rapidamente, porém com prudencia, o manual, editado em 1921 e consagrado á Educação.

Por isso, os educadores de JOINVILLE, eliminando todos os movimentos da gymnastica educativa que não constituem necessidade obsoleta, só mantiveram os processos de treinamento de efeitos conhecidos, de aplicação directa e de technica pouco complicada. A "lição" foi composta segundo um plano simples e claro, visando repartir judiciosamente o trabalho pelo conjunto do organismo. Ao mesmo tempo, ella se tornou mais atraente devido á variedade dos exercícios e á introdução de jogos e de desportos que provocaram mais divertido desenvolvimento da actividade.

Em Agosto de 1916, apareceu o "Guia Prático de Educação Physica" em que vinham expostos os elementos essenciais do novo methodo.

Em 1917 surgia, sob os auspícios do Ministro da Guerra, uma edição revista e aumentada desse guia.

Durante esse tempo, a guerra continúa e os estagios que se sucedem em JOINVILLE permitem experimentar, julgar e aperfeiçoar. As missões então impostas á Escola de JOINVILLE não se limitam apenas á Educação Physica dos jovens recrutas. Em breve, elles se ampliam até á preparação physica dos jovens pertencentes ás Sociedades de Preparação Militar, ao treinamento geral dos combatentes nos exercitos, aos ades-tramentos especiaes (granadeiros, luta corpo a corpo, metralhadores, aviadores, etc.), á conservação do vigor physico dos homens de todas as edades dos depositos e serviços e, finalmente, á reeducação physica e moral dos feridos e incapazes.

São constituidas comissões, compostas de numerosos e competentes membros civis, com o

fim de adaptar o novo systema aos jovens e ás crianças. Todos se confessam seduzidos pelo atractivo e pela simplicidade dessa educação physica clara, variada, animada e tão de acordo com a inclinação nacional.

Continuam-se, então, a realizar experiencias methodicas, com resultados concludentes e dahi sae um **Projecto completo de Regulamento Geral de Educação Physica civil e militar** em seis fasciculos, começado em 1918 e terminado em 1922.

Desse modo, JOINVILLE empresta o mais adequado, o mais activo e o mais desinteressado concurso á difusão do Methodo Francez de Educação Physica nas escolas, sociedades e clubes. Mas, sendo tambem o seu dever o de servir ao Exército, ella aperfeiçoa, em seus pormenores, o quarto fasciculo do Projecto de Regulamento Physica Militar, dando assim nascente ao Projecto de 1923. Este ultimo mereceu a honra, entre outras, de atrair a atenção dos officiaes instructores aqui applicados.

A partir desse momento, os officiaes superiores e subalternos, designados para acompanhar os cursos da escola, foram convidados a formular pareceres fundamentados sobre as modificações a introduzir no Projecto antes de transformá-lo em Regulamento definitivo. Convinha attender a todas as difficultades que encontra, ~~principialmente~~ com o serviço de pequena duração, o ensino methodico e regular da Educação Physica nos tropas.

Cada um—physiologistas, professores, monitores e estagiários — contribue com a sua pena para elevar o edifício; e todas as suggestões interessantes foram apreciadas e todos as criticas cuidadosamente verificadas.

Em 13 de Dezembro de 1923, a pedido do Sr. HENRI PATE, Alto Commissario da Educação Physica, reuniu-se no Ministério da Guerra uma "Comissão inter-ministerial de Refundição do Regulamento Geral de Educação Physica".

De acordo com a resolução por ella adoptada, o Regulamento Geral de Educação Physica refundido comprehenderia tres volumes:

1º Volume — Educação Physica Geral;
2º " — Desportos Individuaes e Collectivos;

3º " — Educação Physica Militar.

Os dois primeiros volumes constituem o **Methodo Francez propriamente dito**.

O primeiro já ha dois annos que é conhecido no Brasil; o segundo está se imprimindo

e o terceiro constitue hoje o assumpto de nossos commentarios.

Este ultimo constitue uma applicação, uma adaptação do Methodo Francez ao **caso particular do serviço militar**. Como essa, podem ser tambem encaradas varias outras applicações.

Como se vê, o novo **Regulamento de Educação Physica Militar** é fructo de uma elaboração collectiva consideravel, e não obra apresentada de especialistas isolados, ignorantes das necessidades reaes ou desdenhosos das criticas e suggestões provindas dos corpos de tropa.

Não se poderia melhor assignalar a situação relativa do Regulamento de Educação Physica Militar no Regulamento Geral de Educação Physica do que comparando as definições abaixo extraídas dos seus manuaes:

Assim na Introdução da 1^a Parte lê-se: "As numerosas experiencias de antes da grande guerra, os métodos applicados durante esta para o rápido preparo physico das classes jovens, os resultados obtidos desde o Armistício pela diffusão da educação e dos desportos e os progressos realizados pela physiologia applicada aos exercícios do corpo mostraram a necessidade de estabelecer um método geral de educação physica applicavel a todos, sem distinção de idade e de sexo e adaptado ao temperamento nacional".

No Título II, Capítulo I encontra-se: "A Educação physica comprehende o conjunto dos exercícios cuja pratica razoável e methodica é susceptivel de fazer com que o homem atinja ao mais alto grão de aperfeiçoamento physico que a sua natureza comporta".

Por sua vez, na III Parte, Título VI, affirma-se "A educação Physica Militar visa o aperfeiçoamento do individuo e o seu preparo para o papel de combatente, adaptando-o physicamente ás diversas funções de sua arma.

Em seu espirito, o Regulamento de Educação Physica Militar procura attingir um duplo objectivo:

1º — aperfeiçoar physicamente os jovens recrutas, isto é, fortificar os seus músculos, educar o seu sistema nervoso, desenvolver normalmente o seu coração e os seus pulmões: em summa, proporcionar-lhes saúde, força, destreza, resistencia e, desse modo, preparal-o efficazmente para a missão do soldado e para a mais penosa ainda de combatente.

2º — considerando, nos recrutas assim adiestrados, os futuros metralhadores, cavalleiros, artilheiros, sapadores, etc., adaptal-os physicamente ás diversas funções de sua arma, ensinando-lhes a executar os actos physicos peculiares a cada especialidade com o minimo de consumo de energia e com o melhor rendimento.

Comparando-se o Projecto de 1923 com o actual Regulamento, observam-se as seguintes modificações essenciais:

a) Não ha mais exame physico na 5^a semana de trabalho. O medico é no inicio o unico juiz e o trabalho é regido durante os quatro primeiros meses, segundos dois regimes:

dos **normaes**
dos **poupados**.

b) O exame medico é completado por uma prova **physiologica** que mostra o constante cui-

dado de melhor conhecer os homens, afim de só se exigir de cada um aquillo que possa fazer, evitando-se qualquer desequilibrio physiologico.

c) As provas do exame physico são simplificadas e mais particularizadas ao papel de soldado. Exigem muito menos tempo e um pessoal instructor menos numeroso. Além disso, elles decorrem de modo ainda mais logico das provas do "Certificado Superior de Educação Physica" que o Regulamento Geral preconiza para a edade de 18 annos.

d) Ha suppressão dos termos **fracos**, **médios** e **fortes**. Entretanto, no novo regulamento encontraremos ainda as tres categorias e os tres regimes modificados e sob os nomes de **seleccioados**, **normaes** e **poupados**, que são mais explicitos.

e) Ha perfeita adaptação do treinamento ao serviço de um anno.

f) O novo regulamento expõe de modo sufficiente as directivas necessarias ao instructor para o treinamento physico das diversas especialidades; mas parece que JOINVILLE evita cuidadosamente invadir o dominio da instrucção propriamente militar.

g) O Regulamento de Educação Physica Militar reproduz a maior parte dos exercícios apresentados pelo Regulamento Geral (1^a Parte), excepto aquelles simples demais para homens de vinte annos; em compensação, foram acrescentados processos utilitarios de lançamento de granadas e de combate corpo a corpo.

Antes de concluir, parece nos utii reproduzir os trechos que regulam o papel dos quadros.

PAPEL DOS QUADROS

A educação physica militar é dirigida pelos quadros de officiaes e (sub-officiaes) sargentos. Os officiaes, chamados a ser os guias de sua tropa sobre o campo de batalha, são igualmente os educadores physicos e os treinadores no stadio. Os quadros subalternos que exercem directamente em campanha o commando de sua tropa, devem procurar adquirir uma superioridade physica capaz de contribuir numa larga medida para afirmar seu prestigio. Os officiaes superiores e os capitães devem possuir os conhecimentos requeridos para dirigir os exercícios physicos de suas unidades.

Todos os officiaes subalternos e os (sub-officiaes) sargentos devem ser capazes de executar e de commandar lições de educação physica. Devem possuir os conhecimentos technicos e o treinamento physico necessarios para praticar effectivamente até a edade de trinta e cinco annos os esportos individuaes e collectivos.

Depois da edade de trinta e cinco annos, afim de conservar seu vigor, sua flexibilidade e sua resistencia, a todos os officiaes deve interessar executar quotidianamente uma sessão de trabalho physico.

OFFICIAL INSTRUCTOR DE EDUCAÇÃO PHYSICA NO REGIMENTO

Em cada regimento ou unidade isolada, um capitão, que tenha effectuado um estagio na

escola superior de educação physica (C. M. E. P.) é designado para desempenhar, junto ao Comandante do Corpo, as funcções de conselheiro

technico em tudo que concerne á educação physica e aos esportes. Elle desempenha essa missão concurrentemente com as funcções de que é nor-

FICHA INDIVIDUAL
Exame medico e Physiologico

Nome: Classe Regimento:
Sobrenome: Graduação: Comp. Esq. ou Bia:

	1 ^a Semana	16 ^a Semana	40 ^a Semana
Data			
Idade			
Altura			
Peso n ^o			
Perímetro axilar {	Media em repouso		
	Inspiração forçada		
	Expiração forçada		
	Ampliação total		
Perímetro xiphoidiano {	Media em repouso		
	Inspiração forçada		
	Expiração forçada		
	Ampliação total		
C. V.			
Capacidade vital e ————— P.			
Nariz e garganta			
Olhos { direito			
	esquerdo		
Ouvidos { direito			
	esquerdo		
Esqueleto			
Pulmões			
Coração			
Apparelho urinario (albumina)			
Particularidades {	Pés		
	Hernia		
	Varizes		
	Varicocele		
Provas physiologicas.			
Nº. de pulsações por minuto e persistencia			
Nº. de respiração por minuto e persistencia			
Duração maxima da apneia e persistencia			
Apreciação geral (physico-neuro-psychico)			
Classificação			

Quadro indicativo da natureza e das condições de execução das provas práticas da 17^o semana

NATUREZA DAS PROVAS	RESULTADOS limite inferior	CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO
I — 100 metros razos.	14 segundos	Effectua-se individualmente, posição de partida livre, tempo tomado em chronometro.
II — 1500 metros.	6 minutos e 30 segundos	Sobre pista ou sobre estrada (lado interior), Percurso em grupo debaixo da condução de um sargento ou monitor, que regula a velocidade por chronometro, passada livre.
III — Salto em altura Com impulso.	1,25	Tres ensaios são permittidos para as alturas seguintes: 1,10 — 1,15 — 1,20 — 1,25.
IV — Salto em distância com impulso.	4,25	Tres ensaios são permittidos.
V — Tregar.	4,50, de corda e firmar-se	Subir 4,50 de corda, no portico sem auxilio dos pés nem das pernas. Partida feita de pé; a altura é calculada a partir do ponto onde as mãos abarcam a corda. Se a distância entre esse ponto e o cimo da corda é inferior a 4,50, um signal indicará o ponto da corda até onde o homem deve descer (auxiliando-se das pernas) para que ao termo de sua segunda ascenção termine a subida imposta. Chegado ao termo da corda, fazer uma tracção dos braços e firmar-se com auxilio dos pés. A corda pode tambem ser presa a um galho de arvore, ou a uma viga elevada.
VI — Lançar.	granada inerte lastrada (650 grs.)	Lançamento do melhor braço. Lançar a granada por balanceamento do corpo, com impulso. Tres ensaios são permittidos, o lançador não devendo tocar o solo além da base de lançamento. Uma granada, pelo menos, deve cahir além de uma linha paralela á base de lançamento, distanciada desta de 35 metros.
VII — Suspender — Carregar.	Transporte dum fardo de 50 kgs. a 100 metros (30 segundos compreendido o carregamento).	Modo de carregar livre. Transporte effectuado sem auxilio de especie alguma, de um sacco cheio de uma mistura de terra e serragem pesando 50 kgs. Dimensões do sacco cheio: Altura 0,80; diâmetro: 0,40. N. B. — E' bom, para evitar o rompimento do sacco de terra, encerral-o em um outro sacco, invertendo o sentido das aberturas.

malmente encarregado no serviço interno do corpo.

E' especialmente encarregado:

1º — Da instrução dos quadros no que concerne á educação physica e aos esportes, assim como da organização das provas de toda a natureza.

2º — Do controle physiologico do treinamento em colaboração com um medico.

3º — Eventualmente, da formação e do treinamento das equipes sportivas e das militares selecionadas para concursos e campeonatos. Ele exerce igualmente sua acção sobre o pessoal da sala d'armas e de cultura physica.

4º — Da organização e da conservação dos

terrenos de treinamento physico, gymnasio, sala de esgrima e de cultura physica, local de natação, etc.

Um (sub-official) sargento especializado, tendo effectuado um estagio na Escola de Educação Physica (C. M. E. P.), é seu adjunto para auxiliar-o nos pormenores do serviço. Esse sargento fará parte da sub-unidade extra-numeraria e ficará inteiramente á disposição do official instructor de educação physica.

Tendo assim definido a actividade dos quadros, torna-se essencial lembrar que a sua acção se produz em união íntima com a do medico. Por todos os meios ao seu alcance deverão sempre

buscar a colaboração deste ultimo, que é o unico juiz no que diz respeito á saude.

Estamos certos de que o auxilio e a cooperação pedidos ao medico serão largamente prodigalizados, e essa certeza nos é dada pelo espirito de abnegação que preside á escolha da carreira medica.

Quando houver muitos **selecionados** no estadio, haverá menos gente para a visita medica diaria e menos retardatarios nos exercícios.

A propósito, julgamos útil chamar a atenção do leitor para algumas erratas da actual edição do *Réglement d'Education Physique Militaire*. Assim:

— pag. 20 — 1er na columna da esquerda
17 éme (em logar de 18 éme semana).

Idem — ler lançar granada (em vez de lançar peso de 5 kilos).

— na pag. 196, no nº 123 — A ordem das photographias deve ser invertida.

— nas pags. 228-229 — A photographia do pé da pagina 229 deve ser collocada á esquerda e á altura da que figura no alto da pagina 228.

Para permitir a applicação immediata do novo Reguamento, damos uma reprodução da folha individual e das provas physicas exigidas para pertencer á categoria dos "Selecionados".

FICHA INDIVIDUAL

Nome Classe Regimento

Sobrenome Graduação Cia., Esq., ou Bia

	17 ^a SEMANA	40 ^a SEMANA
Datas		
100 metros razos		
1500 metros razos		
Salto em altura com impulso		
Salto em distancia com imp.		
Trepar		
Lançar a granada de 650 gr.		
Suspender — carregar		
Classificação		

“Nada resiste a uma vontade que QUER e a uma intelligen-
cia que SABE.

O segredo da victoria consiste em marchar para a frente quando bem se conhece o terreno" (La conquête du bonheur — J. Payot).

Notas sobre o emissor radio L. L. para aviões

Pelo Ten. ARARIPE MACEDO

GENERALIDADES. O conjunto emissor-receptor "Radio L. L." é destinado a equipar os aviões tipo médio de divisão ou de exército. A bordo dos aviões pesados a recepção pode ser feita em quadro, permittindo levantamentos radio-goniometricos.

O emissor trabalha na gamma de 450 — 1.100 metros e o receptor pode receber ondas desde 250 até 3.000 metros, seja sobre quadro, seja sobre antenna.

O posto fornece tres possibilidades de emissão, a saber:

- telegraphia em ondas mantidas puras
- " " " moduladas
- telephonia.

A potencia do posto é de 150 watts e o seu alcance normal é de:

- 800 kms. em telegraphia mantida
- 550 " " modulada
- 300 " " telephonia.

O receptor é o tipo super-heterodyne, com mudança de frequencia, funcionamento em combinação com o emissor por meio duma caixa de manobra.

Emissor e receptor funcionam numa mesma antenna pendente do avião.

EMISSOR RADIO L. L. TYP0 A. L. 6 BIS. O posto emissor é munido de duas lampadas emissoras de 75 watts cada uma, montadas em paralelo, e uma lampada moduladora de 45 watts funcionando em amplificadora de resistencia e capacidade.

As lampadas emissoras são do tipo E. 4 e funcionam com 6.5 volts no filamento e 1.500 volts na placa.

A lampada moduladora é uma Grammont funcionando com 6.5 volts no filamento e 1.000 volts na placa. Ela só funciona em telephonia

PRINCÍPIO DE FUNCIONAMENTO DO EMISSOR. O emissor emprega a montagem directa. A fig. 1 representa o eschema de principio do emissor em telegraphia mantida.

O circuito de antenna é constituído pela antenna, pelo variometro V, pelo amperimetro termico A, pela self de antenna L, pelo condensador C e pela massa.

A self de reacção que mantem as oscillações é constituída por uma fracção da self da antenna.

As selfs de reacção e de antenna são variáveis, permittindo dessa forma regular respectivamente a associação e o comprimento de onda.

O condensador C1 tem por fim barrar a corrente de alta tensão para o circuito oscillante, ao contrario, elle dá franca passagem ás correntes de alta frequencia geradas nesse circuito.

A bobina de chôque L1 impede o retorno das oscillações de alta frequencia para a fonte de alta tensão.

A bobina L2, em série sobre o circuito de grade, assegura a entrada em oscillação do posto pelas variações de potencial nos seus bórnes.

As grades das emissoras são de um potencial negativo. Ellas são ligadas ao — 1.500 volts através duma resistencia R.

A massa, tambem de 1.500 volts, constitue o ponto commun aos tres circuitos das lampadas: filamento, grade e placa.

A alimentação do circuito de placa das emissoras se faz através dum filtro constituído por um chôque Ch e dois condensadores C2 e C3.

O chôque, em série no circuito, offerece grande resistencia á passagem da pulsação da corrente. Essa pulsação vai se fechar nos bórnes do induzido pelos condensadores C2 e C3 que estão em derivação com o circuito de utilização. Desse modo as variações da corrente continua, derivando-se pelos condensadores em virtude da resistencia offerecida pelo chôque, não affectarão de modo algum o potencial de placa das osciladoras que se mantem perfeitamente constante.

A manipulação se faz sobre o circuito de grade.

O milliamperimetro Ma, em série no circuito de placa, accusa o consumo do posto durante a emissão.

Quando o posto trabalha em telegraphia modulada, é intercalado no circuito de grade das emissoras um tikker rotativo montado sobre a arvore da geratriz. Elle se acha em série com o manipulador e interrompe o potencial origem de grade com o manipulador e interrompe o potencial origem de grade com uma frequencia musical. As oscillações no circuito de placa interromper-se-ão em cada interrupção do tikker.

A fig. 2 representa o eschema de principio do emissor em telephonia. Como se vê, foi apenas introduzida no circuito uma lampada moduladora funcionando em amplificadora de resistencia e capacidade.

A grade dessa lampada é atacada pelas vibrações do microphone Mi através dum transformador T. O circuito microphonico é alimentado por uma bateria de 4 volts, a mesma que serve ao aquecimento das lampadas do receptor.

As variações do potencial de grade da moduladora provocam variações de igual frequencia na corrente de placa, vindo a amplitude dessas variações multiplicada pelo factor de amplificação da lampada.

Em série no circuito de placa existe uma resistencia R1 de 55.000 ohms, produzindo uma queda ohmica de 500 volts. As variações de potencial nos bórnes dessa resistencia, provenientes das variações de corrente no circuito de placa, são transmittidas ás grades das lampadas emissoras por meio de um condensador de ligação C4.

Desse modo as vibrações microphonicas, amplificadas pela lampada moduladora, vão comandar o potencial de grade das emissoras; se o potencial origem de grades das emissoras varia com a frequencia do microphone, a amplitude das oscillações de alta frequencia variará proporcionalmente com a mesma frequencia. Assim, a onda de alta frequencia aparecerá modulada por uma onda de frequencia musical; ella servirá de transporte da onda microphonica através do ether, sendo por isso chamada onda supporte.

No emissor radio L.L., como se trata duma montagem directa, o variometro não tem nenhum papel de resonancia. O seu fim é realizar uma variação continua do valor de self do circuito de antenna de modo a permitir uma gamma de comprimentos de onda perfeitamente continua. Elle preenche a variação descontínua correspondente a dois valores consecutivos da self de an-

DESCRIPÇÃO DO EMISSOR. Tendo em vista facilitar o emprego do emissor a bordo de aviões de dimensões reduzidas, em particular sobre aviões militares bi-place, foi elle repartido em tres caixas relativamente pequenas embora isso acarretasse um ligeiro accrescimo de peso. Essa solução permite acommodar o posto numa pequena carlinga sem comprometter a utilização.

bina de excitação. A corrente de excitação é fornecida pelo induzido de B. T. através dum regulador de tensão colocado na caixa de manobra.

O induzido de B. T. alimenta em paralelo os filamentos das lampadas emissoras e moduladoras, além da sua propria excitação.

A A. T. alimenta os circuitos de placa da lâmpada moduladora e das emissoras através dum filtro collocado dentro da caixa do emissor. Os dois circuitos se acham em derivação.

Ainda na geratriz se encontra um tikker rotativo montado na extremidade da arvore. O tikker trabalha em telegraphia modulada, ficando em serie com o manipulador sobre o circulo de grade das emissoras. Elle se apresenta sob a forma dum collector de dynamo.

Dentro do "capot" traseiro da geratriz está

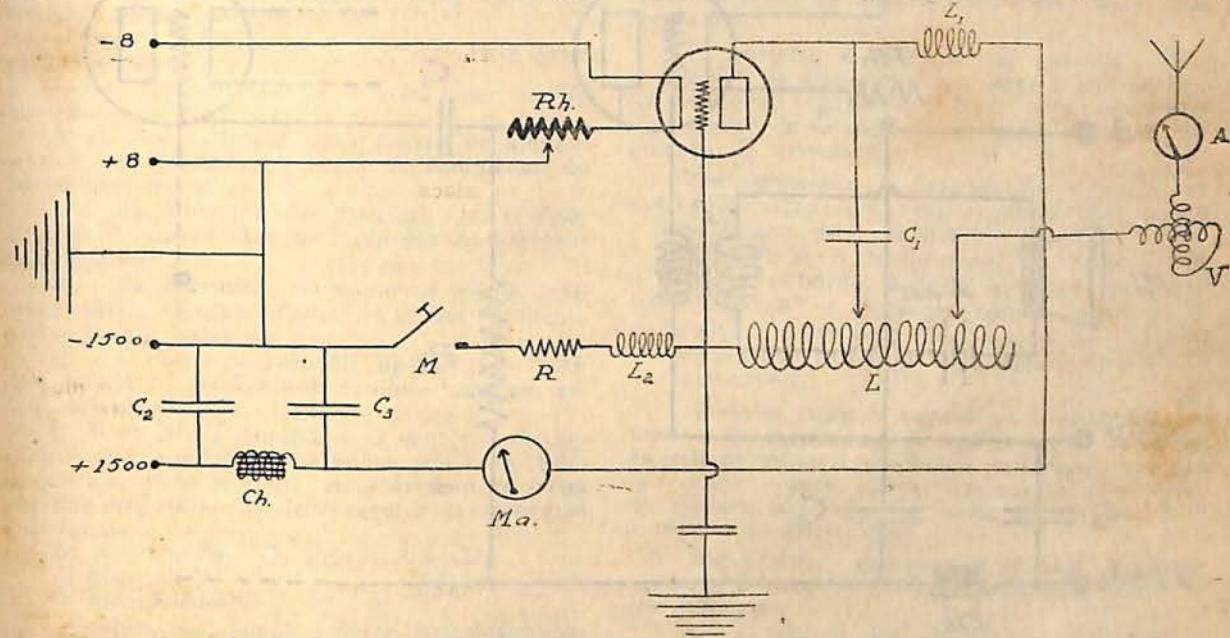


FIG. 1 — Eschema de principio do emissor Radio L.L. em telegraphia mantida.
Errata: Onde se lê Bobina de reacção, leia-se self de placa.

dos demais apparelhos, tales como photo, armamento, navegação, paraqueadas, etc.

O emissor comprehende:

- O emissor comprende:

 - geratriz
 - caixa de commando
 - caixa do emissor
 - caixa de alimentação para o receptor e para o microphone
 - material de antenna
 - accessoriros.

Vejamos rapidamente cada um desses grãos:

1º Geratriz. A geratriz é accionada por um molinete de velocidade constante, girando com 4.500 rotações por minuto. Pesa 13.800 kgs.

Ella possue dois induzidos superpostos, sendo um de baixa tensão e outros de alta tensão. O induzido de B. T. pôde "debitar" 12 ampéres sob 8 volts, e o de A. T. 180 miliampéres sob 1.500 volts.

O campo magnetico é commum aos dois induzidos, sendo assegurado por uma unica bobina.

colocado um condensador em paralelo com o tikker, destinando-se a absorver as scentelhas de ruptura.

A geratriz é collocada sobre o bloco de ataque dum dos planos do avião.

2º Caixa de commando. Todos os órgãos que podem ser chamados a manobrar em voo se encontram no painel da caixa de commando. Por isso ella deve ficar ao alcance do operador.

Sobre o seu painel nós encontramos:

— um quadro rectangular de ebonite com duas escadas numeradas; sobre cada uma dessas escadas pôdem se deslocar dois cavalleiros de regulação. O cavalleiro da escala superior regula a associação, agindo sobre a self de reacção, e o da escala inferior regula o comprimento de onda, agindo sobre a self de antenna.

— o "dial" de manobra do variometro.

— a alavanca de manobra “emissão — repouso — recepção”. Na posição “emissão” a antenna é ligada ao emissor e os circuitos de excitação e aquecimento das lampadas são fechados.

dos. Na posição "repouso" os diferentes circuitos são cortados. Na posição "recepção" a antenna é reunida ao receptor e o circuito de aquecimento das lampadas receptoras é fechado.

— a alavanca de manobra "telegraphia" — moduladas — telephonia".

Na posição "telegraphia", apenas as duas lampadas emissoras estão acessas e o tikker está em curto-circuito. Em "moduladas" o funcionamento é o mesmo, porém o tikker entra em série com o manipulador. Na posição "telephonia" o tikker e o manipulador são curto-circuítados e o circuito microphonico se fecha; a lampada

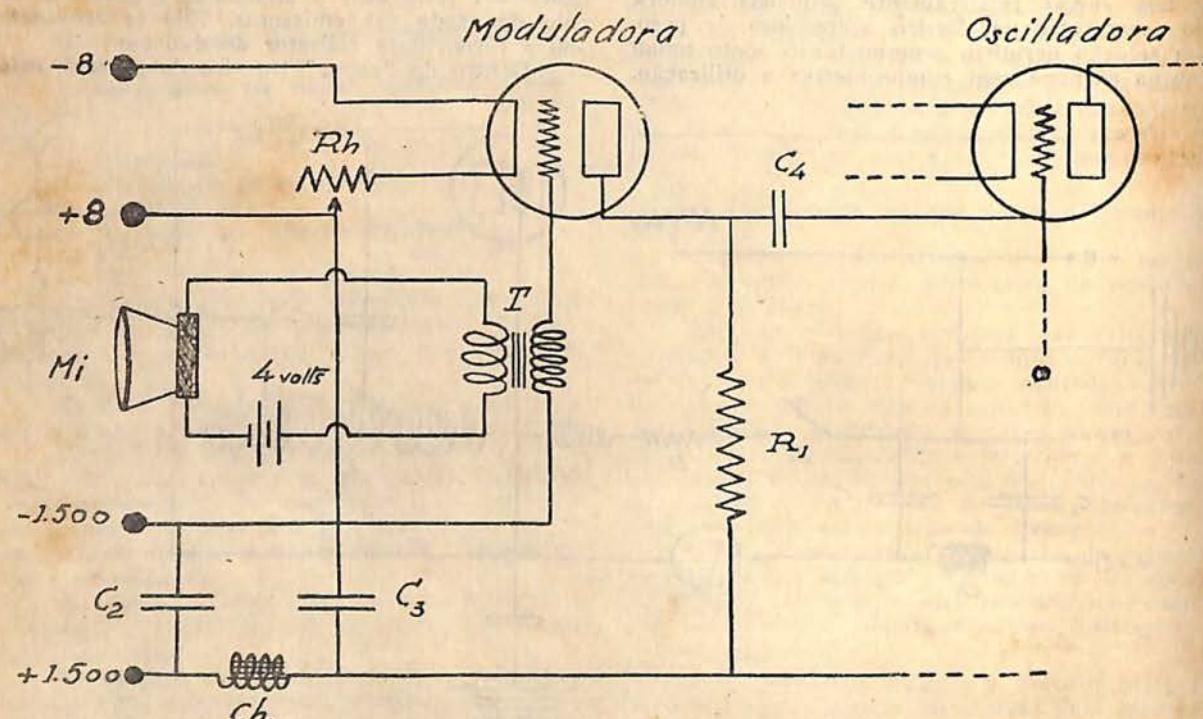


FIG. 2 — Schema de principio da modulação micophonica do emissor Radio L.L.. O circuito da lampada oscilladora é o mesmo que em telegraphia, porém o manipulador e o tikker estão em curto.

da moduladora se accende. A bateria de 4 volts do moduladora se accende. A bateria de 4 volts do receptor alimenta o circuito microphonico.

— uma caixa de fuziveis munida dum tampa amovivel. A abertura da tampa corta automaticamente os circuitos de excitação e o remanente de A. T., permittendo mudar os fuziveis com toda a segurança.

— uma chave de controle da emissão. Ela commanda a alimentação do receptor sob regime reduzido, estando o emissor funcionando. O condensador heterodyno do receptor permite, devendo ser aferido, saber o comprimento da onda que o posto está emitting. O receptor permite tambem controlar a qualidade da modulação microphonica.

— a alavanca do rheostato do regulador de tensão. Esse rheostato permite regular — dentro de restrictos limites — o valor da corrente de excitação que deve permanecer constante.

— o amperimetro thermico da antenna com sua chave de curto-circuito.

— a péga do microphone.

— as pégas da antenna e da massa.

No interior da caixa de commando existem os seguintes orgãos:

— a self de antenna e a reacção.

— o variometro.

— o condensador da antenna.

— o regulador de tensão.

— uma resistencia em série com um pequeno condensador "shuntando" o manipulador.

A caixa de commando se liga ás demais partes do posto por meio de tres chicotes de ligação.

3º Caixa do emissor. A caixa do posto

emissor tem no seu painel superior as duas lampadas emissoras e a lampada moduladora.

Por trás das lampadas fica a resistencia de amplificação de 54.000 ohms.

No painel vertical apparecem:

— um voltmetro com duas sensibilidades 10/1.500 volts, com seu botão de commando. Normalmente elle accusa a tensão nos bôrnes dos filamentos; uma pressão sobre o botão altera-lhe a sensibilidade, collocando-o ao mesmo tempo em paralelo com a A. T.

— um milliamperimetro 0-300 mm/a em série no circuito de alimentação das placas das lampadas.

— o rheostato dos filamentos das lampadas emissoras.

— o rheostato do filamento da lampada moduladora.

— as pégas de placa e de grade das emissoras.

Interiormente existem:

— o filtro de A. T., constituido por um chôque com nucleo de ferro e dois condensadores.

- o transformador microphonico.
 - o condensador de ligação do circuito-placa da moduladora com o circuito-grade das emissoras.
 - a bobina de choque de A. F. do circuito de placa das emissoras.
 - a resistencia e a bobina (carretel) de choque de A. F. do circuito de grades das emissoras.
 - o condensador de ligação das placas das emissoras com a bobina de reacção.
 - a resistencia adicional do voltmetro.
- A caixa do emissor, se as circunstancias o exigirem, poderá ficar fóra do alcance do operador.

4º Caixa de alimentação para o receptor e para o microphone.

As fontes de alimentação do receptor e do microphone se acham alojadas numa caixa de alumínio. Dentro se encontram:

- duas pilhas secas de 45 volts cada uma, ligadas em série.
- um accumulador de 4 volts com liquido immobilizado.

A utilização dessas duas fontes de alimentação é commandada na caixa de commando do emissor por meio:

a — da alavanca de manobra na posição "recepção". Nesse caso as lampadas do receptor serão accesas..

b — da alavanca de manobra na posição "telephonia". O accumulador de 4 volts alimenta o circuito microphonico.

c — a chave de contrôle na posição "verificar emissão". O receptor é alimentado em regime reduzido.

5º Material de antenna. O material da antenna é constituído pela antenna, pela roda, tubo de descida, peso e móla amortecedora. A roda tem um dispositivo de debreagem e de frenagem por pressão.

6º Accessorios. Os accessorios são:

- microphone
- manipuladores
- cabos de ligação entre as diferentes partes do posto. São guarneados duma trama metálica que deve estar ligada á massa do apparelho. Fichas especiaes evitam quaesquer erros de ligação, permittindo uma montagem rapida e correcta.

MANEJO DO EMISSOR. O manejo do emissor comporta as operaçoes seguintes:

1. Regulação prévia do comprimento de onda por meio do cavalleiro da self de antenna e do variometro.

2. Escolha do modo de emissão collocando a alavanca de manobra numa das posições "telegraphia", "moduladas" ou "telephonia".

3. Desenrolar a antenna graduando com o freio de pressão a velocidade da roda. Não frenar bruscamente.

4. Collocar a alavanca de manobra na posição "emissão". Esperar que a geratriz se exerce. Préviamente o operador deve se assegurar se tudo está normal, sem ligações trocadas, avarias da installação, etc..

O rheostato do regulador de tensão deve se achar na posição "tensão minimum" e os das lampadas do posto a meio do curso.

5. Regular as tensões de placa e dos fila-

mentos agindo respectivamente sobre os rheostatos do regulador de tensão e das lampadas. Trazer a tensão das placas a 1:500 volts e a dos filamentos a 6,2 volts. Não descer a menos de 6 volts.

6. Manipular logo após o accendimento das lampadas afim de provocar as oscillações no posto. Verificar no milliamperimetro o consumo do posto que deve sêr de 120 á 160 milliampéres.

A agulha deve oscilar a cada manipulação e voltar francamente ao O da graduação, quando se solta o manipulador. Se tal não se dá:

— verificar o aquecimento das lampadas, pois a "crogue" permanente do posto pode provir dum mau aquecimento.

— verificar a regulação da associação, modificando-a se fôr preciso. Manipular após cada regulação.

7. Verificar a corrente na antenna. Abrir o "shunt" do amperimetro e fazer a leitura. Não ha nenhuma regulação a fazer para aumentar ou diminuir a intensidade existente além da regulação da associação.

Em principio, a associação depende da massa do avião; uma vez regulada deve convir a toda gamma de comprimentos de onda.

8. Verificar o comprimento de onda. Tendo o receptor a bôrdo, collocar a chave em "verificar emissão" e procurar com o condensador heterodyno o maximo de audição no receptor em seguida, se relacionar ao graphic de aferição do heterodyno.

Pôde-se tambem regular o heterodyno para uma onda determinada e agir sobre o cavalleiro da self de antenna e sobre o variometro até que o receptor accuse, com o maximo de intensidade, os signaes irradiados. A onda do emissor será a mesma do heterodyno.

Importante. Evitar deixar as lampadas accesas se não se está manipulando. Collocar em "repouso".

Se as placas das emissoras avermelhecem exageradamente, diminuir a tensão de placa sobre o rheostato do regulador de tensão agindo. Trazer a tensão do filamento ao seu valor normal de 6,2 volts

Para emittir em telephonia, regular primeiramente em "moduladas", passando em seguida para "telephonia". Sêr breve em telephonia, pois o posto está permanentemente "acrocchado" e as lampadas e a geratriz se aquecem muito.

Na mudança dum comprimento de onda a outro collocar em "repouso" antes de mudar a posição do cavalleiro da self de antenna..

Na montagem dum posto sobre avião, certificar-se antes da experencia se a installação "massa" de bôrdo está correcta, isto é, se realmente todas as partes metálicas do avião estão electricamente em contacto.

CASO DE NÃO FUNCCIONAMENTO DO EMISSOR. Varios casos se pôdem apresentar:

1 As lampadas não se accendem. Proceder a novas tentativas; esperar alguns segundos.

Verificar se o voltmetro accusa a B. T., caso afirmativo examinar se os filamentos estão

GENERAL SPIRE

Por ter passado recentemente para a reserva deixou a chefia da Missão Militar França e regressou ao seu paiz o General Joseph Spire.

A "A Defesa Nacional" não pôde deixar escapar a occasião para exprimir os seus agradecimentos e as suas homenagens ao velho general que, durante os tres annos de estada entre nós, a honrou com a sua preciosa collaboração e a sua carinhosa amizade.

A par disso, essas homenagens lhe são devidas pelos reaes serviços que prestou ao nosso Exercito com a sua orientação esclarecida e ponderada, com o criterio e honestidade profissional admiraveis e com espirito de justiça e bondade perfeitamente humanos.

Sob a capa de modestia e simplicidade innatas, o valor e a competencia do General Spire se impuzeram toda a vez que fez ouvir o seu justo e claro parecer, quer nas criticas dos trabalhos das Escolas, quer nas conferencias que realizou na Escola de Estado Maior e no Curso de Informações dos Genaraes.

Aliás, a vida militar do General Spire, que relembramos aqui para completar a nossa homenagem, é bem um penhor do acerto com que se houve o governo por occasião da sua escolha para chefe de missão no Brasil.

Matriculado na Escola Militar de Saint Cyr, em 1888, foi nomeado 2º tenente em 1890 para o 2º Regimento de zuavos, indo servir durante 7 annos na Argelia.

Entrou para a Escola Superior de Guerra em 1897 e, tendo terminado brilhantemente o curso em 1899, serviu successivamente nos E. M. do 7º Corpo de Exercito e do Governo Militar de Paris. Capitão em 1901 e Major em 1912, quando vae commandar um batalhão na fronteira de Leste.

Em 1914, por occasião da declaração da guerra, servia já ha 6 mezes como chefe do gabinete do General Governador Militar de Paris.

quebrados. No caso de não existir B. T. examinar os respectivos fuziveis.

Se não houver nem B. T. nem A. T. e os fuziveis estiverem perfeitos, examinar o circuito de excitação.

2 As lampadas se accendem, mas não ha corrente na antenna. Nesse caso verificar se o milliamperimetro accusa corrente. No caso contrario, veificar o voltmetro de A. T.

Durante a guerra occupa successivamente as seguintes funcções de E. M. e de comando:

Até Maio de 1915 no E. M. do IV Exercito onde é promovido a Tenente-Coronel; de Maio a Dezembro de 1915, chefe do E. M. do 5º Corpo de Exercito;

durante a maior parte do anno de 1916 comanda um regimento de infantaria na *Champagne* e em *Verdun*;

volta ao E. M., com a grande responsabilidade de Chefe de E. M. do V Exercito e depois do IV (Janeiro de 1917 a Janeiro de 1918);

em 1918, é promovido a general de Brigada e commanda successivamente a infantaria da 36ª Divisão e a 22ª Divisão, a cuja testa termina a campanha.

De Abril de 1919 a 1921, foi Director Geral da Instrucção na Missão Militar França na Polonia. De 1921 a 1925, serviu na Missão Militar Franceza na Tcheco-Slovaquia como commandante militar do territorio da Slovaquia.

De volta á França commanda a 21ª Divisão (Nantes); foi promovido a General de Divisão em Dezembro de 1926.

Em Setembro de 1927, assumiu a chefia da Missão Militar Franceza, no Brasil.

Cavalheiro da Legião de Honra antes de 1914, foi durante a guerra successivamente promovido a official e a commendador ao mesmo tempo que obtinha 3 brilhantes citações na ordem do Exercito e uma na do Corpo de Exercito.

Em 4 de Julho de 1930, o Governo Fransez, em recompensa de seus eminentes serviços e valor, nomeou-o Grande Official da Legião de Honra.

O General Spire é titular de 12 condecorações: 2 cruzes de grande official, 2 cruzes de commendador e 8 de official, de ordens militares estrangeiras (Belgica, Bulgaria, Japão, Polonia, Servia, Tcheco-Slovaquia e Russia).

Se a A. T. é zero, mudar os respectivos fuziveis; se ella é menor de 1.000 volts, collocar em "repouso" e não insistir.

No caso do posto oscilar normalmente, verificar se o amperimetro thermico não está queimado; caso affirmativo, fechar o seu "shunt" e emittir. O receptor poderá servir de controlo.

Esboço de um Methodo de Estudo de Geographia

(APANHADO DA "REVUE D'ETUDES MILITAIRES" E OUTROS LIVROS)

SUBSIDIOS PARA OS CANDIDATOS A E. E. M.

Sem duvida a Geographia é a materia do programma mais difícil de estudar.

A prova do concurso pôde normalmente conter tres partes: *Descripção physica*, a parte *politica* e *militar* e a parte *economica*.

Para cada uma deve ser empregado um methodo particular de estudo.

I PARTE

ACQUISIÇÃO DE NOÇÕES NECESSARIAS Á DESCRIÇÃO PHYSICA

O programma de Geographia abrange tanto a Geographia scientifica (dos estudos de humanidades) como a propriamente militar.

Comecemos por esta ultima.

A Geographia militar servirá para ensinar a nomenclatura necessaria á interpretação do terreno e attenuará a aridez da scientifica.

A sua influencia é exercida segundo tres direcções:

1º — a da nomenclatura necessaria á interpretação do terreno; é a direcção mais importante;

2º — a das particularidades geographicas que têm grande importancia militar (obstaculos, natureza do solo, vias de comunicações, etc.);

3º — a dos contactos com a geographia scientifica, de que ella se serve apenas a titulo subsidiario.

Comtudo a Geographica scientifica fornece inumeros elementos que auxiliam o estudo da Geographia Militar. Assim:

1º — ella fornece uma melhor comprehensão da Geographia moderna e explica o sentido scientifico dos termos;

2º — ella põe o estudante em contacto com varias outras sciencias uteis ao desenvolvimento das qualidades intellectuais do candidato;

3º — leva ao estudo do *solo* e do *clima*, elementos essenciais á comprehensão dos phenomenos geographicos. De facto, o relevo (fórmula do terreno), a hydrographia, a vegetação, etc. dependem das reacções reciprocas do solo e do clima;

4º — fornece methodos firmes de estudo á geographia militar. Indica "Como estudar um solo" — "Como estudar um Clima" — "Como estudar um Relevo" — "Como estudar um curso d'agua" — "Como estudar uma vegetação" — etc.

ESBOÇO DE UM METHODO

1º — PERÍODO PRELIMINAR

A — Revisão da Geographia Geral (Programma particular);

B — Golpe de vista sobre o Brasil com o fim de estudar:

a) nomenclatura

b) noções de conjunto

2º — ESTUDO DE UMA REGIÃO NATURAL

A — Estudo da nomenclatura;

B — Estudo dos elementos essenciais:

a) solo;

b) clima;

C — Estudo das reacções reciprocas desses elementos essenciais:

a) Relevo

b) Hydrographia

c) Vegetação

REVISÃO DA GEOGRAPHIA GERAL

"A Geographia regional é a Geographia Geral applicada".

a) Noções geraes, fornecidas por outras sciencias (ex. — estudo das rochas)

Para estudar a Geographia é necessário ter

b) Noções basicas (ex. — diferentes typos de costas, propriedades geographicas das diversas rochas)

c) Noções de methodo (ex. — como estudar um rio, etc.)

Definições

Épocas geologicas

Estudo das rochas e formações das superficies

Noções summarias sobre oceanos, fundos do mar, aguas, mares, corrente, vida no seio do mar

Noções summarias sobre a atmosphera, a temperatura, repartição do calor (e suas causas), chuva, ventos

Noções summarias sobre os abalos sismicos, vulcões.

Physionomia geographicas dos diversos terrenos

Estudo dos diversos relevos (montanhas, planaltos, planicies, depressões)

Estudo dos diversos climas

Estudo das aguas

Estudo das costas

Condições geographicas da distribuição das plantas sob as formações vegetaes e as zonas de vegetações

Condições geographicas da distribuição dos animaes e das zonas zoologicas

Noções basicas a rever

Fim e principios da Geographia Moderna

Papel das varias sciencias na Geographia

Como se estuda o Relevo?

Como se estuda um Clima?

Como se estuda um Rio?

Como se estuda uma Costa?

Noções de methodo a extraer da Geographia Geral ...

SUGESTÕES

C. P. O. R. da 1^a Região Militar

Pelo 1º Ten. NILO GUERREIRO

O C. P. O. R. da 1^a Região Militar é hoje esplendida afirmação do patriotismo de nossa mocidade.

Os seus magníficos resultados em benefício de um Brasil maior já são do domínio público.

Desde 1925 vem o C. P. O. R. desenvolvendo sem alarde, mas num constante progressivo labor, a sua eficiente ação, continuando sempre a contar com a abnegação de um grupo de camaradas que, sacrificando os seus momentos de descanso, põem toda a sua alma e o seu coração na nobre missão de preparar os jovens OFFICIAES DE NOSSA RESERVA. O número de matrículas sofre de ano para ano uma ascenção formidável, o que indica claramente ser cada vez maior o ardor patriótico da nossa mocidade que, tocada pelo ideal supremo de preparar-se para a defesa da Pátria, não mede sacrifícios.

E, confrontando as nossas estatísticas anuais de 1915 para cá, os oficiais do C. P. O. R. sentem-se satisfeitos e orgulhosos porque sabem que este aceitamento cada vez maior do Centro é o resultado do desempenho fiel e consciente da sua missão.

Valendo-me do agasalho acolhedor das colunas de "A Defesa Nacional", que, sob o título de Sugestões, muita cousa interessante tem publicado, envio hoje estas linhas.

Como instructor do C. P. O. R. conheço bem as suas necessidades actuais e me achei na obrigação de sugerir algumas das suas mais urgentes, indicando os meios mais simples e práticos, de senão resolvê-las ao menos... Contornal-as.

Essas sugestões são as seguintes:

— 1º) — INDEPENDENCIA DO C. P. O. R.

E' a sua maior necessidade. Actualmente o C. P. O. R. está instalado em parte da ala esquerda do quartel da antiga 3^a Cia. Mtrs. P. Estão funcionando neste quartel, com accomodações apenas para uma Cia. as seguintes repartições: — Escola de Intendencia — Diretoria Geral do Tiro de Guerra. Os Tiros de Guerra ns. 7, 252 e 536 — 1^a Circunscrição de Recrutamento — Escolta da 1^a R. M. e Escolta da 2^a Bda. I., Archivo do D. C. Bibliotheca do Exercito e C. P. O. R.

Facil é pois imaginar a deficiência da instalação. Dispomos apenas de 3 salas para aulas e a Cavallaria e Artilharia do Centro são obrigadas a funcionar no 1º G. A. P., ao qual estamos administrativamente subordinados.

Isto acarreta a separação das armas com todas as suas más consequências.

O ideal seria uma vez concluidas as obras da ala esquerda do Q. G. deixar todo o edifício da antiga 3^a Cia. Mtr. P., para o Centro, pois é de esperar que as demais repartições citadas

se installem nesse parte nova do Ministerio da Guerra.

Uma vez dispondendo de todo o quartel a Infantaria, a Cavallaria e a Artilharia do Centro ficariam juntas, facilitando a instrução e a direcção do conjunto. Disporíamos assim, actualmente, de uma Cia. de Infantaria, uma Secção de Mtrs. L., uma Secção de Mtrs. P., um Esquadrão e uma Bateria e as accomodações para todo o pessoal, animais e mateiral.

Essa medida traria outra grande vantagem: a de permitir que os alunos menos favorecidos da fortuna dispuzessem de um alojamento. É sabido que os alunos fardam-se por conta própria e que alguns moram longe, gastando ás vezes o que não podem em passagens. Na Infantaria temos alunos que residem em Paquetá, Santa Cruz e Campo Grande e que, apesar de todo o sacrifício, comparecem pontualmente ás aulas que funcionam das 6 ás 8 horas da manhã e aos Domingos e feriados durante toda a jornada. Sei porém, que muitos deixam de se matricular e de continuar cursando as aulas por esses motivos. Um alojamento resolvia bem o problema, eliminando os gastos da condução e permitindo com a economia do aluguel do quarto para os que não têm família no Rio, a aquisição dos fardamentos necessários.

Para conservação do quartel, serviço diário etc., o Centro já dispõe de um pequeno contingente actualmente addido ao 1º G. A. P.

A direcção do Centro, auxiliada pelos directores das armas, poderia melhor controlar a administração e a instrução, provendo mais rapidamente as suas necessidades sem maior despesa porque o Centro já dispõe de uma verba estipulada annualmente para tal fim.

2º) — Actualmente, apesar do grande número de alunos matriculados, cada arma dispõe apenas de um subalterno com carácter permanente. Os directores e demais instructores acumulam abnegadamente essas funções com as que já desempenham em seus diversos mistérios sem o menor prejuízo para o serviço. Isto quer dizer que esses oficiais sacrificam as suas horas de folga em benefício da instrução do Centro.

Acontece porém que, devido ás férias académicas do mês de julho (1 a 16 nas escolas do Estado do Rio e de 1 a 31 no Distrito Federal) é esse o período intensivo de instrução no C. P. O. R. Nelle se realizam os acampamentos, exercícios de escola, de fogo etc. Mas, justamente nessa época (1^a quinzena de julho) também se realizam em todos os corpos da Região os exames de Companhia, Bateria e Esquadrões, o que coloca os oficiais arregimentados que são instructores do Centro, em uma situação de não poder servir-o. Ainda nesse mês se realizam as manobras da E. E. M. e vários instructores que são alunos ou auxiliares de instructores dessa Escola, são também obrigados a não po-

derem prestar nesse periodo intensivo, a sua util e prestigiosa collaboração.

Penso que, não se podendo conciliar de um modo melhor tal situação, deveria se deixar ao menos com carácter permanente, além de um subalterno por arma, os directores de cada uma das armas.

Isso não será quasi nada, se levarmos em consideração que o C. P. O. R. dispõe este anno

na Infantaria de 230 alumnos, na Cavallaria de 54 e, na Artilharia, de 111, e que esses numeros tendem a augmentar consideravelmente.

Accresce frisar ainda que, não existindo no C. P. O. R. diarias nem gratificações para os instructores, esta medida, uma vez adoptada, não accarretará a menor despesa. Dos 3 Capitães Directores o mais antigo assumia a direcção do C. P. O. R.

Educação physica não é só gymnastica

O Caso dentro do quartel - Grandes males e remedios faceis

Pelo 1º Ten. JOSÉ GUIOMARD SANTOS

(Do 2º R. I

Todos sabem que o exercicio não basta. Educação physica é exercicio + hygiene. E' movimento + ar + agua + sol. Os entendidos já esgotaram tal assumpto e nesse não ha controvérsias. Resta-nos perguntar — no quartel se faz assim?

A HORA E O SOL — Nos corpos a labuta diaria começa pelos exercícios physicos. A que horas? Em geral, entre 5,30 e 6 horas. Fica assim prejudicado o banho de sol, que os scientistas reconhecem de alto valor physiologico. Conviria pois, que a lição de gymnastica fosse dada um pouco mais tarde. Entre 7 e 9 horas o sol é facilmente supportável e aproveitar-se-iam os benefícios de suas radiações. Creio que na E. S. I. se resolveu dessa maneira. Demais, a hora indicada tem outra vantagem — o espaço de tempo que a separa da primeira refeição.

AGUA, AGUA — Por qualquer lado que se encare a natação é um dos melhores, ou até o melhor exercicio. Ao mesmo tempo, completa com o banho, o efecto de qualquer actividade muscular. No entretanto, a não ser nos quartéis situados a beira-mar, (poucos aliás) nos outros não é possível desenvolver esta utilissima e atraente parte da educação physica.

Para alguns corpos uma piscina sem luxo seria cousa facil e não muito dispendiosa.

Delegado de "A Defesa

Para attender ao grande desenvolvimento que têm tido os interesses de nossa revista no Estado do Rio Grande do Sul resolvemos nomear nosso Delegado ali o antigo membro do Grupo Mantenedor 1º Tenente. Alcindo Nunes Pereira, actualmente instructor na Brigada Militar do Estado.

As atribuições do novo delegado são as seguintes:

1º — fazer a propaganda da revista, auxiliando os representantes nos corpos na angariação de assignaturas;

2º — procurar collaboração para a revista e incentivar a remessa de notícias sobre os empreendimentos realizados nos corpos (exercícios no terreno, manobras, competições desportivas, etc.);

AR — A vida ao ar livre "au grand air", desde os gregos tem sido o factor de importancia na educação physica. Não cabe aqui justificar cousa tão conhecida e justificada. Queremos frisar, que com alguma bôa vontade e recursos proprios, cada corpo poderia construir o seu stadio, pequeno embora. Temos exemplos por ahí.

Os corpos e estabelecimentos quasi sempre possuem terreno sufficiente e adequado a tal fim. Continuar nos pateos escuros e acanhados é rotina imperdoável.

Os apparelhos necessarios, destinados ao stadio, á execução dos exercícios podem ser feitos nas officinas do corpo, rapidamente e sem grandes despesas. Quanto aos de anthropometria seriam adquiridos aos poucos, formando-se um gabinete cada vez mais completo.

EM RESUMO — Se a bôa regra é partir do mais facil, claro que as questões acima já deviam estar solucionadas em cada corpo. Vamos ter instructores competentes e cumpre fornecer-lhes meios para trabalhar, pois, a competencia é necessaria, mas não é bastante. E, se a tarefa do instructor não fôr aplaudida pelos chefes, ainda teremos que perder muito tempo e muito esforço.

Nacional" na 3º Região

3º — entrar em relação com os representantes nos corpos, promover meios de melhorar a situação da revista e indicar as medidas que possam contribuir para isso;

4º — convidar officiaes para os cargos de representantes vagos e indicar á direcção da revista os nomes dos escolhidos;

5º — constituir em caso de necessidade, um nucleo de auxiliares de delegação.

Nesse sentido a Direcção fornecerá ao Delegado as informações e meios indispensaveis para a realização de sua missão.

OBSERVAÇÃO: — No sentido de tornar mais rápidas as relações entre os representantes e a Direcção, estas continuarão a ser feitas directamente.

Subsídios para os Quadros de Reserva

Exercício com tropa realizado pela S. I. do C. P. O. R. da 1ª Região Militar

Os documentos que hoje publicamos se referem ao ultimo exercicio de combate com tropa realizado pelos alunos da S. I. do C. P. O. R. da 1ª R. M., no periodo de instrução do corrente anno.

Esse exercicio, que deu resultado bem satisfactorio, foi extraido do ultimo trabalho mensal, em sala, feito pelos alunos do 3º anno e só foi executado no terreno depois de haver sido estudado pelos quadros na carta e no caixão de areia.

O trabalho acima referido era o seguinte thema:

SITUAÇÃO GERAL

a) *Amiga*. — O 14º R. I. — vanguarda E de uma Divisão, marcha de S. para N. na região a E da via-ferrea-Deodoro-Anchieta com dois Btis, em 1º escalão e 1 Btl. em 2º.

b) *Inimiga*: — acha-se installado defensivamente, parecendo ter a sua posição de resistencia passando pelas alturas ao N. de Anchieta: N. do Mº de Maio, N. do Mº de Botafogo...

SITUAÇÃO PARTICULAR

No dia 22 de Julho I/14º R. I. (do 1º escalão da vanguarda), cuja zona de acção é limitada a E. pela linha geral Mº da Cruz-Parada Barros Filho-Estação Costa Barros... e a O. por Mº do Oratorio-Mº Camboatá (exclusivé)-Mº da Pedra Rasa-Mº de Maio... ao partir da linha; Mº do Camboatá-Mº da Santinha-Mº do Oratorio-Barros Filho... para atingir a linha Mº da Raiz, Mº de Maio, Mº de Botafogo... tinha duas Cias. (1ª e 4ª em 1º escalão) e 2 em 2º escalão. A 4ª Cia. (esquerda do Batalhão) enquadrada a O. pelo 2º Btl. e a E. pela 1ª Cia., tem como ponto de direcção afastado o Mº de Botafogo. Esta Cia., cujo dispositivo sobre a linha de partida era: 2º Pel. encostas N. do Mº da Santinha; 1 Pel. encosta N. do Mº do Oratorio, e 3º Pel. macega rala a S. E. do Mº da Santinha e S. O. do Mº do Oratorio, dispõe de uma secção de Mtr. L. que se acha nas proximidades do grupo de arvores copadas do Mº do Oratorio.

Partindo da linha referida, por ordem do Cmt. do Btl. para a linha Mº da Raiz-Maio-Botafogo... o Cap. da 4ª Cia. que vae executar uma parada sobre a linha intermediaria... (a determinar pelos alunos) observa o seguinte incidente: o 2º Pel. é detido por fogos de armas automaticas partidos do reentrante do Mº da Pedra Rasa no momento em que os seus elementos tentam atravessar a estrada que passa ao N. do Mº da Santinha. O 1º Pel. tem seus elementos da esquerda, detidos na altura da bifurcação 150 metros ao N. da curva fechada, base do Mº do Oratorio; seus elementos da direita têm a progressão livre.

TRABALHO A EXECUTAR

1º. Escolher a linha intermediaria deixada em branco na situação particular.

2º. Providencias a tomar pelo Cap. da 4ª Cia. com relação:

a) a cada um dos Pelotões

b) a secção de Mtr. L.

3º. ORDENS DADAS. — PELO CMT. da 4ª Cia.

EXERCICIO DE PELOTÃO COM TROPA

Documento nº. 1

A) FIM DO EXERCICIO: — Demonstrar praticamente.

1º) O principio de infiltração: “entre as fracções do 1º escalão, umas se chocam com um elemento avançado, outras encontram o terreno livre e disso se aproveitam para se infiltrarem audiosamente nos corredores não batidos”.

2º) A reducção das resistencias retardadoras nas preliminares do combate pela manobra classica do desbordamento.

B) EXTRACTO DA ORDEM DO CMT. DA 4ª CIA.

I — Informação sobre o inimigo — vide thema.

II — MISSÃO DO BTL.: O Btl. fazendo parte da Vg. E da nossa D. I. proseguirá seu movimento para o N. com a missão de tomar o contacto. Zona de acção do Btl.: a E pela linha geral: Mº da Cruz-Parada Barros Filho-Estrada Est. Barros... e a O. pela linha Mº dos Araujos-Mº Camboatá (exclusivé)-Mº da Pedra Rasa-Mº de Maio...

III — SITUAÇÃO PARTICULAR: — A nossa Cia. é a da esquerda de 1º escalão do Btl. Tem á sua direita a 1ª Cia. e á esquerda está enquadrada pelo II Btl.

IV — MISSÃO DA CIA.:

1º) Vasculhar o terreno em seu eixo de marcha em ligação com a 1ª Cia.

2º) Tomar o contacto.

V — EXECUÇÃO:

a) Linhas successivas a atingir;

3ª. — Mº da Santinha-Mº do Oratorio

4ª. — (intermediaria) Mº da Pedra Rasa

5ª. — Mº de Maio-Mº de Botafogo

b) eixo de marcha: (vide carta) meridiano — 20

c) angulo de marcha. 12 gráos

d) dispositivo da Cia.: (na 3ª linha atingida). Vide thema.

VI — Sobre cada uma das linhas a atingir será feita uma parada. A retomada da marcha se fará á minha ordem.

Marcharei na altura do 1º escalão no eixo de marcha da Cia.

CAP. N.
Cmt.

EXERCICIO DE PELOTÃO COM TROPA

Documento N°. 2

(RESERVADO)

ORDEM A' FIGURAÇÃO INIMIGA

Cmt.: alumno do 3º anno — 320

EFFECTIVOS	POSIÇÕES	MISSÕES
R 1 — Alumnos do 3º anno nº. 212 e 2 do 2º anno ns.: 555 e 601.	No reentrante do Mº da Pedra Rasa do Mº da Santinha.	Deter o Pel. da esquerda logo que os seus 1ºs elementos ultrapassem a estrada ao N. do Mº da Santinha.
R 2 — Alumnos do 3º anno nº. 343 e do 2º anno ns.: 451-530.	Idem a 80 metros a esquerda do R 1.	Deter os elementos da esquerda do Pel. da direita no cruzamento de estradas ao N. do Mº do Oratorio.

ABERTURA DE FOGO: Logo que os G. C. attinjam a posição determinada ou ao toque do fogo.

CESSAÇÃO DE FOGO: Toque do alto ou manobra executada pela tropa amiga que a isso obrigue.

OCCUPAÇÃO DAS POSIÇÕES: Terminada ás 9 hs.,

indicando a direcção do fogo por bandeirolas azues ou vermelhas.

CÓDIGO DE SIGNAES, DE REPRESENTAÇÃO DE FOGOS E DE TOQUES DE CORNETA: Os adoptados no C. P. O. R.

EXERCICIO DE PELOTÃO COM TROPA

Documento nº. 3

ORDEM Á FIGURAÇÃO AMIGA

ELEMENTOS	COMPOSIÇÃO	POSIÇÃO INICIAL	CONDUCTA A SEGUIR
Pel. da esquerda 1º escalão Base.	Cmt.: alumno 434 Tropa 4 G. C. Cerra-fila 545.	Encostas N. do Mº da Santinha.	Progredir segundo eixo marcado no croquis. Angulo de marcha: 12º.
Pel. da direita 1º escalão.	Cmt.: alumno 550 Tropa: 4 G. C. Cerra-fila 644.	Encostas N. do Mº do Oratorio.	Progredir á direita do Pel. base. Angulo de marcha: 12º.
Pel. de 2º escalão.	Cmt.: alumno 551 Representado por 1 bandeirola branca.	Macéga rala á N. O. do Mº do Oratorio.	Progredir na esteira do Pel. da direita.
Cmt. da Cia. e Secção de Commando.	Alumno nº. 245 Representada por 1 bandeirola amarela.	Crista do Mº do Oratorio.	Marchar á altura do 1º escalão. Receber partes dos cmts. do Pel. de 1º escalão.

EXERCICIO DE PELOTÃO COM TROPA

Documento nº. 4

- I) No dia 24 de Agosto terá lugar o exercicio de combate com tropa:
- II) Director do exercicio: 1º TEN. NILO GUERREIRO.
Adjunto: alumno do 3º anno: 127 e 344.
- III) Ordens dos elementos que participam do exercicio.

ELEMENTOS	COMPOSIÇÃO	UNIFORME	HORA E LOGAR DE REUNIÃO NO TERRENO
Grupo do Director e Adjuntos.	2 sargentos auxiliares do instructor, 1 corneteiro e 4 alumnos do 1º anno.	Uniforme kaki, gorro c/pala. Braçadeira branca.	As 8,30 junto á Capella ao N. do Mº do Oratorio.
Figuração amiga.	8 G. C. — 6 alumnos do 3º anno e 2 sargentos auxiliares do instructor.	Uniforme kaki. Gorro/s/pala (casquette) 1 bandeirola branca e 1 amarela. Equipamento de couro.	Na região entre os Mºs Santinha e do Oratorio ás 8,30.
Figuração inimiga.	3 alumnos do 3 anno. 1 sargento — 6 alumnos do 1º anno.	Uniforme kaki. Capote de campanha. Equipamento "Mills" — 2 bandeirolas azuis e 2 vermelhas.	As 8,30 no sopé E. do Mº da Pedra Rasa.

ASSISTENTES: Reunião ás 8,30 na cota 30 ao N. do Mº do Oratorio.

FIGURAÇÃO DO INIMIGO: Cada resistencia figurada por 1 F. M. Direcção de tiro materializada por 2 bandeirolas azuis ou vermelhas.

MUNIÇÃO: A' figuração amiga:

5 pontos por homem

5 carregadores por F. M.

A' figuração inimiga:

2 pontos por homem

8 carregadores por F. M.

ITINERARIOS: Tropa amiga: Parada Barros Filho-pomar N. do Mº do Oratorio.

INIMIGO: Caminho ao N. de Collina Manoel Dias-Mº da Pedra Rasa.

TOQUES e SIGNAES: de accórdo com os códigos adoptados no Centro.

HORA DE PARTIDA: Os alumnos deverão partir em trem especial da Estação de Alfredo Maia ás 7 horas.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Todos os quadros que tomam parte no exercicio deverão levar: papel, lapis, carta da região, papel calco e bussola.

NOTAS SOBRE O COMMANDO DO BATALHÃO NO TERRENO

C M T. A U D E T

Para assignantes 3\$000

não assignantes 3\$500

A' VENDA EM "A DEFESA NACIONAL"

Regulamento geral de Educação Physica

METHODO FRANCEZ

(TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO ORGANIZADAS PELA COMISSÃO NOMEADA PELO SR. MINISTRO DA GUERRA)

Continuação do nº. 197

<i>Nº. dos elementos</i>	<i>NOME DOS EXERCICIOS</i>	<i>Rythmo e repetições</i>	<i>Cyclo a partir do qual podem ser executados</i>
289	Elevação alternada dos joelhos	Cyclo elementar
290	Correndo, estudo da passada	Idem
291	Passada intercallada de dois ou tres pulos	Idem
APPLICAÇÕES			
292	Corrida em zig-zag	Cyclo elementar
293	Corrida por lanços deitando-se no fim de cada lanço	Idem
294	Corrida de média-velocidade na passada larga	Idem
295	Corrida com o tronco flexionado	Idem
296	Corrida de velocidade	Idem
297	Corrida com vasamento	Idem
298	Corrida em terrenos variados	Cyclo secundario
IX — ARREMESSAR			
299	Exercícios de imitação	Cyclo elementar
300	O malabarista	Idem
301	O moinho de vento	Idem
302	O ceifador	Idem
EXERCICIOS EDUCATIVOS			
303	Levar o ombro para frente com rotação do tronco e distensão das pernas	Cyclo elementar
304	Arremessar a bola pesada por distensão do braço (por dois, frente a frente)	Idem
305	Arremessar para a frente a bola medicinal por distensão horizontal dos braços, (por dois, frente a frente)	Idem
306	Arremessar para o alto a bola medicinal por distensão vertical dos braços. (só)	Idem
307	Arremessar para a frente a bola medicinal por distensão horizontal de um braço (por dois, frente a frente)	Idem
308	Arremessar para a frente a bola medicinal por balanceamento horizontal do braço distendido e rotação do tronco (por dois, frente a frente)	Idem
309	Arremessar para o lado a bola medicinal por balanceamento dos braços distendidos na frente do corpo e rotação do tronco	Idem
310	Arremessar para o alto a bola medicinal por distensão do tronco flexionado lateralmente e balanceamento dos braços distendidos de baixo para cima (só)	Idem
311	Arremessar para frente a bola medicinal por distensão do tronco flexionado e	Idem

Nº. dos elementos	NOME DOS EXERCICIOS	Rythmo e repetições	Cyclo a partir do qual podem ser executados
312	balanceamento dos braços distendidos de baixo para cima (por dois, frente a frente)	Cyclo elementar
313	Arremessar para o alto a bola medicinal por distensão do tronco flexionado e balanceamento dos braços distendidos de baixo para cima (só)	Idem
314	Arremessar para traz, por cima da cabeça a bola medicinal por distensão do tronco flexionado e balanceamento dos braços distendidos de baixo para cima (por dois, um a traz do outro ou em filas com varias bolas)	Idem
315	Arremessar para traz, por entre as pernas a bola medicinal por flexão do tronco e balanceamento dos braços distendidos de cima para baixo (por dois, um a traz do outro ou em filas com varias bolas)	Idem
316	Arremessar para frente a bola medicinal por abaixamento dos braços distendidos para o alto e flexão do tronco (por dois, frente a frente)	Idem
317	Jogar o peso para o alto por flexão lateral do tronco e distensão do braço flexionado	Idem
318	Jogar o peso para o alto por balanceamento de baixo para cima do braço distendido com flexão lateral e rotação do tronco	Idem
APPLICAÇÕES			
319	Arremesso de objectos leves com o braço flexionado	Idem
320	Arremesso de objectos leves com o braço distendido	Idem
321	Arremesso de objectos leves por balanceamento do braço de traz para frente	Idem
322	Arremesso de objectos pesados	Idem
323	Arremesso de cordas, boias	Cyclo secundario
Cyclo superior			
X — ATAQUE E DEFESA			
EXERCICIOS DE IMITAÇÃO			
324	Esquivar o bolo	Cyclo elementar
325	O marceneiro	Idem
326	O pugilista	Idem
327	A cambalhota para a frente	Idem
EXERCICIOS DE OPPOSIÇÃO			
328	Resistir á distensão da cabeça (em pé, dois a dois)	Repetição:	Cyclo elementar (11 a 13 annos)
		Mínimo 8	
		Máximo 15	
329	Resistir á distensão da cabeça (no solo, dois a dois)	Repetição:	Idem
330	Resistir á flexão da cabeça para frente (dois a dois)	Repetição:	Idem
		Mínimo 8	
		Máximo 15	

Nº. dos elementos	NOME DOS EXERCICIOS	Rythmo e repetições	Cyclo a partir do qual podem ser executados
331	Resistir á flexão lateral da cabeça (dois a dois)	Repetição: Mínimo 8 Máximo 15	Cyclo elementar (11 a 13 annos)
332	Resistir á rotação da cabeça (dois a dois)	Repetição: Mínimo 8 Máximo 15	Idem
333	Resistir á flexão e distensão da mão ...	Repetição: Mínimo 10 Máximo 20	Idem
334	Resistir á abdução do punho e do ante-braço	Repetição: Mínimo 8 Máximo 15	Idem
335	Resistir ao afastamento lateral do braço	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
336	Resistir á flexão dos ante-braços	Repetição: Mínimo 8 Máximo 15	Idem
337	Resistir á distensão do ante-braço	Repetição: Mínimo 8 Máximo 15	Idem
338	Resistir á distensão dos braços para frente	Repetição: Mínimo 8 Máximo 16	Idem
339	Exercícios de tracção de um braço	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
340	Exercício de tracção pelos punhos (ante-braços)	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
341	Livrar o punho por distensão do braço ..	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
342	Livrar o punho por flexão do ante-braço	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
343	Utilizando uma corda com empunhadura, resistir á flexão dos braços	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
344	Utilizando um bastão, resistir á distensão dos braços para a frente	Repetição: Mínimo 8 Máximo 16	Idem
345	Resistir á elevação do joelho para a frente	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
346	Resistir á flexão da perna	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem

Nº dos elementos	NOME DOS EXERCICIOS	Rythmo e repetições	Cyclo a partir do qual podem ser executados
347	Resistir á flexão das pernas	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
348	Resistir á elevação da perna para a frente	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Cyclo elementar (11 a 13 annos)
349	Resistir á elevação lateral da perna	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
350	Resistir á distensão lateral da perna	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
351	Resistir á distensão das pernas (por dois sentados frente a frente)	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
352	Resistir ao afastamento e á approximação das pernas (por dois, sentados frente a frente)	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
353	Resistir ao afastamento e á approximação dos joelhos (por dois, sentados frente a frente)	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
354	Resistir ao afastamento lateral dos braços	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
355	Resistir á flexão do tronco para frente	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
356	Resistir á distensão do tronco	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
357	Resistir á flexão e distensão lateral do tronco	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
358	Resistir á rotação do tronco	Repetição: Mínimo 5 Máximo 10	Idem
359	Empurrar-se mutuamente com um braço ..	Repetição: Mínimo 10 Máximo 20 (de cada braço)	Idem
360	Suspender um camarada no ombro e o empurrar por distensão das pernas, do tronco e dos braços	Repetição: Máximo 10 Mínimo 5 (de cada braço)	Idem
LUTAS DE TRACÇÃO E REPULSAO			
361	Luta indiana	Cyclo elementar (11 a 13 annos)
362	Luta de repulsa, de lado, ombro contra ombro	Idem

Nº. dos clemen- tos	NOME DOS EXERCICIOS	Rythmo e repetições	Cyclo a partir do qual podem ser executados
363	Luta de repulsão, dorso contra dorso	Cyclo elementar (11 a 13 annos)
364	Empurrar pelas costas um camarada que resiste	Idem
365	Luta de resistencia pelo punhô	Idem
366	Procurar deslocar um camarada seguran- do-o pelo punho	
367	Luta de tracção pelos braços	Idem
368	Luta de repulsão, dois a dois, de frente (braços flexionados)	Idem
369	Luta de repulsão, dois a dois, mãos sobre os hombros	Idem
370	Luta de repusão, de frente, hombro con- tra hombro	Idem
371	Luta no quadrado	Idem
372	Luta pelo bastão (uma ou duas mãos)	Idem
373	Luta pelo bastão (sentados dois a dois)	Idem
374	Luta de repulsão á vara (dois a dois)	Idem
375	Luta de tracção á vara (dois a dois)	Idem
376	Luta de tracção á corda de frente (dois a dois)	Idem
377	Luta de tracção á corda de costas (dois a dois)	Idem
378	Luta de replusão á vara (por turmas)	Idem
379	Luta de tracção á vara (por turmas)	Idem
380	Luta de tracção á corda de frente (por turmas)	Idem
381	Luta de tracção á corda de costas (por turmas)	Idem
XI — NADAR			
382	Estudo dos movimentos do "la brasse". em secco	Cyclo elementar
383	Estudo do nado de costas, em secco	Idem
384	Exercícios preliminares de natação	Idem
385	"La brasse"	Idem
386	"La brasse" de costas	Idem
387	Sessão de natação	Idem
388	Mergulhos	Idem
389	Mergulho flexa	Idem
390	Salvamento	Cyclo superior
XII — PEQUENOS JOGOS			
391	Trepar	Cyclo elementar
392	Morto e vivo	Idem
393	A prece dos hindús	Idem
394	A gallinha no poleiro	Idem
395	Pique no alto	Idem
396	O trípê humano	Idem
397	A cabra	Idem
SALTAR			
398	O pombo vôlei modificado	Cyclo elementar
399	Os cantos, sobre um pé	Idem
400	Os passos de gigante	Idem
401	A perseguição do perneto	Idem

Nº. dos elementos	NOME DOS EXERCICIOS	Rythmo e repetições	Cyclo a partir do qual podem ser executados
	CORRER		
402	A corrida de cem pés	Idem
403	O québra-canella em circulo	Idem
404	O québra-canella em columna	Idem
405	Carniça com limite estipulado	Idem
406	Carniça repetida	Idem
407	Variedade de carniça	Idem
408	O kangurú	Idem
	SUSPENDER — CARREGAR		
409	Cavallinho de bola	Cyclo elementar
410	O urso	Idem
411	A corrida com carga	Idem
412	Apanhar a borboleta	Cyclo elementar
413	As corridas dos pares	Idem
414	A cabra cega	Idem
415	O lobo e os carneiros	Idem
416	O gato e o rato	Idem
417	A estaca	Idem
418	A roda do chicote	Idem
419	A enguia	Idem
420	Os cantos	Idem
421	O corredor e o caçador	Idem
422	O gato doente	Idem
423	O gato cortado	Idem
424	Corrida de estafeta	Idem
425	Corrida de estafeta com braçal	Idem
426	Verso e reverso	Idem
427	O vae e vem	Idem
428	A bola caçadora	Idem
429	Os policias e os ladrões	Idem
430	O lobo e o cordeiro	Idem
431	A bruxa	Idem
432	A pescaria	Idem
433	Corrida de tres pernas	Cyclo elementar
434	Corrida de duas pernas	Idem
	ARREMESSAR		
435	A bola ao pote	Cyclo elementar
436	A posição pela bola	Idem
437	Os fuzilados	Idem
438	A chamada para a bola	Idem
439	Olha a bola	Idem
440	Péga a bola	Idem
441	Foge da bola	Idem
442	A bola ao campo adverso	Idem
442 u	O passeio aéreo	Idem
	ATAQUE E DEFESA		
443	Os prisioneiros	Cyclo elementar
444	Não passarás	Idem
445	Os dois campos	Idem
446	As estacas interdictas	Idem
447	O maneta é senhor em sua casa	Idem
448	O gallo de briga	Idem
449	O combate a cavallo	Idem
	XIII — GRANDES JOGOS		
450	As barras	Cyclo elementar
451	A barra bandeira	Idem
452	A grande "theque" (a bola no campo)	Idem
453	"Bat-ball" (Bola batida)	Idem
454	A bola militar	Idem
455	O "Volley-ball"	Idem

BIBLIOGRAPHIA

NACIONAIS

Recebemos e agradecemos:

Liga Marítima Brasileira — (Maio) — Aviação Nacional — De Londres a Genebra — Juramento dos reservistas da 1ª Região — Desarmamento naval.

Moeda e Credito — (Maio) — A Aviação na América Latina — As actividades de Ford na Amazonia — A produção mundial de petróleo.

Nossa Revista — Ouro Preto — (Janeiro e Abril) — Plano de Viação ferrea no Estado de Minas Geraes — Uma interrogação — Alguns dados sobre a teoria atómica actual.

Revista Militar Brasileira — (Janeiro a Março) — Os Generaes do passado — A personalidade do Marechal Wilson — Processo gráfico para o estudo e justificação das regras de tiro — O domínio do bacia hydrographica do Prata.

ESTRANGEIRAS

America

CHILE

Memorial del Ejercito de Chile — O Serviço Meteorológico no Exercito — Idéas sobre o aproveitamento dos levantamentos topográficos rápidos, em tempo de paz — O combate frontal e a manobra flanco.

COLOMBIA

Revista Militar del Ejercito — (Janeiro, Fevereiro e Março) — Apontamentos sobre a origem do cavalo e o desenvolvimento das diversas raças — Dificuldades doutrinárias — Infantaria e Artilharia.

PARAGUAY

Revista Militar — (Maio) — O dia da Pátria — Exercito e Communismo — O recrutamento de officiaes na Alemanha — A disciplina.

O PERU'

Revista del Círculo Militar — (Abril e Maio) — Questões de engenharia militar — A Escola Militar especial de Saint-Cyr — Schlieffen — Estudos sobre os viveres de reserva que poderão ser fabricados no paiz e adoptados.

URUGUAY

Revista Militar y Naval — (Maio) — A Divisão de Cavalaria na batalha offensiva — As promoções no Exercito — Um apparelo para o tiro ficticio de artilharia.

PUBLICAÇÕES NOVAS

Notas para a História das Fortificações do Ceará — Pelo seu autor, CARLOS STUART FILHO, foi, com generosa dedicatoria, oferecido um exemplar de seu interessante trabalho subordinado ao título acima, e que é uma separata da Revista do Instituto do Ceará.

São uma completa documentação sobre as fortificações levantadas em várias épocas naquelle estado nordestino, e, pela maneira com

que é exposta, tornou, além de agradável, muito interessante o seu trabalho.

Os estudiosos não podem deixar de computal-a, pois completa, todas as divulgações.

Gratos pela offerta.

Códigos Militares e Leis complementares do Brasil — Livraria F. Alves.

O illustre Dr. MARIO TIBURCIO GOMES CARNEIRO, auditor de guerra, acaba de publicar, em um só volume, um repositório dos Códigos Militares e das Leis complementares de applicação corrente nos tribunais militares do paiz.

Embora não seja um livro de assunto tecnico militar, condições que o enquadrariam nas considerações de regozijo de nossa nota do numero de Junho, pagina 565, elle, no entanto, por estar intimamente ligado ás instituições militares, nos merece um especial e mui agradável reparo. Consideramol-o de uma utilidade indiscutivel. Enfeixa nada menos que o seguinte:

Código Penal da Armada — R. I. S. G. — Regulamento Disciplinar para a Armada — Código da Justiça Militar — Regimento interno do Supremo Tribunal Militar — Formulário do Sorteio Militar e o Regulamento do Sorteio para a Armada.

Põe, assim, á disposição de quem o manuseia, todos os códigos e leis militares, em muitas ocasiões de difícil consecução. Não ha quem, fóra do Rio de Janeiro, (e mesmo aqui...), não tenha sentido a necessidade, para os serviços de justiça a que são chamados os officiaes, de ter á mão facil de computar, tão diversa documentação, esparsa, rara de conseguir e nem sempre em dia. Além de que, sabemos que se acham esgotadas todas as pequenas edições dos Boletins e Diário Oficial que tratam da matéria.

O autor enriqueceu seu trabalho com algumas anotações; é de lastimar-se que tenham sido tão raras, o que justifica em sua "Explicação necessaria".

Recomendamol-o, como documentação preciosa, de grande utilidade, imprescindível na esplanade de todo oficial, arregimentado ou não.

Ao seu autor, os nossos agradecimentos pela offerta que, com os editores, teve a gentileza de nos fazer.

Revista Militar Paulista.

E' com viva satisfação que registamos o aparecimento de mais uma revista militar, a publicação sob o título acima, mensal, da oficialidade da Força Pública do Estado de São Paulo, e cujo numero 1 nos foi, gentilmente, remetido.

Farta e variada colaboração, muito bem cuidado trabalho typographic, que dá um excelente aspecto á Revista e um bom programma de trabalho, são por certo seguro penhor de um brilhante futuro nas escassas publicações militares de nosso paiz.

Vida longa, proficia e brilhante, é o que a "A Defesa Nacional" deseja á novel Revista.

Vendas de Livros

ASSUMPTIONS

A C H E G A R

Règlement d'Infanterie — II e III partie
" *General d'Education Physique — II e*
III partie

Autores	Preço	Pelo correio mais
Tenente Olivio Bastos ..	7\$500	1\$000
Capitão Darmeval	3\$000	\$700
Coronel Abadie	5\$000	1\$000
Villanova Vasconcellos ..	7\$000	1\$500
Capitão Carastazú	7\$000	1\$000
Capitão Travassos	5\$000	1\$000
Capitão Travassos	5\$000	1\$000
 Tenente-Coronel Falcão.	 3\$000	 1\$000
Major. Dr. Murillo Cam-		
pos	20\$000	2\$000
Major Alberto de Maga-		
lhães	25\$000	2\$000
 Coronel Triguier	 4\$500	 1\$000
Genesco de Castro	8\$000	1\$500
Capitão Silva Barros ..	7\$000	1\$500
Cap. Darmeval	3\$000	\$700
Capitão Travassos	6\$000	1\$000
 Cmte. Audet	 3\$000	 \$700
Cmte. Fontanges	9\$500	2\$000
.....	3\$000	\$700
.....	2\$600	\$700
.....	10\$000	1\$500
.....	—	—
.....	6\$000	\$700
.....	6\$000	\$700
..... a.	2\$600	\$700
.....	1\$800	\$700
.....	4\$000	1\$000
Capitão Salmon	6\$500	1\$000
Bendent	2\$200	\$700
.....	7\$500	1\$500
General Pelecier	2\$500	1\$000
.....	18\$000	3\$000
.....	2\$800	1\$000
.....	1\$500	\$700
.....	2\$500	1\$000
.....	3\$000	1\$000
.....	3\$000	\$500
.....	7\$500	\$500